



SÉRIE
Dinastia Brieane
VOL. 2

A PRINCESA *da rosa*

Autora da série Belle Époque
DIANE BERGHER



SÉRIE
Dinastia Brienne
VOL. 2

A PRINCESA *da Rosa*

Autora da série Belle Époque
DIANE BERGHER

Copyright © 2019 Diane Bergher

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Revisão: Camille Chiquetti

Preparação de texto: Julia Lollo

Capa: Michaelly Amorim

Diagramação digital: Layce Design

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição digital | Criado no Brasil



<u>Sinopse</u>
<u>Nota da autora</u>
<u>Capítulo 01</u>
<u>Capítulo 02</u>
<u>Capítulo 03</u>
<u>Capítulo 04</u>
<u>Capítulo 05</u>
<u>Capítulo 06</u>
<u>Capítulo 07</u>
<u>Capítulo 08</u>
<u>Capítulo 09</u>
<u>Capítulo 10</u>
<u>Capítulo 11</u>
<u>Capítulo 12</u>
<u>Capítulo 13</u>
<u>Capítulo 14</u>
<u>Capítulo 15</u>
<u>Capítulo 16</u>
<u>Capítulo 17</u>
<u>Capítulo 18</u>
<u>Capítulo 19</u>
<u>Capítulo 20</u>
<u>Capítulo 21</u>
<u>Capítulo 22</u>
<u>Capítulo 23</u>
<u>Epílogo</u>

[Agradecimentos](#)

[Outras obras](#)

[Sobre a autora](#)

[Contato](#)





Evan de Brienne é o primogênito do Duque de Lyndford, mas quis o destino que ele nascesse antes de seus pais se unirem em matrimônio de acordo com as leis normandas. Assim não poderá ser o sucessor de seu pai, o que o faz aceitar o encargo de Guilherme II para que amplie as fronteiras do Reino. As ordens do rei foram claras, e para que Evan possa ser recompensado com o título de marquês, recebendo terras e riquezas, precisa encontrar a princesa galesa desaparecida, cujo pai fora morto pelo exército normando meses antes, e com ela se casar.

Myrna Gallarach viu seu pai sucumbir ao peso da espada dos normandos e precisou buscar refúgio junto a um dos reis irlandeses aliado de seu povo para não ser feita prisioneira, aceitando em troca se casar com seu protetor. Crente de que jamais seria encontrada, é surpreendida no dia do seu casamento por um cerco e levada por Evan de volta às terras em que cresceu para se tornar sua esposa.

Um encontro tramado pelas mentes de poderosos, uma atração incapaz de resistir à guerra e uma paixão que nascerá do acaso, obrigando-os a fazer uma escolha entre o amor e o ódio.

Às mulheres que acreditam que a paz
somente pode ser conquistada através do
amor.



Em *A Dama da Floresta* apresentei aos meus queridos leitores a Grã-Bretanha do século XI, por alguns estudiosos tido como o século que marcou o fim da Alta Idade Média, ainda influenciado pelas religiões pagãs, que cultuavam a natureza como uma divindade. Embora não tendo a intenção de ser fidedigna à história, fui beber de acontecimentos reais para compor seu enredo, mesclando-o com elementos da mitologia e da fantasia. Criando, com isso, o cenário perfeito para outras histórias de amor impossível e marcando o nascimento de uma série em que apelidei de *Dinastia Brienne*.

Como já havia comentado no livro anterior, os normandos, quando atravessaram o Canal da Mancha, sob a liderança de Guilherme, encontraram anglo-saxões já estabelecidos, e ainda outros povos, como os galeses ao oeste. Guilherme, então, adotou uma política expansionista, reforçando as defesas da terra recém-anexada à coroa normanda por meio da construção de castelos e fortalezas de pedras e promovendo casamentos entre seus aliados e os nobres locais.

Os normandos também eram cristãos e a Igreja Católica estava no início de sua consolidação como entidade espiritual universal. Já a maioria dos nativos da Grã-Bretanha cultuavam o paganismo e vários deuses, representados por divindades ligadas à natureza. Tidos por selvagens por seus valores e costumes diferentes, eram temidos e dificultavam a expansão da unificação da Inglaterra, resistindo bravamente por séculos.

Com a morte de Guilherme I, considerado pelos historiadores o primeiro grande unificador da Inglaterra, seu filho Guilherme II, conhecido como O

Ruivo, assumiu o trono da Inglaterra, enquanto seu outro filho Roberto tornou-se Duque da Normandia, e assim a Inglaterra passou a ter um governo mais focado na proteção das fronteiras e na continuação da política de seu pai, consolidando a maior parte das estruturas que foram fundadas por ele.

E assim se configurou o cenário histórico-político para servir de pano de fundo para mais uma história de amor: a de Evan e Myrna. Ele, o filho bastardo de Eileen e Aaron, e ela, a princesa galesa que deve ser resgatada por Evan para com ela se casar e assim receber um título de nobreza e terras para administrar em nome de seu novo rei.

A Princesa da Rosa é a continuação do legado de Eileen e Aaron, perpetuando, por meio de um recorte fantasioso da história universal, o ideário de que o amor tudo pode, basta acreditar em sua força. Dois mundos separados pelo ódio e pela ganância de homens poderosos, que não medem esforços para ter o que desejam, unidos pela força do amor, o mais sublime dos sentimentos, que é capaz de curar as mazelas do mundo.

Novamente, contemplamos a história do encontro do feminino com o masculino em um equilíbrio perfeito e majestoso. Conquista e preservação que aparentemente são opostos, mas que podem se equilibrar sob o amparo do amor, ditam a aproximação de Evan e Myrna e os tocam além da compreensão racional, desafiando-os a questionar suas crenças e assim decidir em sintonia com o coração.

Com carinho,
Diane Bergher.



Capítulo 01

Evan havia sido chamado pelo pai, o poderoso Aaron de Brienne, Duque de Lyndford e um dos braços direitos do falecido Guilherme I, para uma conversa junto de sua mãe e de um de seus irmãos mais novos.

As festividades do casamento de Adele com um nobre saxão haviam findado e praticamente todos já estavam recolhidos. Toda a família havia viajado para o Condado de Whortshire para celebrar o casamento de sua irmã mais velha com o filho de um poderoso aliado de seu pai e assim ser a Condessa de Whortshire, um título que lhe fora reservado logo ao nascimento.

As terras de Whortshire passaram a pertencer ao seu pai quando se casou pela segunda vez com Lady Mildred Winifred por imposição do rei, vindo a se suicidar poucos meses depois das bodas. Mas como Aaron não queria se envolver com a sua administração, legou-as à sua primogênita, nomeando um de seus mais valorosos guerreiros como administrador até que Adele atingisse a idade para se casar e assim assumir sua posição junto ao povo de Whortshire.

Adele de Brienne era filha do primeiro casamento de Aaron e foi criada por Eileen como filha desde o nascimento, já que a primeira esposa faleceu ao dar à luz. A história de amor dos pais era um orgulho para Evan, mas também sabia que um amor tão grande quanto o deles exigia dedicação e renúncias que ainda não lhe eram totalmente compreendidas. Aaron e Eileen precisaram superar muitos obstáculos para ficarem juntos e faziam questão de ensinar aos filhos que o amor sempre valeria a pena.

Evan havia nascido antes do casamento de seu pai com a princesa galesa Eileen Arwel e, por isso, pairavam dúvidas quanto a sua filiação, embora tenha

sido o primeiro varão. Guilherme I, conhecido por todos como o *Rei Conquistador*, alcunha merecida por ter unificado os territórios da Britânia, o havia reconhecido como um legítimo Brienne. Infelizmente, com sua morte, seu filho Guilherme II revogou a legitimidade de seu nascimento, fazendo-o ser considerado um bastardo. Aaron não conseguia se conformar com isso.

— O rei enviou-me um mensageiro esta manhã. — O duque falou com os olhos voltados ao filho mais velho, praticamente uma cópia sua aos vinte e pouco anos. De todos os filhos, Evan era o mais parecido com o pai e toda a implicância de Guilherme II não encontrava razões para persistir. Mas Aaron sabia que monarcas podiam ser intransigentes quando queriam. — Ele tem uma proposta para ti, meu filho! — Entregou o pergaminho a Evan para que o lesse. Todos os Brienne eram educados e sabiam ler e escrever, inclusive as mulheres, por insistência da duquesa.

— Ele quer que eu vá até a Irlanda para recuperar uma princesa galesa e uma vez feito isso que me case com ela?! — Evan bufou de frustração.

— Isso não pode estar acontecendo de novo! — Eileen com seus profundos olhos esverdeados e cabelos ruivos recolhidos em uma longa trança olhou para o marido em busca de amparo.

— Não tema, meu amor! — Aaron se aproximou da esposa e acariciou sua face, consolando-a pelas lembranças do passado quando o rei o havia obrigado a desposar uma herdeira saxã como parte de seus planos expansionistas, que tudo indicava que seria levado ao pé da letra pelo seu filho agora que era o novo rei. — Nosso filho só irá se quiser. — Ela concordou mais tranquila.

— Mas seria a solução para Evan! — Marcel, até então calado, fez seu aparte. — Tudo indica que se meu irmão se casar com a tal da princesa desaparecida, ele receberá terras e o título de marquês, um dos mais importante depois de duque e ainda com o benefício de receber reforços do rei, pois as terras ficam na fronteira e precisam ser bem protegidas.

Evan acabou por concordar com o irmão mais novo. Marcel havia nascido quase dois anos depois dele e eram muito próximos, assim como de Adele e Alis. Havia mais quatro irmãos, mas ainda eram crianças e os mais velhos se sentiam como pais deles. Contam que havia ganhado este nome para homenagear o melhor amigo de seu pai e o primeiro marido da mãe. Sir Marcel Dupont havia se casado com Eileen para protegê-la da fogueira por ordens de

seu pai quando eles já eram amantes e foi justamente em uma emboscada contra sua vida que o leal guerreiro fora morto. A história de seus pais era fantástica e cantada pelos bardos em belos versos.

— Marcel está certo! – Evan levantou da cadeira e se aproximou do pai e da mãe. — Guilherme II não irá mudar de ideia e jamais poderei herdar o Ducado de Lyndford quando o dia chegar. De qualquer forma, se fosse considerado como legítimo filho, o peso de ir em busca de suas próprias terras recairia sobre os ombros de Marcel.

— Mas eu posso ir em seu lugar e assim obedecer às ordens do rei. – Marcel interviu. — Não me agrada saber que herdarei o Ducado de Lyndford quando é seu por direito. Apenas tentei ser prático ao imaginar que é uma boa solução sem termos que nos indispor com Guilherme II. – Pontuou com praticidade, uma de suas características mais marcantes.

— E está certo! – Evan bateu no ombro do irmão. — Concordo com o que falou e, meu pai, pode responder ao rei que eu aceito.

— Mas, meu filho... – Eileen não se conformava com a decisão. Todos pareciam não se dar conta do que Evan abriria mão. Para ela não se tratava de terras e poder, mas da felicidade de seu primogênito. — Não tome uma decisão precipitada. É de seu futuro que tratamos.

— Eu sei, minha mãe! – Evan se aproximou da mãe e a envolveu em um caloroso abraço, retribuindo a doçura com que ela o havia criado. Todos respeitavam a duquesa por saber que ela sempre foi o elo que os unia. — Quem sabe essa princesa seja a mulher da minha vida?! – Brincou e a mãe lhe sorriu. — A senhora, afinal, era uma princesa perdida também e meu pai a achou na floresta.

— Mas passamos por muito até encontrarmos a paz, meu querido. Não queria que o mesmo lhe acontecesse, com nenhum dos meus filhos. Porém, estou consciente de que a decisão é sua! E se está seguro disso, apenas posso lhe apoiar como sempre fiz. – Evan se abaixou para receber um beijo da mulher que até então lhe era única em seu coração, que havia lhe ensinado o gosto pelas pequenas coisas da vida.

— As princesas galesas são as mais belas, meu filho! – Aaron lhe estendeu a mão como um cumprimento trocado entre guerreiros, porque seu pequeno garoto havia crescido e merecia ser tratado com tal distinção. — Olhe para minha

Eileen e veja se não fui um sortudo ao tê-la encontrado em uma floresta! – Os quatro riram do comentário exagerado, mas o duque fez pouco caso e ainda beijou a esposa na boca com deleite, fazendo-a enrubescer de vergonha.

— Aaron, por favor! Quantas vezes mais tenho que pedir para você não me beijar na frente das crianças? – Apesar das mechas prateadas que enfeitavam sua farta cabeleira negra, o Senhor de Lyndford continuava muito disposto nos assuntos do prazer carnal. Se não fosse assim, não teriam tido oito filhos e feito da esposa a lenda do ventre fértil.

— Crianças, nós? – Marcel soltou uma gargalhada que foi acompanhada pelo irmão mais velho. — Adele acabou de se casar e acredito que logo a senhora será avó. Não há do que se envergonhar, pois sabemos muito bem como os bebês são feitos.

— Pois todos são minhas crianças mesmo sendo maiores do que eu. – Eileen revirou os olhos.

— Então, está decidido! Evan irá em direção a Rixton assim que tudo estiver preparado para a viagem. Será uma longa viagem até Rixton, onde fica as terras dos Gallarach. – Aaron comentou pensativo.

— Gallarach me parece um nome irlandês. – Evan considerou. — Sabe de algo sobre esse clã? – Perguntou à mãe.

— Certa vez minha tia falou deles. São de fato irlandeses, mas fixados há longa data nas terras galesas. Não sei mais do que isso, já que praticamente cresci na floresta. – Eileen respondeu também pensativa. — Talvez por isso sua prometida tenha buscado refúgio entre os povos irlandeses.

— O mais óbvio, meu amor! – Aaron se espreguiçou, sentindo o peso da idade e das muitas batalhas que havia lutado. — Creio que é só questão de Evan organizar uma pequena tropa e partir. Não precisa de muito homens, já que Rixton foi cercada há alguns meses. O rei foi claro quanto a isso, que lá você terá um grande exército para comandar. Porém, aconselho que escolha alguns guerreiros valorosos de Lyndford. Um bom líder precisa contar com o apoio de homens de confiança antes de tudo. – Marcel iria falar, mas o pai o impediu. — Nem pense em querer se juntar ao seu irmão. Até segunda ordem, é o herdeiro de Lyndford e precisa ficar ao meu lado para aprender tudo sobre a administração da propriedade.

— Mas como poderei ser um guerreiro se não me mandar para a guerra? — Marcel reclamou ao irmão, acompanhando os pais se retirarem para seus aposentos com os olhos.

O castelo de Lyndford era um dos mais ricos da região, com quatro torres altas que se erguiam majestosas, ligadas entre elas por amplos corredores, de onde sentinelas observavam a movimentação na região e poderiam antever possíveis ataques dos inimigos. Conforme os anos iam passando e a riqueza se acumulando pelo cultivo da terra e pelas pilhagens que Aaron recebia como prêmio pelas batalhas que lutava em nome do rei da Inglaterra, tapetes e móveis foram se somando ao conjunto de pedras, tornando o local agradável para se viver.

— Eu escutei isso, Marcel. — Aaron se voltou ao filho mais novo. — Irá para a guerra quando estiver pronto.

— Por isso me ofereci para ir em seu lugar. — Marcel olhou para o irmão. — De que me adianta ser o herdeiro se não posso acompanhar meu irmão em uma missão? — Soltou frustrado.

— Tenha paciência que logo nosso pai lhe enviará em alguma missão. Bem sabe que ele sempre foi mais protetor conosco em razão dos pedidos de nossa mãe. — Bateu no ombro do irmão. — Vamos dormir que amanhã será um longo dia. Provavelmente eu não retorne a Lyndford. Pretendo seguir viagem daqui para Rixton e ganhar tempo de viagem.



Na manhã seguinte, Evan foi ao encontro de seu melhor amigo para lhe contar as boas novas, nem tão boas, mas que poderiam lhe significar um futuro promissor desde que conseguisse recuperar a princesa e com ela se casar. Preferia outro tipo de missão, talvez uma que envolvesse batalhas, mas não se queixava do que lhe tinha sido oferecido.

John ficou empolgado quando lhe contou sobre a missão e ainda se dispôs a segui-lo como braço direito. Haviam lutado juntos em outras oportunidades e formavam uma excelente dupla em combate.

— Não precisa me seguir, John! — Evan respondeu ao amigo com

sinceridade, pois entenderia se ele escolhesse ficar em Whortshire agora que os novos senhores haviam se instalado definitivamente.

— Este lugar não me pertence. — Respondeu com os olhos grudados em Adele que conversava com uma senhora do outro lado do salão. — Sua irmã se casou e tem um homem para protegê-la.

— John, sinto muito! — Evan sabia do amor que o amigo sentia pela irmã. Haviam crescido juntos e o saxão ainda era mais apegado à Adele do que ele. Havia mais entre eles e sentia pelo amigo ter se apaixonado por uma mulher tão distante de sua classe social.

John havia perdido o pai ainda bebê e sua mãe, Lady Lilith, havia se casado novamente com Sir Geoffrey Conteville, nomeado administrador do Condado de Whortshire até que Adele se casasse e pudesse receber sua herança. Porém, a mãe tornara-se nobre em decorrência do casamento e John, apesar de ser adotado pelo marido da mãe, não era considerado um nobre para poder se casar com Adele. Os normandos eram muito rigorosos com as tradições do casamento e Adele como a futura Senhora de Whortshire precisou deixar de lado seus próprios sentimentos em prol de seu povo, pois Evan suspeitava que a irmã correspondesse aos sentimento do amigo, o que lhe era uma grande lástima.

— Não guardo rancor de Adele. — Falou John ainda com os olhos presos nela. — Ela precisou fazer uma escolha pelo bem do nosso povo. Não passo do filho de um camponês saxão. — Sempre acreditou que se houvesse nascido normando, teria mais chances de pedi-la em casamento.

— Isso não te faz pior do que ninguém e tem demonstrado em batalha que será digno do título de Sir como foi seu pai adotivo. Olhe o exemplo de Sir Geoffrey, apesar de normando não era nobre e se tornou um.

— Não tenho feito outra coisa desde que voltei para Whortshire. — Confessou John. — Irei com você, Evan, e lutarei pelo meu título e quem sabe também possa sonhar com uma família.

Evan sorriu para o amigo, rindo das brincadeiras que o destino lhes pregava. Ele jamais havia pensado em se casar, mas estava determinado a atravessar todo o território inglês para encontrar uma princesa que viria a ser a sua mulher, enquanto o amigo sonhava acordado com uma esposa, casamento e muitos filhos, mas sem expectativas de encontrá-los tão cedo.

— Vamos! Quero me reunir com meu pai para repassar os planos. Pretendo partir o mais rápido possível para chegarmos em nosso destino antes do inverno.
— Bateu no ombro do amigo. — Fico feliz em saber que terei você ao meu lado.

— É uma grande oportunidade para mim poder servir ao futuro Marquês de Rixton. — John falou desviando os olhos de Adele e prometendo que pararia de pensar na Brienne assim que subisse no lombo do cavalo em busca de terras distantes para o seu rei.



Capítulo 02

Evan e um pelotão de mais doze guerreiros seguiram viagem dois dias após o casamento de Adele em um trote rápido e sem muitas pausas até as terras dos Arwel, onde foram hospedados com honras por se tratarem dos parentes de sua mãe.

Seu pai havia estabelecido um acordo de cooperação mútua assim que se casou com a princesa do clã, o que facilitou que Eileen fosse aceita pelo falecido rei como Duquesa de Lyndford. O fato de ela ser uma princesa de um clã poderoso ajudou muito para que o pai pudesse se casar com a mãe, selando uma união de felicidade.

Evan tinha orgulho das conquistas dos pais, e quando era apresentado como o filho primogênito de Lorde Aaron de Brienne, o marido da princesa-curandeira, seu peito estufava. É claro que alguns normandos não o aceitavam pelo fato de que ele havia sido concebido e nascido antes do casamento ter acontecido, mas ali, junto dos Arwel, ele era respeitado e se sentia grato por isso.

Fizeram uma parada de um dia e meio e seguiram viagem até atingirem a altura das florestas mais densas, onde sua mãe havia lhe dado a luz. Ali também, junto ao povo de sua avó, mãe de sua mãe, foram muito bem recebidos e um verdadeiro banquete lhes foi servido. Os druidas o tratavam como um deles, já que havia nascido e passado seus primeiros meses naquele solo sagrado.

A calmaria da floresta de carvalhos lhe trouxe paz, embora uma das druidesas mais antigas, que inclusive havia ajudado em seu parto, o havia alertado para as provações que enfrentaria em sua árdua jornada até Rixton. Evan tentou não se deixar abalar pelas previsões da anciã, pois era um guerreiro antes de tudo, mas

respeitava a voz dos espíritos da floresta conforme os ensinamentos de Eileen.

Viajaram mais alguns dias e, ao final da terceira semana, haviam chegado na velha fortaleza dos Gallarach, onde guerreiros a serviço de Guilherme II o reconheceram assim que o avistaram. Conhecia alguns deles por terem lutado juntos em algumas campanhas militares chefiadas pelo pai, e o temor se apaziguou dentro do coração.

A velha fortaleza, ainda de madeira, parecia ter sido sitiada sem muitos esforços pelos seus contrerrâneos e a população parecia ter se adequado às exigências do novo monarca. Evan foi apresentado como o novo Senhor de Rixton e poucas pessoas o olharam desconfiadas. A fama de seu pai como um poderoso guerreiro e a benevolência de sua mãe enquanto curandeira havia chegado do outro lado da Britânia, o que não lhe deixou nada surpreso.

Mas havia algo que preocupava aquele povo. O desaparecimento de Lady Myrna continuava a ser uma incógnita e muitos acreditavam que os normandos a haviam assassinado. Os rumores eram muitos e Evan tratou de dispersar os fofoqueiros e partir para ação, dando ordens aos homens de sua absoluta confiança para que investigassem o sumiço da herdeira dos Gallarach. Estava certo de que ela não poderia ter ido longe e talvez nem fosse certo que havia atravessado o mar para se juntar aos irlandeses. De toda forma, achou prudente enviar John até a Irlanda como espião.

E assim, poucos dias depois, seu melhor amigo retornou com a notícia de que todos em Wextford se preparavam para as celebrações do casamento de seu senhor com a princesa galesa, que realmente havia buscado refúgio junto aos irlandeses. A notícia enfureceu Evan a ponto de socar uma mesa, partindo-a em duas.

— Se Lady Myrna se casar com um dos reis Irlandeses, nosso rei não me perdoará, John. — Preocupado, Evan disse ao amigo. — É certo que com o casamento, os irlandeses se julgarão no direito de reconquistar Rixton e uma guerra acontecerá.

— Não se você sequestrar a noiva e com ela se casar. — Sugeriu John, abrindo um sorriso de orelha a orelha. — Será um golpe de mestre!

— Mas não posso arriscar nossos homens sem conhecer direito a geografia de Wextford. — Comentou, considerando uma missão mais discreta para resgatar a princesa. — Talvez o efeito surpresa seja melhor para este caso em específico.

Menos homens na missão, menos chances de sermos notados, evitando assim que os irlandeses tenham tempo de se organizarem para um contra-ataque.

John concordou com a sugestão e ambos começaram os preparativos para a missão que traria de volta a princesa perdida ao seu lar. Trazê-la de volta era imprescindível para que os planos expansionistas de Guilherme II dessem certo e assim seu domínio fosse consolidado ao oeste da ilha. Os galeses eram mais arredios e vários acordos precisaram ser mantidos para que o rei normando fosse aceito. Evan sabia que seu casamento com a Gallarach era importante para a paz da região e daria o seu melhor, não permitindo que ela se casasse com um irlandês, o que o faria um fraco diante de Guilherme II.

Contariam com o efeito surpresa e os pegariam desprevenidos e despreparados para uma batalha, o que seria uma grande vantagem aos seus guerreiros, pensava Evan. Havia aprendido a pensar e a tomar decisões a partir da razão, um dos mais importantes ensinamentos de seu pai. Cercaria o forte de Wextford e raptaria Lady Myrna, casando-se com ela tão breve quanto chegassem em Rixton.

Duas luas haviam passado quando Evan deu ordens expressas para que uma embarcação fosse preparada para atravessar o mar rumo a Wextford, dando início a um dos planos mais audaciosos de sua vida de guerreiro. Mantiveram os preparativos da partida em segredo, de modo a evitar que algum espião infiltrado conseguisse avisar os irlandeses. Evan queria surpreendê-los. Não iam até lá para guerrear, mas tão-somente para resgatar a princesa do seu povo.

Sim, porque Rixton lhe pertencia e apenas precisava se casar com Lady Myrna, a herdeira, e assim oficializar o domínio normando sobre as terras dos Gallarach. Não era o sonho de Evan, mas era melhor do que ele havia esperado para sua vida depois de ser considerado um bastardo.

Evan e seus fiéis escudeiros seguiram a cavalo até a praia, onde uma embarcação lhes aguardava para fazer a travessia pelo mar. Um dos guerreiros ficou para trás para servir de retaguarda e cuidar dos animais. Do outro lado, em solo irlandês, John os aguardava com cavalos que havia conseguido comprar em um povoado distante. Tudo havia sido preparado com cuidado, considerando cada detalhe: desde a chegada, a invasão, até a fuga. Nada poderia fugir do controle, sob pena de comprometer a missão e transformar Evan de Brienne em uma fraude.

Enfrentaram algumas ondas agitadas e alguns dos guerreiros acabaram enjoados, pois não estavam acostumados com o sacolejar de uma embarcação. Acostumados a guerrear em terra firme ou sobre o lombo de bem treinados alazões, acabaram vomitando até as tripas. Mas tudo voltou à normalidade quando colocaram os pés na terra e sentiram a firmeza sob seus pés.

John ofereceu água e um preparado de ervas que havia aprendido com Lady Eileen para amenizar os incômodos do estômago. Recuperados e descansados, rumaram em direção à pequena, mas imponente fortaleza de Wextford, e uma vez lá se misturaram ao povo que se aglomerava para assistir as bodas de seu rei.

Porém, ao se tratar de um povo celta, não lhe foi uma surpresa constatar que a cerimônia aconteceria dentro da floresta, preferencialmente entre os carvalhos. Evan sorriu com a lembrança de que seus pais também haviam se casado dessa forma, embora nunca houvesse conseguido compreender direito o costume, e por não ser reconhecido como válido pelos normandos, precisaram repetir o ato quando retornaram para Lyndford.

O destino realmente pregava peças, pensou Evan. Assim como seu pai, ele precisava ir em busca de sua prometida. Lorde Aaron de Brienne vagou pela Britânia como louco atrás de seu grande amor e quando a encontrou se casou de acordo com os costumes dos povos antigos. Para eles, aquele casamento era válido, porque expressava o amor que um sentia pelo outro. Assim deveriam ser as leis normandas, pensou enquanto John discursava sobre o plano de ação que haviam elaborado mais cedo. Mas de nada adiantava remoer o impossível quando precisava cumprir com a palavra empenhada a Guilherme II.

— Será mais fácil do que imaginamos. — John olhou para o amigo que concordou com a cabeça. — Apenas precisamos ser discretos até a cerimônia iniciar para que não nos notem.

— Assim que Lady Myrna aparecer, a cercamos e a levamos para a praia. — Evan disse seguro de que tudo sairia melhor do que o planejado.



Enquanto isso, protegida dentro da fortaleza dos O'Conail, Myrna não conseguia parar quieta para que pudessem lhe arrumar os cabelos para a cerimônia de seu casamento. A jovem Gallarach sentia-se enojada ao pensar que

compartilharia a cama com um homem que tinha idade para ser seu avô. Porém, não havia muito o que fazer se quisesse continuar a ter esperanças de salvar seu povo das mãos dos malditos normandos, que haviam matado seu pai e se apropriado de Rixton como verdadeiras pragas.

Diziam que os normandos eram justos e poupavam aqueles que juravam fidelidade ao seu rei, o que não aconteceu com Seamus Gallarach. Seu pai, um valoroso guerreiro galês, que não aceitou as imposições do rei normando e pagou com a própria vida por se colocar no caminho de seus exércitos ávidos por terras e riquezas.

Myrna teve sorte ao conseguir fugir e atravessar as tormentosas águas do mar da Irlanda, conseguindo refúgio junto a um dos aliados de seu pai. Mas mesmo aliado, Tyrone O'Conail exigiu uma contraprestação para que lhe desse abrigo e proteção e não pensou duas vezes em lhe propor casamento.

Sem saber ao certo o que fazer e sentindo-se acuada, Myrna aceitou a proposta, mas sempre temendo que houvesse cometido um grande erro. Se ao menos o velho O'Conail houvesse lhe entregado como noiva a um dos seus inúmeros sobrinhos mais jovens e mais bonitos, ela poderia aceitar o fardo com mais entusiasmo, mas se casar com um velho queixoso não lhe agradava em absoluto.

Uma das criadas lhe trouxe um pedaço de espelho e ela pôde se ver. Os cabelos platinados haviam sido trançados e enrolados no alto da cabeça, onde uma tiara com pedras cravejadas havia sido presa. A túnica azul lhe caia muito bem e o cinto de metal dourado arrematava o conjunto, deixando-a com uma aparência indelével.

Myrna era tida por muitos da região como uma beldade e muitos bardos a comparavam com uma deusa, talvez pela cor muito clara de seus cabelos ou mesmo pelo tom azulado de sua íris que lembrava duas esferas de cristal, de tão translúcidas que eram. Seu corpo era esguio e delicado, o rosto apresentava traços suaves e a boca em formato de coração mexia com a libido dos homens.

No entanto, toda a delicadeza que lhe envolvia desaparecia quando deixava seu gênio inquieto se sobressair. Poderia ser tida por uma moça com hábitos normais não fosse o fato de sempre ter desejado participar ativamente dos assuntos de seu pai. Filha única, fora criada para um dia assumir a chefia do clã Gallarach ao lado de um bom marido, que o pai haveria de lhe encontrar não

fosse o fato de ter morrido pela força da espada de um normando.

— Será a mais bela entre todas as rainhas da Irlanda. — Uma das criadas falou e Myrna torceu o nariz, porque não esperava ser a mais bela e sim aquela que pudesse trazer prosperidade ao seu povo. Crescera com o desejo de fazer a diferença entre os seus e assim ajudá-los a ter uma vida mais afortunada. Não lhe importava a beleza física, joias ou a riqueza quando muitos ainda passavam fome.

Sim, a beleza sempre lhe foi um fardo, e se pudesse teria se livrado dela e assim evitado muitos problemas. Mas também compreendia que fora a beleza que a salvou da morte quando os normandos invadiram Rixton. Sempre se recordava do dia em que um dos guerreiros havia lhe deixado fugir, empurrando-a para trás de uma grossa parede de pedras quando foi encontrada junto ao pai. Foi aquele guerreiro que a salvou, mas que também matou seu pai. Ainda sonhava com a espada atravessando seu corpo e com o sangue saindo de sua boca.

— Aquiete-se, criança! — A criada insistia na conversa sem cabimento, interrompendo seus pensamentos. — É privilegiada por ter sido acolhida por nosso rei. — Myrna evitou responder, mas acabou por encher os olhos de lágrimas quando sabia que aquilo que a velha irlandesa acreditava ser um privilégio não passava de meros interesses.

O velho e enfadonho rei apenas havia aceitado desposá-la para controlar as terras que havia herdado de seu pai, além de sua incomparável beleza. Tal constatação a deixava furiosa e houvera momentos em que quis jogar tudo para o alto, voltar para suas terras e lutar ao lado de seu povo. Mas acabava desistindo porque não passava de uma mulher sozinha; talvez conseguisse o apoio de alguns, mas a grande maioria de seu clã havia jurado fidelidade a Guilherme II. Essa certeza lhe era dolorida demais; seu povo, os homens e mulheres dos quais o pai acreditava lhes serem fiéis o haviam traído miseravelmente.

Os malditos normandos não só destruíam os lares e ceifavam vidas humanas, mas também dizimavam as memórias daqueles que vieram antes deles.

— Devo me casar e é isso que farei! — Levantou secando as lágrimas dos olhos, jurando para si mesma que seria a última vez que choraria pelos infortúnios da vida. Precisava honrar o nome dos Gallarach, recuperando as terras que lhes foram tomadas injustamente, e a única forma era se tornando a

esposa de um decrépito rei.

— Todos estão muito felizes que será nossa rainha. — A criada se ajoelhou diante de Myrna que se surpreendeu com o gesto. — Sabemos que nosso rei está velho, mas ainda acreditamos que um herdeiro possa ser gerado antes de sua partida para o outro mundo. — O comentário causou repugnância à jovem princesa, que acabou com os pelos arrepiados. Provavelmente, teria que se deitar com o marido, mas isso não significava que ele seria capaz de lhe fazer um filho, pensou calada, apenas respondendo que estava pronta para seguir até a floresta, onde havia sido montado um altar para o casamento e onde seu destino estaria selado para sempre.



Capítulo 03

Myrna foi escoltada por guerreiros da confiança do Rei Tyrone até o altar onde o receberia como esposo diante dos espíritos da floresta, mas seu coração, assim como sua alma relutavam para aceitá-lo como tal. Fez uma breve prece antes de olhá-lo nos olhos e deixou-se levar pela certeza de que estava fazendo a coisa certa, por mais confuso que tudo se mostrasse. Um druida os recebeu e os abençoou antes de cada um proferir seus votos. Ainda dava tempo para desistir, a princesa pensava, mas sempre afastando a ideia ao deixar as lembranças da morte de seu amado pai lhe invadirem a mente.

O velho Tyrone se colocou em frente à Myrna, pegando-a pela mão, sentindo-se gratificado por ter sido recompensado pelos deuses com mulher tão bela. Mas foi interrompido subitamente quando um grito estridente irrompeu do meio da mata e um guerreiro armado até os dentes invadiu a celebração como se fosse o dono do mundo.

E a julgar pelo seu porte avantajado e os fortes músculos marcados pela armadura que impunha junto ao corpo, ele poderia se passar facilmente por um deus.

— Quem é você e como ousa atrapalhar meu casamento? – Bradou o velho rei, tentando sacar de sua cintura a pesada espada que Evan julgou lhe servir mais como um adorno e não uma arma.

— Mantenha a espada onde está ou a princesa morre! – Blefou, puxando Myrna para seus braços, deixando-a petrificada ao reconhecê-lo como um dos homens do rei normando. — Partiremos em paz, sem batalha, embora meus guerreiros desejem muito acabar com a raça dos irlandeses. — Sorriu

zombeteiramente, como uma provocação de que não estavam para brincadeira.

Tyrone olhou à sua volta e viu vários guerreiros normandos à sua espreita. Não poderia arriscar a integridade de seu povo, que havia baixado a guarda para a celebração do casamento de seu rei. Seria uma matança a julgar pela sede de sangue que via nos olhos dos normandos que os espreitavam como lobos.

— O que quer para nos deixar em paz? — Tentou uma negociação e Evan soltou uma gargalhada.

— Nada em específico! Não quero nada de você, maldito irlandês, apenas o que me pertence por direito. — Segurou Myrna mais firme contra seu corpo.

— Do que fala? — Um dos braços direitos do rei irlandês fez um aparte.

— Falo de Lady Myrna, a noiva que me foi prometida. — Respondeu Evan com orgulho estampado em seu semblante. — Sou o novo Senhor de Rixton e devo me casar com a herdeira dos Gallarach o mais breve possível. Por isso viajei dias no lombo de um cavalo para chegar e cumprir com minhas obrigações e, ao chegar, descobri que minha prometida estava com casamento marcado com meu vizinho irlandês. — Debochou e Myrna tentou se soltar do aperto. — Aquiete-se. — Evan lhe disse no ouvido.

Um dos guerreiros de Tyrone tentou revidar, mas foi impedido por John que estava de olhos bem abertos.

— Não posso me casar com um de vocês, malditos normandos! — Myrna chutou a canela de Evan e ele urrou de dor, mas não afrouxou o aperto.

— Aquiete-se, já falei! — Falou com os olhos em fúria e Myrna percebeu que ele facilmente a mataria, bastava torcer seu pescoço. — Leve-a ao barco, John! — Entregou-a para o amigo que partiu sem sequer olhar para trás. — Partiremos. E se alguém tentar nos impedir juro que em menos de duas horas, Wextford estará completamente destruída. Tenho homens em todos os cantos e estão loucos para lutar. — Evan fez uma mesura elegante, revelando a nobreza de sua criação, um ato que foi identificado pelo rei e que lhe deu certeza de que ali estava negociando com alguém muito importante apesar de sua aparente juventude.

— Quem é você? — Perguntou. — Ao menos tenho o direito de saber quem ousou me atacar sorratamente pelas costas. — Levou as mãos à farta barba acinzentada, que escondia parte das rugas que lhe enfeitavam o rosto.

— Evan de Brienne. — Respondeu em alto e bom tom para que todos pudessem saber que ali um Brienne havia feito história.

— O filho de Aaron de Brienne? — Alguém da multidão gritou.

— O próprio. — Evan falou, abrindo um sorriso de canto, satisfeito que a fama de seu pai havia cruzado os mares, tornando-o uma lenda também entre os irlandeses.

Aquela conversa acabou por distraí-lo e um dos homens de Tyrone tentou lhe atacar, quase o acertando com a espada na altura do ombro não fossem seus ótimos reflexos. Evan sacou de sua espada e contra-atacou com tanta habilidade que dentro de poucos minutos, seu oponente havia sido colocado ao chão.

Evan, então, voltou-se ao rei irlandês e deixou seu último recado.

— Ousem novamente desafiar a mim ou ao meu rei e juro que destruirei sua terra, majestade! — Sorriu ao velho rei, que parecia cansado demais para revidar o ataque. Evan sequer conseguia acreditar que um homem era capaz de viver tanto e ainda ter a audácia de querer se casar.

— Terá minha palavra de que não atacaremos, nem impediremos a fuga, mas isso não fica assim, jovem Brienne. — Evan simplesmente deu de ombros. — Um dia estarei ao seu alcance para recuperar Lady Myrna e Rixton, juro por minha vida. — Acabou se engasgando e Evan se controlou para não soltar uma gargalhada. Seu pai havia lhe ensinado a evitar a insolência diante dos mais velhos, mesmo que eles fossem o inimigo.

— Esqueça, O'Conail! Rixton já é dos normandos e será oficialmente minha assim que me casar com Myrna Gallarach. — Respondeu provocativo. — Não será um velhote a me impedir. — Deu as costas aos irlandeses com a graça de um deus e a segurança de um demônio, juntando-se aos seus homens que lhe protegeram pela retaguarda.

Evan sabia que havia irritado o rei irlandês e pouco lhe importava quando o próprio havia zombado da força dos exércitos normandos. Os irlandeses tinham a fama de bravos guerreiros, mas ali naquela cena deplorável que foi obrigado participar, nada mais encontrou do que um velhote carcomido pelo tempo e sendo idolatrado por meia dúzia de babões.

Porém, uma das coisas que havia aprendido com Aaron era não fazer pouco caso das debilidades de seu inimigo, ainda mais quando havia uma desvantagem

envolvida. Evan não lhes deu tempo de se organizarem e estavam todos despreparados. Talvez em um próximo confronto poderia não ser assim tão fácil, mas também não lhes deixaria ganhar facilmente.

— Onde a colocou? – Evan perguntou à John assim que subiu na embarcação. Odiava andar de barco, e se não fosse a rebeldia de sua noiva não precisava sentir os malditos enjoos, que nem mesmo o preparado de sua mãe foi capaz de afastar.

— Junto à popa. – Respondeu lhe oferecendo água. — Foi mais fácil do que pensamos. – Comemorou.

— Porque os surpreendemos desarmados, mas nem sempre podemos contar com isso, John! Meu pai me alertou quanto à bravura dos irlandeses e devemos redobrar a vigilância junto à praia. Quero que cuide pessoalmente dessa parte. – O guerreiro assentiu.

— O que fará com ela? – Perguntou, fazendo com que Evan a observasse com mais cuidado. Myrna estava com os pulsos amarrados e a cabeça encostada na parede do barco, olhando para o céu estrelado como se estivesse em busca de proteção. Parecia assustada e também um pouco cansada. Mas era de uma beleza etérea que nenhum homem conseguia deixar de perceber.

— Me casarei com a princesa o mais breve possível antes que alguém resolva raptá-la de volta. – Falou sem tirar os olhos da mulher que lhe parecia uma miragem ali sentada, tentando demonstrar uma fortaleza impossível de existir dentro de corpo tão delicado.

— É uma visão sua noiva! – John soltou. — Perdoe-me, mas todos comentam quanto a sua beleza diferente.

— Diga aos homens que tomem cuidado. – Evan coçou o queixo, sentando-se ao lado do amigo enquanto outros dois homens recolhiam a âncora da embarcação.

— Nenhum de nós ousará tocá-la. – John se sentiu ofendido diante do comentário.

— Eu sei, mas devo avisá-los que Lady Myrna tem um chute certeiro. – Coçou a perna onde havia sido atingido pelo chute dela e abriu um sorriso.

— Deveria ir até ela para tentar conversar. – John sugeriu.

— Teremos tempo para isso quando chegarmos em Rixton e estou cansado demais para enfrentar a fúria de uma mulher. — Voltou a olhar para a Gallarach, a fim de ter certeza de que era de carne e osso.

Uma bobagem, pensou, pois havia sentido o calor de sua pele, seu aroma de ervas frescas e, por que não dizer que foi capaz de ouvir as batidas de seu coração? Era sim de carne e osso, uma mulher como outra qualquer, e que poderia ser muito perigosa inclusive.

— É apenas uma garota, Evan! — John bateu em seu ombro.

— Fala isso porque não tem irmãs como as minhas. — Revirou os olhos, recordando-se de Adele e Alis que eram mais duronas do que muito guerreiro. — Garotas contrariadas podem se tornar o pior tormento na vida de um homem. Pergunte para Marcel da próxima vez que o encontrar.

— Adele não parece assim tão perigosa! — John considerou, deixando-se levar pelas memórias do tempo em que podia desfrutar de sua companhia.

— Por que nunca a contrariou, caso contrário, seria vítima de seu mau humor. Adele pode ser a mais gentil, mas ouse provocá-la e terá que lidar com um demônio que usa saias.

John não concordava com aquilo, mas talvez estivesse enfeitiçado e não poderia ver muito além das qualidades de sua amada. Adele sempre seria o exemplo de perfeição e nem a beleza exótica da princesa galesa conseguia ofuscar o que sentia por ela. Havia aprendido muito cedo que o amor cegava um homem, por mais que ele lutasse contra o sentimento.

— Um dia poderá ser surpreendido pelo amor, meu caro. — Falou como um desabafo feito de amigo para amigo.

— Posso até ser, mas duvido que mudarei de ideia quanto ao perigo que pode ser uma mulher enfurecida. Cresci entre elas e as amo com toda minha alma, mas corro léguas de cada uma quando estão enfurecidas. Transformam-se em verdadeiros demônios. — Os dois caíram na gargalhada.



A viagem de volta a Rixton não teve surpresas e logo puderam desembarcar

na praia e seguir viagem até a fortaleza, onde o povo os saudou efusivamente por terem trazido de volta sua princesa.

Evan fez questão de cruzar os portões de madeira com Myrna sentada em sua montaria. A proximidade com a galesa lhe atíçou pensamentos indecentes e talvez John estivesse certo quando havia insinuado que o destino lhe sorriu ao reservar moça tão bela como esposa. Mas havia algo em seu olhar que o preocupava, que o alertava para não abaixar a guarda. Ela havia sido inimiga do seu povo até pouco tempo e possivelmente os culpasse pela morte do pai.

— Seja bem-vinda de volta ao lar! – Evan a saudou, ajudando-a a descer do cavalo.

— Não é mais meu lar. – Myrna falou pela primeira vez na presença do novo Senhor de Rixton, deixando Evan surpreso com a suavidade de sua voz. Tudo na Gallarach lembrava a mais pura delicadeza, não fosse a ira que jurava iluminar seus olhos quando contrariada.

Evan poderia tê-la repreendido, mas acabou embasbacado por sua beleza nada comum, que não encontrava comparação. Myrna era como uma deusa descida dos céus e seu fresco perfume acabou por lhe nublar os pensamentos, fazendo-o estranhar as próprias reações do corpo. Sim, a princesa lhe atraía muito e seria um mentiroso se afirmasse que casar-se com ela seria apenas o cumprimento de uma ordem de seu rei.

O contato visual que os dois haviam estabelecido fora quebrado pela algazarra do povo que queria cumprimentar e celebrar sua princesa. E foi então que ela sorriu e Evan acabou tomado de uma emoção que jamais havia sentido. Ali naquele fim de mundo, tão longe daquilo que havia acreditado como certo para seu futuro, a felicidade poderia ser conquistada.

Era uma questão de tempo.

— Vai virar as costas para o seu povo, princesa? – Perguntou a fim de provocá-la.

— Para os meus, jamais! Mas não posso dizer o mesmo do seu povo. – Myrna respondeu com a postura de uma rainha e Evan conseguiu compreender os motivos que levavam os seus a amá-la tanto. Havia ali uma alma de guerreira presa dentro de um corpo esguio, cuja brancura da pele lhe fazia praticamente um ser angelical, de outro mundo.

— Não há mais galeses e normandos, Lady Myrna! Seu povo aceitou os meus, assim como o meu aceitou os seus, e somos um só a partir de agora. — Falou em voz alta, puxando-a pela mão até perto da multidão de homens, mulheres e crianças que os acompanhavam com os olhos, ajoelhando-se em seguida diante dela como um honrado cavaleiro deveria agir. — Em nome do Rei Guilherme II e como Marquês de Rixton, o senhor destas terras, estou aqui para casar-me contigo e assim unir nossos povos em uma única nação. — Levou a mão ao coração como um juramento de que seriam um só para sempre.

Todos foram surpreendidos com a ousadia do jovem guerreiro, cuja fama do pai o fazia temido, e urros rebombaram pela fortaleza como o sinal de que ele havia conquistado a confiança de todos, bem como a aceitação como o novo chefe do clã.

Myrna estremeceu de raiva, dando-se conta de que foi usada como peça de um jogo onde o normando não estava disposto a perder. Acabou sim encurralada e sem opção, forçada a estender a mão como sinal de que o recebia como marido e como o novo Senhor de Rixton. O povo estava encantado com aquele forasteiro e se o rechaçasse, perderia o respeito daqueles que sempre lhe foram importantes, seu povo.

Ela o odiava por isso também, por tê-la feito de tola na frente de seu clã, a família que mais amava. Havia fugido na tentativa de conseguir meios de livrá-los do poder dos normandos, mas havia cometido um terrível erro.

Myrna não conseguiu proferir uma resposta ou mesmo uma declaração em agradecimento pelas preocupações de todos. Queria que um buraco se abrisse para desaparecer, talvez assim sua decepção e vergonha pudessem ser esquecidas.

— Lady Myrna precisa descansar, pois foram dias em cativeiro junto aos irlandeses. — Evan continuou a inventar mentiras acerca de seu sumiço e ela o odiou um pouco mais por isso. — Mas tenham certeza de que minha noiva está muito feliz em retornar para sua casa, junto ao seu leal povo.

Aquilo havia extrapolado o limite do tolerável e Myrna puxou a mão de volta, dando-lhes as costas, pisando duro e tomando o rumo da casa senhorial, desejando apenas se esconder daquele insolente homem, que era belo como um deus e prepotente como um demônio, tão diferente do velho rei irlandês que quase a desposou não fosse sua súbita chegada.

Havia algo no normando que a intrigava e só de pensar nele fazia os pelos de seu corpo arrepiarem. Deveria odiá-lo, sim, Myrna o odiava mesmo sabendo que não havia sido ele a tirar a vida do pai, mas tão-somente porque era um normando, a personificação da tragédia que havia se abatido sobre ela meses antes.

Porém, o que a havia deixado decepcionada foi a tranquilidade que reinava em Rixton, onde galeses e normandos pareciam trabalhar e conviver pacificamente como se nada tivesse acontecido, como se o invasor não tivesse subjugado a força dos galeses e destruído plantações e queimado casas meses antes. Seu pai, com certeza, estaria envergonhado de tal conduta e isso a deixava entristecida e sem saber o que fazer ou a quem recorrer.

Haviam brindado o anúncio de seu casamento com Evan de Brienne com tanta vontade que aquilo pareceu uma afronta à memória do pai, como se ele não tivesse um dia sido o Senhor de Rixton. Sentia-se traída e muito cansada pela longa noite que havia passado em claro, temendo fechar os olhos e acabar sendo violentada por um dos normandos, que com seus olhos negros e tez sisuda pareciam querer devorá-la. E poderia assim ter acontecido se não fosse o fato de que ali ela era a noiva do chefe, um jovem metido que pouco devia saber sobre liderança e administração.

Myrna odiava o fato de ter nascido mulher em um mundo onde os homens esqueciam constantemente que dependiam delas para muitas coisas. Não bastava terem matado o pai, ter lhe despojado das terras, ainda haviam lhe dado de presente para consolidar uma hegemonia que não estava disposta a conceder.

Haveria de fazer algo contra isso. Ao menos haveria de tornar a vida de Evan de Brienne um tormento, nem que fosse a última coisa que fizesse.



Capítulo 04

A fortaleza de Rixton, apesar de bem posicionada, era arcaica em comparação aos resistentes castelos normandos. As muralhas de madeira não eram sólidas o suficiente para suportar as forças das catapultas e aríetes. Evan precisava reunir homens para substituí-las por muros de pedras e melhorar as instalações da casa senhorial, que não oferecia conforto aos seus moradores. Havia poucos cômodos e apenas dois andares, no qual o segundo era ocupado por duas espaçosas salas que serviam de dormitórios para o antigo senhor e sua filha. Também pretendia construir uma torre alta o suficiente para que a vigília fosse mais eficaz.

Myrna havia se trancado dentro de seu quarto e Evan sabia que precisava deixá-la sozinha pelo tempo necessário para que pudesse se acostumar com sua nova condição. Era a noiva do Marquês de Rixton e logo precisaria ocupar seu lugar no futuro castelo que ele planejava erguer ali próximo.

Logo que chegou considerou aproveitar as instalações que havia encontrado, mas acabou abandonando os planos, pois John em uma ronda de reconhecimento havia encontrado um terreno melhor e mais elevado para se erguer um castelo, perto de uma pedreira, o que facilitaria o trabalho e reduziria a mão de obra.

Evan discutia com seus homens de maior confiança sobre os planos da construção do castelo quando avistou a noiva no alto da escada que dava acesso ao segundo piso, olhando-o com os olhos apavorados. Ela parecia desgostosa com o que ouvia apesar de sua postura ereta relevar a altivez de uma verdadeira rainha.

John cutucou os outros guerreiros e todos se retiraram a fim de deixá-los

sozinhos. Nem as mulheres que os serviam ousaram permanecer ali quando sabiam que os dois precisavam de um tempo sozinhos para estabelecer um convívio harmônico.

Myrna recolheu a túnica de cor marrom e desceu os degraus de madeira devagar. Seus cabelos claros, tão platinados que lembravam o brilho da lua em uma noite sem nuvens, estavam soltos e cascadeavam pelas costas em uma combinação impressionante com o tecido rústico de suas vestes.

Evan piscou algumas vezes a fim de estar certo que ainda continuava no plano terreno e que não havia sido levado para junto de alguma das divindades do povo de sua mãe, cujas histórias lhe serviam de distração antes de dormir. A noiva poderia facilmente ser confundida com uma. Aliás, o título de Deusa da Lua lhe assentava muito bem, mas não recordava se existia uma. Em sua cabeça se uma existisse seria como Myrna Gallarach, com pele alva, cabelos claros e olhos cristalinos como a mais límpida das águas.

— Presumo que esteja recuperada, minha noiva? – Evan arqueou o corpo em uma mesura para cumprimentá-la, sem deixar de perceber que Myrna havia trincado os dentes a fim de conter a fúria que havia lhe tomado por apenas dividir o mesmo recinto. E aquilo poderia tê-lo deixado bravo, mas decidiu tomar outro caminho ao se recordar das irmãs que acabavam ainda mais furiosas quando ele as confrontava diretamente. — O que foi, minha querida? – Provocou-a de propósito, ainda atordoado por sua beleza exuberante.

— Posso ser sua noiva por um infeliz acaso do destino, mas me recuso a ser sua querida! – Encarou-o nos olhos e Evan teve certeza de que lidava sim com uma deusa, lembrando-se de que a mãe insistia que eram temperamentais e nunca deveriam ser desafiadas. Infelizmente, a beleza de Myrna o cegou e não pôde resistir à vontade de bajulá-la, em que pese ter sido uma decisão equivocada a julgar pela tormenta de emoções nada amistosas que lhe tomavam as faces.

Evan era um guerreiro, assim como seu pai, treinado no ardor das batalhas desde tenra idade, mas isso não o tornou um homem insensível; ao contrário, a relação de cumplicidade e amor de seus pais lhe serviram de lição para acreditar que um casamento poderia ser mais do que uma obrigação e ele queria isso, faria de tudo para que seu casamento pudesse chegar perto do de Aaron e Eileen, porque foi ensinado a perseguir isso.

Porém, o jovem marquês também sabia que teria que lutar contra a determinação de uma mulher em se vingar. Myrna estava cega de ódio e não tornaria as coisas tão simples para ele.

— Por que não aceita o fato e tenta se adaptar? – Arriscou, com os olhos presos nos dela.

— Por que não me mata e acaba com esse tormento? – Respondeu altiva, fazendo questão de irritá-lo, atingindo seu objetivo.

Evan se aproximou dela com passos largos e a prendeu contra a parede, colando sua testa na dela, intimidando-a com sua altura e porte avantajado. Era um homem ainda mais alto do que seu pai e isso lhe dava vantagens nas batalhas. Encarou-a e foi capturado por seus olhos claros, que eram capazes de revelar as entrâncias de sua alma e ainda enfeitiçá-lo para que fizesse o mesmo. Agarrou seu queixo delicado, sentindo os dedos formigarem pelo desejo de possuí-la ali mesmo e terminar com toda a aflição que o havia tomado assim que a viu pela primeira vez.

Era bela como uma deusa e imaculada como um anjo.

Mas era sua noiva e não estava disposto a lhe facilitar a vida.

— Porque não costumo jogar tesouros fora, meu amor! – Disse ainda com o corpo colado ao dela. Estava duro de desejo e o ímpeto de possuí-la poderia muito bem fazê-lo perder o juízo, o que não seria um problema, porque ela era dele e poderia fazer com ela o que quisesse.

Mas não forçaria que ela o aceitasse. Evan a queria disposta quando a fizesse sua, vindo até ele por vontade própria e esperaria por isso o tempo que fosse necessário. Não era um homem insano, daqueles que tomavam as mulheres, estuprando-as sem remorso. E não pretendia passar a ser um só porque uma galesa de pele macia e boca deliciosa o tentava como uma deusa.

— É isso que sou para você, um tesouro! – Ela bradou furiosa e Evan se sentiu mais atraído. — Não me mata porque lhe sou preciosa para legitimar seu domínio sobre Rixton. Isso é patético, Lorde Evan! Posso acabar com minha própria vida se assim quiser. – Evan arqueou uma sobrancelha, porque sabia que ela tinha coragem para tão audaciosa empreitada e precisava redobrar a vigília.

— É claro que a estimo por ser a herdeira de Rixton, meu bem! – Disse, estranhando a tranquilidade que lhe tomou quando todo o corpo ardia por ela. —

Mas quando a chamei de tesouro, foi pensando em outras razões.

— Outras razões?! – Soltou confusa com o rumo da conversa. Myrna havia sido pega desprevenida.

— Oh sim! Devo ensiná-la mais acerca disso, meu bem. – Evan sorriu. Foi um sorriso quase sério, que revelava ardor, desejo e uma petulância que o tornavam o homem mais atraente que Myrna havia posto os olhos. E houvera outros que tentaram, mas nenhum com tanta audácia e coragem para se aproximar tanto dela.

Ela iria responder não fosse a boca dele que se colou a dela. Evan não teve cuidado ou delicadeza em lhe beijar, simplesmente grudou seus lábios nos dela e deu-lhe uma amostra do que poderiam viver juntos se ela fosse mais receptiva.

Myrna tentou resistir à invasão de sua língua, mas ele era forte e determinado a provocar como um verdadeiro demônio zombeteiro. E quando ela deixou a língua dele passar e se enrolar com a dela, seu corpo amoleceu, as defesas caíram e ela se entregou ao sabor daquele beijo pernicioso, altamente indecente, que faziam seus pelos se arrepiarem e o corpo tremer de ponta a ponta.

Mas um pingo de juízo lhe sobrou e Myrna tentou se livrar dele empurrando-o com as mãos. De nada adiantou. Evan apenas se sentiu ainda mais encorajado a ensiná-la a ser menos atrevida e empurrou sua ereção conta a barriga dela, fazendo-a gemer como uma fêmea no cio, dando-lhe a certeza de que era uma questão de tempo para atraí-la até seus braços.

Deslizou a boca pelo pescoço alvo, chegando ao topo dos seios, onde os levantou com as mãos e os beijou por cima do tecido da túnica. Estavam endurecidos e desesperados por seu toque. A boca de Myrna poderia negar a atração, mas o corpo era claro ao desejá-lo, assim como Evan a desejava desde o maldito primeiro minuto que a viu, tão esplendorosa naquele altar pagão que fora erguido para celebrar sua beleza.

— Como pôde? – Ela exigiu, forçando a libertação e dando-lhe uma bofetada no rosto.

— É minha noiva, Myrna Gallarach! Minha! E posso fazer o que quiser! – Falou separando-se dela, não porque ela exigiu, mas porque já não confiava em seus instintos. E não podia forçá-la. Não era homem que se contentava em tomar mulheres com violência, e ainda havia a promessa feita à mãe de que seria

carinhoso com a princesa galesa. — E você gostou tanto quanto eu. — Sorriu em resposta.

— Seu maldito! — Ela avançou contra Evan a fim de lhe dar mais uma bofetada, mas ele a impediu, puxando-a pelo braço contra seu corpo e ali a prendeu até que se acalmasse.

— Precisamos nos casar antes da lua nova. — Afagou seus cabelos, encantado com aquela cor sobrenatural que a deixava divina. — Nos casaremos de acordo com as leis normandas, mas podemos fazer uma cerimônia de acordo com as tradições dos galeses. Sei que se casam de modo diferente do nosso, no meio da floresta, e não vejo problemas em termos dois casamentos se for de seu gosto.

— Devo lhe ser grata por tamanha consideração? — Ela perguntou aninhada nos braços dele, cansada de lutar contra a fortaleza de músculos que a prendia, era inútil.

— Minha mãe era uma princesa galesa como você antes de se casar com meu pai. — Limitou-se a responder, sem entrar em seu jogo de provocações. — Casaram-se também de acordo com as leis galesas. Conheço seus costumes e os respeito porque minha mãe, a Duquesa de Lyndford, assim nos ensinou. Não o faço apenas por você, mas por ela.

Evan a soltou e Myrna quase caiu sentada no chão não fosse a parede a lhe sustentar. Novamente foi pega de surpresa. Não sabia muito dos Brienne a não ser algumas histórias que eram contadas pelos bardos e que acreditava não passar de invenções do povo. Diziam que o poderoso Aaron de Brienne havia roubado uma feiticeira da floresta e a feito sua duquesa depois de com ela ter um filho. E então a verdade lhe atingiu em cheio: Evan de Brienne poderia ser o bastardo que todos comentavam, o nascido entre os druidas. Mas era incapaz de acreditar nisso quando tudo nele era poder e força. Um bastardo não poderia ser tão confiante assim! Ou poderia?

Teria exigido uma resposta se ele não a tivesse deixado sozinha. Era melhor assim, pensou Myrna com os dedos nos lábios, tentando conter o formigamento que ali sentia, resultado dos beijos de Evan. Ninguém havia sequer tentado beijá-la e um maldito normando havia conseguido desestabilizá-la com um beijo, o que a deixou envergonhada e irritada pelo resto do dia.



Capítulo 05

Os dias passavam e Evan havia cumprido com a promessa de não se aproximar até o dia do casamento, o que poderia deixar Myrna tranquila não fosse o fato de que a data se aproximava e nem um plano lhe tinha vindo à mente para livrá-la do maldito normando.

— Seu noivo não é um monstro, sejamos justas, minha criança! – Siana, a mulher de longos cabelos encaracolados e loiros que a havia criado desde que perdera a mãe para a febre a olhava de soslaio, tentando lhe convencer de que o casamento era a melhor solução.

— É um homem bonito e atraente, mas é um normando! – Myrna havia tido uma amostra de sua virilidade, o que vinha a perturbando durante as noites. Não era mais uma jovem inocente e muitos já a consideravam velha demais para o casamento e assim também tinha idade suficiente para se sentir atraída por um homem.

— É certo que destruíram nossa vila, mas os normandos não têm feito outra coisa a não ser reconstruí-la. – A galesa de corpo esguio e voz suave não se daria por vencida, pois parecia ter sido enfeitiçada por aquele povo prepotente e que não media esforços para conquistá-los.

— Mataram meu pai, Siana! Não percebe que não posso aceitá-lo como marido?! Seria uma traição à sua memória! – Bufou exasperada a Gallarach, sentindo-se esgotada por tentar colocar juízo na cabeça de seu povo, que parecia mais do que disposto a colaborar com seu novo senhor.

— Mas não foi a espada de Lorde Evan de Brienne quem o matou! – Siana

continuava a explicar seu ponto de vista, pois conhecia sua menina e sabia da teimosia que a movia rumo à destruição. Mas também era conhecedora de que seu coração havia sido machucado e somente um amor poderia curá-lo para que pudesse enxergar as coisas com outros olhos. — Dê uma chance ao destino e deixe que as coisas fluam de acordo com o que os deuses lhe reservaram.

— É um normando antes de tudo! – Insistiu Myrna.

— Não, minha querida! É um mestiço! Ou esquece que sua mãe é a lendária Eileen Arwel, assim como você, uma princesa galesa? – Myrna revirou os olhos e Siana sorriu diante de seu triunfo. — Pense, menina, poderiam ter te enviado outro como noivo, mas enviaram o filho de uma galesa e isso deve ser comemorado. Não o rechace pelo bem de nosso clã, que tem reencontrado a fartura sob a administração dos normandos. – Clamou a anciã com os olhos marejados, porque a guerra lhe deixava entristecida. Já havia perdido muito e não queria mais ter que se separar de quem lhe era querido.

— Deve lealdade a mim como respeito à memória de seu senhor, Siana! – Repreendeu-a por mais que lhe doesse o coração ter que assim agir com a mulher que era como uma mãe para ela.

— É claro que sempre escolherei estar ao seu lado, seja qual for a sua decisão, mesmo que isso signifique sua ruína. – Myrna não gostou de ouvi-la, mas tinha consciência de que dependendo do que decidisse, poderia ser morta sem misericórdia. Conhecia os normandos e sabia que não a poupariam se viesse a ser considerada uma traidora. — Apenas peço que não tome decisões precipitadas.

— Não o farei, eu juro! – Foi ao encontro de Siana e a abraçou com carinho de filha. — Fico tão feliz que ele tenha deixado você voltar para mim.

— Nosso novo lorde é um homem justo. Estranhamos quando chegou por ser tão jovem, mas tem demonstrado uma força invejável. – Recomeçaria os elogios e Myrna simplesmente sorriu timidamente.

— Vejo que ele a conquistou. – Comentou, deixando-se levar pela antiga amante do pai.

— É um homem justo, como tenho dito. – Retrucou.

— Mais do que meu pai? – Siana a olhou com os olhos arregalados, temendo ser inconveniente ou mesmo irritar sua senhora por saber que ela amava o pai

incondicionalmente e era incapaz de enxergar seus defeitos.

— São coisas diferentes! Você sabe que amei seu pai e que meu amor por ele me fez suportar minha condição de amante mesmo quando ele poderia ter me feito sua esposa quando enviuvou, mas diferentemente de ti, não me deixei cegar e reconheço suas limitações. — Optou pelo caminho da sinceridade por mais que a deixasse desgostosa.

— Oh, Siana... Meu pai errou contigo ao não assumi-la e sei que tomou decisões equivocadas nos últimos tempos, mas o fez pela pressão que sofria dos malditos normandos.

— Não o julgo por isso, querida. — Acariciou-a no rosto com as mãos. — É seu pai e o homem que sempre amei. Porém, novos ventos sopram e temos que deixar os rancores de lado para nos abrir para o novo e sermos felizes.

— Não acho que os novos tempos tenham que vir pelas mãos dos normandos. Não seria uma Gallarach se aceitasse isso. — Respondeu a contragosto.

— E o que pretende fazer?

— Preciso que uma mensagem chegue até O'Conail. — Siana a olhou com irritação.

— Aquele homem tem idade para ser meu pai... E eu já não sou mais uma mocinha.

— Oh, não termine a frase, por favor! Não gosto de pensar que terei que me entregar a um velho para pagar pela ajuda que me dará, mas é isso ou os normandos. — A jovem Gallarach deu de ombros.

É claro que ela tinha consciência da troca que fazia: um homem jovem e viril por um velho decrépito que possivelmente não conseguiria cumprir com suas obrigações de marido.

— Pelos deuses, menina, tem que pensar com mais calma!

— Tem que me ajudar. Tem parentes em Wextford e...

— Eu a ajudarei, mas se formos interceptadas é o nosso fim.

Myrna abraçou-se à Siana com o coração carregado de temor. Era sim uma mulher forte e audaciosa, mas isso não era capaz de afastar a tormenta de

emoções pela ousadia que iria cometer ao desafiar o noivo.

Mas não voltaria atrás e acreditava que poderia lhe devolver o ataque surpresa. Os irlandeses eram fortes e destemidos, o que lhe daria certa vantagem se um ataque surpresa fosse bem planejado e executado.

A princesa, então, explicou seus planos e dentro de pouco tempo Siena havia deixado a casa senhorial em busca de um garoto de confiança que pudesse atravessar o mar e entregar o recado de sua senhora com segurança.



Evan estava ajudando a empilhar pedras no alto da colina quando foi chamado por John para ser informado de que haviam capturado um garoto tentando cruzar o mar em um barquinho a remo. Notícia essa que o alarmou profundamente, pois tinha absoluta certeza de que havia o dedo de sua noiva no assunto. Até então nenhum galês havia desrespeitado uma ordem sua desde que chegou e, inclusive o comandante da guarda, nomeado para administrar Rixton até que um nobre fosse designado para o cargo, não havia relatado atos de insubordinação. Bastou Myrna chegar para algo do tipo acontecer, e era coincidência demais para deixar de lado a desconfiança.

— O que fizeram com o menino? – Perguntou alarmado, com as mãos em punhos, numa tentativa de tentar manter o controle e não correr até a noiva para exigir satisfações.

— O levamos para a prisão! – John respondeu, apressando o passo para acompanhar seu senhor.

— Aquilo não passa de um galinheiro. – Reclamou desgostoso por terem improvisado a prisão junto a um galinheiro desativado.

— Mas é o que temos. – John deu de ombros. — O garoto se recusa a falar e nem mesmo a ameaça das chibatadas lhe fizeram confessar o mandante.

— Pois será punido mesmo que não passe de uma criança. – Evan encarou o amigo nos olhos e entrou na prisão, onde um garoto magro e assustado se encolheu no canto.

— Diga ao seu lorde quem o mandou até Wextford, garoto! – John ergueu o

garoto e o levou até os pés do marquês. — Ou receberá dez chibatadas. — Ameaçou e o menino se encolheu de medo.

— Diga-me, garoto, e poupe seu couro de receber dez chibatadas. — Evan clamou que os espíritos do povo de sua mãe intercedessem, até aos santos dos normandos pediu, mas o menino parecia disposto a levar o segredo consigo ao túmulo. Sentia-se exasperado por ter que puni-lo quando não passava de uma criança indefesa e isso o deixava ainda mais bravo com a noiva. — Leve-o até o pátio e reúna todos. Quero que todos assistam o castigo que será dado no garoto. Servirá de exemplo para que outros não se atrevam a me trair. — Soltoou com a voz retumbante que somente um Brienne era capaz de ter.

Evan havia aprendido com seu pai a ser implacável e a colocar seus deveres acima de seu bem-estar. Não lhe era agradável punir um inocente, mas também não poderia deixar as coisas simplesmente passarem sem um castigo, correndo o risco de não ser mais respeitado.

— Devo requisitar a presença de Lady Myrna? — John perguntou e seu senhor apenas concordou. Aquela pergunta era como uma troca de confidências e ambos os amigos sabiam que havia o dedo de Myrna na confusão. Era certo que o menino protegeria sua princesa com grande afinco, mas desejava conferir até onde a coragem da galesa conseguia ir ao ter que assistir uma criança ser punida por um erro que ela havia cometido.

O menino foi levado até o pátio e rapidamente uma multidão de pessoas se aglomerou ao redor dele. Novamente lhe foi perguntado sobre quem era a pessoa que havia lhe enviado até as terras da Irlanda e o que ele pretendia fazer lá. Novamente, o garoto se recusou, fazendo apenas um leve balançar de cabeça, falando na língua galesa algo que Evan acreditava ser uma antiga oração.

Deu-lhe alguns minutos para que pudesse refletir sobre sua decisão e voltou a perguntar diante de todos, declarando em voz alta todos os detalhes da fuga, para que ficasse claro que seu exército era eficaz na vigília das terras conquistadas. E ele voltou a se negar, dizendo ainda que estava com a consciência tranquila e que fazia gosto de receber a punição no lugar da mandante.

Inadvertidamente havia revelado se tratar de uma mulher, e quando Myrna chegou acompanhada de sua dama de companhia, ela o encarou com remorso e Evan teve certeza de que havia sido ela.

— O que acontece aqui? — Myrna perguntou com os olhos esbugalhados e

tremendo muito. — Não pode punir uma criança inocente.

— Como está tão certa de que é inocente? — Evan a encarou nos olhos e Myrna jurou ter visto o demônio em sua frente, personificado na figura de um homem com o corpo nu da cintura para cima.

— Oh, pelos espíritos da floresta, é apenas uma criança! — Sua fala lhe lembrou a mãe e a raiva em seu peito se tornou menos chispante. — Não pode surrar uma criança, Lorde Evan!

— É simples, minha noiva, basta ele dizer quem foi o mandante e não será punido. — Reforçou sua decisão, esperando que ela mesma confessasse seu pecado. — Mas ele já deixou claro que não irá revelar o nome do traidor. Tire-lhe a camisa e me entregue o chicote, John.

Evan engoliu seco, sentindo-se dolorido por dentro por ter que punir uma criança que poderia muito bem ser um de seus irmãos menores. Concentrou-se nas palavras do pai, de quando dizia que decisões difíceis lhe seriam exigidas e que precisava ser forte para executá-las quando muitos dependiam dele. Apertou o cabo do chicote e quando o lançou para o alto, ouviu um grito esganiçado de uma mulher.

— Fui eu! — Siana, a dama de companhia de sua noiva, havia se colocado ajoelhada diante dele, pedindo por clemência. — Sou eu que mereço as chibatadas. — E iria receber, pensou Evan ao olhar para Myrna, porque estava espumando de raiva por ter tido a confirmação de suas suspeitas.



Capítulo 06

Myrna não sabia o que fazer ou mesmo dizer. Estava chocada com o rumo das coisas e se sentia uma tola por ter menosprezado os avisos de Siana, que por ter convivido mais com os normandos sabia melhor do que ninguém o que esperar deles. A insensatez de sua decisão quase havia feito uma criança ser punida em seu lugar se não fosse a mulher que conheceu como mãe ter assumido a culpa.

Sentia-se uma miserável sem coração por ter exposto inocentes e arriscado tanto. Sua cabeça dava voltas à procura de uma solução, mas desconfiava de que nem sequer um feitiço daria conta de livrá-las da encrenca.

— Minha noiva tem algo a dizer? – Evan a encarou com os olhos negros que lhe gelavam a espinha, deixando-a cada vez mais atordoada.

Myrna tentou reunir poucas palavras e ir em defesa de Siana antes que acabasse sendo açoitada injustamente, mas o medo lhe fazia inerte e a voz grossa do normando lhe deixava incapaz de raciocinar com clareza.

Evan era intimidante em todos os sentidos. Dono de uma altura invejável até mesmo entre os galeses que eram considerados altos; musculatura muito bem desenvolvida, que o tornava ainda mais poderoso; e ainda nu da cintura para cima a deixava totalmente descompassada.

— Lorde Evan, por favor! – Ela se aproximou e o tocou no braço, sentindo uma eletricidade incomum lhe atingir o corpo.

— Algo a confessar? – Ele abaixou a cabeça e seus olhos se encontraram em um duelo de vontades que a deixava aflita por algo que não conseguia

compreender muito bem o que era. As palavras lhe fugiram da boca, os pensamentos ficaram confusos e simplesmente negou o que deveria ter tido a coragem de confessar, pois era uma mulher justa e jamais deixaria outra ser punida em seu lugar. — Prenda-a e livre-a da túnica. — Ordenou diante do silêncio da noiva, determinado a tirar dela a confissão que a faria uma traidora diante de seu próprio povo.

Myrna se encolheu, abraçando-se como uma forma de proteger-se da dor que a consumia. Todos a olhavam com temor e reprimenda, porque todos ali tinham apreço pela amante de Seamus Gallarach. Seu pai havia cometido o erro de não se casar com Siena quando o seu povo já a considerava a Senhora de Rixton. Ela não poderia deixá-la ser açoitada em seu lugar, jamais conseguiria viver com o remorso.

— Pare! — Gritou indo junto à mulher que sempre a teve como filha, que a amou como uma, assim como foi uma boa companheira para o pai, ajoelhando-se na frente dela e abraçando-a com força. — Sou eu a traidora, sou eu que mereço as chibatadas e não Siana ou Rhys. — Olhou em direção ao menino que já estava junto dos pais, como um agradecimento pela lealdade.

— Confessa que tramou contra seu noivo? — Evan foi até ela e se ajoelhou à sua frente, de modo que pudesse encará-la, olhos nos olhos, sentindo-se dentro de uma tormenta de sentimentos que iam desde o alívio até o despeito por ter sido traído.

— Sim, confesso! — Ela estufou o peito e não desviou do olhar dele, buscando dentro de si uma força que sequer imaginava possuir. Mas Myrna era uma princesa galesa antes de tudo e honraria com a vida seu título e seu sangue. — Puna a mim, a verdadeira traidora. — Exigiu determinada a dar um basta em tudo.

Evan levantou de supetão e lhe deu as costas. Queria sim lhe arrancar a confissão diante de todos, para que houvesse testemunhas da deslealdade de sua princesa. Mas havia falhado miseravelmente ao esquecer-se que teria que macular com uma chibata pele tão perfeita. Talvez a raiva houvesse lhe cegado e o feito agir no impulso do despeito e agora teria que tomar uma decisão que lhe custaria parte do juízo. Precisava deixar de lado a promessa feita à mãe, precisava castigá-la por ter ousado traí-lo e isso lhe corroía as entranhas, fazendo-o um homem a ter que decidir entre a cruz e a espada.

Olhou-a novamente de soslaio e pôde ver as lágrimas que lhe brotavam nos olhos, deixando-os ainda mais cristalinos, como dois poços que lhe atraíam para as profundezas do desconhecido. Os cabelos claros estavam trançados e caíam pelas costas em duas partes. Os lábios rosados e perfeitos para um beijo se abriam e se fechavam no compasso de sua respiração tumultuada. Sua pele tão branca e delicada sofreria a dor do couro do chicote, lhe rasgando as costas sem dó nem piedade e lhe ferindo a alma, ele sabia.

E se odiou por isso, se recriminou por não tê-la levado até os aposentos da casa senhorial assim que desconfiou dela para exigir uma confissão. Ele poderia ter obtido a confissão sem um espetáculo e assim não precisava puni-la tão cruelmente como parte do circo que o faria temido por todos.

— Precisa tomar uma decisão logo. — John, seu mais fiel guerreiro, seu amigo de longos anos, se aproximou e o trouxe de volta do transe. — Todos estão olhando e à espera das ordens de seu senhor. Sabe o que tem que fazer, não sabe?

— Claro que sei ou não seria um Brienne, mas não quero ter que fazê-lo. — Soltou frustrado e com os ombros caídos, que logo voltaram para sua postura normal, revelando poder e uma segurança invejável. Em seguida virou-se para a noiva a fim de lhe dar seu veredito. — Dez chibatas, aqui, diante do seu povo, para que todos acompanhem o castigo e que possa servir de lição. — Engoliu seco, sentindo-se um homem miserável, sabendo que a dor por tê-la machucado o acompanharia pelo resto da vida.

— Eu faço isso. — John pegou a chibata das mãos do amigo e Evan seria eternamente grato por isso.

Afastou-se o suficiente e evitou olhar para suas costas nuas e tão perfeitas. A túnica havia sido baixada até a altura do quadril, deixando-o extasiado com sua beleza etérea, incomparável e única. Não a amarraram no poste e dois guardas a seguravam para que não caísse pela força das chibatadas. Uma ordem dada pelo próprio Evan, como uma tentativa de poupá-la da humilhação.

John respirou fundo para criar coragem, pois nunca havia feito isso com uma mulher; precisou segurar firme no cabo do chicote de modo que as mãos parassem de tremer. Era difícil para ele, mas sabia que seria ainda mais difícil para Evan assumir a posição de carrasco e sabia que o amigo faria o mesmo por ele se um dia estivesse em tal posição. Eram como irmãos, haviam crescido

juntos e a amizade sempre havia sido o elo entre eles para os momentos bons e também ruins.

Todos se alarmaram quando a primeira chibatada foi dada. Evan apertou as mãos em punho e fechou os olhos em seguida, preparando-se para ouvir seu grito. Mas Myrna não reclamou, sequer pestanejou, e sua altivez em meio às lágrimas que era incapaz de segurar lhe davam a aparência de uma rainha.

Mais uma chibatada, duas, três, e na quarta, Evan a viu ranger os dentes. John media com cuidado a força usada, mas a pele já começava a rasgar e o sangue já estava começando a escorrer pelas costas. Aquilo era pior que o inferno, Evan pensou. Não conseguiria chegar até o fim e, na quinta chicotada, ela gritou. Foi um grito fraco, mas que revelava grande dor, uma dor que atingiu o peito de Evan e o fez ir até ela sem se preocupar com os olhares curiosos que o acompanhavam.

— Soltem-na! – Gritou transtornado, colocando-se de joelhos atrás dela e a puxando para seu colo. — Já foi punida o suficiente. — Soltou com a voz alterada e se alguém ousasse contrariá-lo era capaz de matar, fosse homem ou mulher.

— Não seja um fraco diante de seu povo, normando! – Myrna soltou entredentes, controlando a vontade de gritar pela dor que sentia em suas costas.

— Maldição, mulher! Não lhe bastou as chibatadas, ainda ousa me desafiar diante de todos? – Evan tratou de envolvê-la com a túnica, cuidando para não a machucar ainda mais.

— Não pedi sua misericórdia. – Soltou um urro de dor e Evan tratou de levantar-se com ela nos braços.

— Eu a dei mesmo assim. – Não importava a Evan sua língua ferina e sua vontade de provocá-lo à exaustão. Ele apenas queria tirá-la dali para curá-la e assim fazer a dor passar.

— Não o respeitarão por sua clemência. – Ela o provocou, porque queria se vingar pela dor e humilhação que fora obrigada a suportar.

Aparentemente ela havia conseguido atingir seu intento quando percebeu que ele havia parado de caminhar, voltando-se novamente para o local de onde a havia tirado. Mas antes, olhou-a com ardor e lhe sussurrou algo em galês que a fez corar.

— Com meu pai, Lorde Aaron de Brienne, aprendi a ser implacável com os

traidores, e assim será com quem se atrever a me ser desleal. Com minha mãe, Lady Eileen de Brienne, outrora a princesa do Clã Arwel, eu aprendi a ter clemência. Meu governo nestas terras serão assim. Serei implacável com todo aquele que se recusar a cumprir minhas ordens e não me reconhecer como seu senhor, e clemente com quem merecer e de acordo com minha consciência, assim como fui com Lady Myrna no dia de hoje. Minha noiva recebeu sua lição: a punição por ter ousado me desafiar e a clemência para lembrar que fui justo.

Todos reverenciaram seu novo senhor ali parado com a noiva nos braços. Evan havia conseguido fazer-se temido por um ato de clemência e Myrna queria matá-lo se não estivesse com as costas tão doloridas.

— Seu porco normando! – Cuspiu as palavras com rancor, mas Evan não se importou. Havia entrado em uma espécie de universo paralelo, onde apenas lhe preocupava os ferimentos da noiva. Se ela soubesse o quanto se sentia culpado por tê-la ferido, se ela ousasse tentar compreendê-lo, perceberia que apenas queria ter um vida feliz ao seu lado, sem punições, sem brigas.

Era bela como um anjo, era perfeita e delicada além de suas expectativas, a desejava como homem, a queria em seus braços para deliciar-se com suas curvas suaves, fazendo-a gemer seu nome nas noites que poderiam compartilhar. Mas ela se recusava a aceitá-lo e isso lhe transtornava tanto que o fazia um homem bestial. Uma vergonha para sua mãe.

Avançou para dentro da casa senhorial levando-a até seus aposentos, onde a deitou com cuidado na cama. Rapidamente Myrna se virou de modo a não esmagar as costas contra o colchão.

— Onde está Siana? – Evan perguntou nervoso, sem tirar os olhos dos rasgos da pele das costas da noiva.

— Aqui, milorde! – A mulher se aproximou com os olhos vermelhos.

— Cure-a! Traga uma curandeira, se for necessário, mas cure-a. Quero-a curada até o final da próxima semana. – Ordenou com a típica voz grossa que fazia todos se alarmarem.

— Sim, milorde! – Siana se aproximou de Myrna e a beijou na testa.

— Quanto a ti, minha cara noiva! – Encarou-a. Nos casaremos no final da próxima semana. – Myrna responderia se não fosse Siana a lhe impedir. Estava em desvantagem e deveria apenas concordar antes que acabasse por piorar sua já

frágil condição. — Alguma objeção? – Perguntou, preparando-se para uma nova batalha.

— Não, milorde! – Respondeu sem encará-lo nos olhos. Myrna queria sumir dali e simplesmente caiu no choro quando Evan lhe deu as costas. Chorava pela dor das chibatadas que haviam marcado sua pele, mas também chorava pela humilhação que fora obrigada a passar na frente de seu clã.

E o pior de tudo, estava perdida e teria que se casar com um normando.



Evan sentia-se cansado e raivoso demais para encarar uma refeição junto de seus guerreiros. Decidiu galopar com seu cavalo sem rumo, sentindo o vento a lhe bater no rosto como um alento para sua alma atormentada.

Cavalgou durante horas e quando sentiu o animal ofegante se abrigou embaixo de um enorme carvalho que ficava próximo ao rio, cujas águas abasteciam a vila e desembocavam no mar a algumas léguas dali. Havia se embrenhado mata a dentro e esperava que ninguém pudesse encontrá-lo tão cedo. Precisava de paz para colocar os pensamentos no lugar, para se livrar da maldita princesa galesa que só fazia lhe perturbar desde o dia em que a resgatou de Wextford.

Nadou por algumas horas naquelas águas, não se importando com a friagem, e deixou-se levar pela paz daquele lugar. Sua mãe havia lhe ensinado a buscar conforto junto à natureza e assim ele sempre havia feito quando se sentia acuado.

Quando a noite já caía, notou um vulto e se preparou para a luta. Mas percebeu que era John em seu cavalo e aquilo lhe pareceu apropriado. Se havia alguém com quem contar naquele momento era seu melhor amigo.

— Trouxe a refeição! – Mostrou um coelho recém-abatido para Evan.

Os dois preparam uma fogueira e conversaram abertamente sobre os acontecimentos do dia. De como o que era para ser um dia de trabalho árduo havia se transformado em uma grande provação para o novo Marquês de Rixton.

— Meu pai sempre havia me falado sobre o peso das decisões, do quanto nos é exigido ter que decidir entre o menos pior. É assim que ele se referia sempre: o

menos pior. – Tirou uma lasca de carne e a levou à boca sem vontade.

— Fez o certo, Evan!

— Não para ela! Não compreende?!

— Ela provocou, meu amigo, e teve o que pediu.

— Mas eu não queria ter dado o que ela pediu e nunca vou me perdoar por ter sido um tolo em cair em sua armadilha.

— De qual armadilha está falando? – John devolveu seu pedaço de carne ao fogo para assá-lo mais um pouco.

— Ela tentou me fazer ser odiado pelo povo quando percebeu que havia sido pega e não poderia mais escapar.

— Você foi mais esperto e deixou muito claro como tudo funciona. – John disse convencido de que o amigo havia sido brilhante na demonstração de poder que foi obrigado a dar.

— Ela me odiará ainda mais! – Confessou preocupado, já sem saber o que fazer para mudar as coisas com a noiva.

— Bem, foi um embate de gigantes, Evan! Aquela mulher é forte e destemida, um páreo duro mesmo para um Brienne acostumado com mulheres bravas. – John riu.

— Cada chibatada em suas costas foi como se uma ferida se abrisse aqui. – Evan levou a mão ao coração.

— Por isso me impiedei de continuar e, sinceramente, lhe sou grato por isso. – John também era honrado e não se sentia à vontade em punir mulheres e crianças, por mais que já houvesse assistido outros fazerem. Mas era diferente ser o carrasco e havia sido um verdadeiro suplício para o jovem guerreiro.

— Agora compreendo meu pai quando tomou a decisão de casar minha mãe com Sir Marcel. – A história era sempre lembrada como um ato de desespero, mas jamais havia sido realmente compreendida por ele e seus irmãos. — Assim como meu pai decidiu casar minha mãe com outro para protegê-la da morte em uma fogueira, eu decidi pôr um fim às chibatadas porque temia perdê-la e isso...

— É o mais assustador! Eu sei, meu amigo. O amor nos reserva essas surpresas. – John olhou para o fogo crepitante, perdendo-se na miséria de sua

própria existência, no amor que havia perdido, na mulher que havia deixado para trás como parte de si mesmo. — Não desanime! Está em vantagem, pois irá se casar com ela e penso ser uma boa coisa.

— Maldição, John! De que me adianta me casar se a garota em questão me odeia? — Sorriu timidamente, envergonhado por não ter negado que estivesse apaixonado pela noiva.

Mas inferno, quem em sã consciência não se apaixonaria por uma mulher tão deslumbrante e única quanto Lady Myrna Gallarach?

— Melhor do que querer se casar e não poder. — Deu de ombros e Evan percebeu que ele falava de Adele. — Acredite em mim quando falo que está em vantagem! Poderá se casar e com paciência e muita força de vontade, poderá conquistá-la.

— Se eu sobreviver a primeira noite junto dela. — Evan riu, mas com preocupação. — É capaz de me matar com alguma poção ou uma estaca no coração.

— Uma coisa de cada vez e tudo entrará no eixo, como bem diz minha mãe. — John comentou tratando de saciar sua fome ao abocanhar uma generosa porção de carne.

— Lady Lilith sempre foi sábia. — Respondeu o Brienne, voltando sua atenção para a carne que assava no fogo. — Lembra quando nos escondeu de meu pai porque havíamos aberto a porteira das ovelhas? — John concordou e os dois sorriram com a recordação, tão longínqua em tempo, mas tão presente em suas memórias como não houvesse se passado dez anos.

— Se ela estivesse aqui iria dizer que deve se concentrar primeiro em Rixton e depois na princesa. Casando-se com ela, ninguém haverá de reivindicar as terras. O que fazer com ela é um segundo passo. — John considerou como um conselheiro, papel que havia aprendido com seu padrasto.

— Já minha mãe se envergonharia de mim se estivesse aqui! Bati em uma mulher quando jurei não fazê-lo.

— Fui eu quem bateu.

— Mas porque eu ordenei. — Evan revirou os olhos.

— Duvido que a duquesa ficará zangada. — John deu de ombros. — Foi

obrigado pelas circunstâncias; e se não a tivesse punido, perderia o respeito que conquistou. Certamente Lady Eileen considerará as circunstâncias antes de considerá-lo culpado.

— Mesmo assim jamais serei capaz de me livrar do peso da culpa de tê-la ferido. — Confessou Evan com o coração em pranto. Era um homem e não chorava, mas era como se cada parte de sua alma se alarmasse pela dor que ele sabia que ela havia sentido, e possivelmente ainda sentisse. Queria estar ao lado dela e essa necessidade o deixava confuso. Mas preferiu se afastar, queria antes de tudo que ela se sentisse confortável para se recuperar e sua presença ali só a deixaria ainda mais alarmada.

— Parece que todos estamos destinados a carregar tal fardo, alguns mais do que outros. Afinal, somos guerreiros e lidamos todos os dias com a vida e a morte, a dor e a perda. — John soltou e o silêncio reinou depois disso, sendo apenas quebrado pelo barulho da lenha queimando entre eles.

Guerreiros eram preparados para enfrentar as piores adversidades, a desafiar a morte e a fazer da ruína de outros sua própria fartura, um limiar muito tênue a ser cruzado e que exigia um controle emocional impressionante. Tudo parecia fácil quando dito pela boca dos mais velhos e tudo se tornava mais complexo quando provado na dureza da realidade.

Por mais que Lorde Aaron de Brienne houvesse ensinado o filho sobre a guerra e a conquista, Evan ainda teria muito a aprender sobre liderar e tomar decisões. Havia sido feliz ao decidir naquela tarde pela punição da noiva e assim conquistar o respeito daqueles que lhe renderam reverência, mas parte de sua alma havia sido quebrada ao machucá-la, um ser precioso, uma mulher que lhe lembrava um anjo, delicada por fora e inquebrável por dentro. Sua penitência era conviver com o remorso, com o peso na consciência, e isso nenhum ensinamento deu conta de prepará-lo.



Capítulo 07

Conforme as noites davam lugar para dias mais frios, Myrna já não sentia tanta dor nos ferimentos das costas. Havia cicatrizado e por uma grande sorte não haviam supurado e muito menos apresentou febre. Com isso, tentou retornar à rotina, se é que ainda conseguia ter uma, considerando as mudanças que os normandos haviam trazido para suas terras.

— Se continuarmos passando o unguento não ficarão cicatrizes. — Siana a ajudou a vestir a túnica após ter lhe passado uma pomada à base de camomila macerada nos ferimentos. — Teve muita sorte quando Lorde Evan interrompeu o carrasco.

— Me perdoe, Siana! — Myrna olhou para a mulher sentindo o peso do remorso lhe abater com força, dizendo que havia sido uma inconsequente. — Tentou me alertar para o que poderia acontecer se fôssemos descobertas e não dei ouvidos.

— É uma Gallarach e todos vocês costumam ser muito teimosos. — Sorriu em resposta à enteada que parecia mais cansada do que o normal naqueles dias.

— Não posso me indispor com o normando se quero me livrar disso. Ultrapassei os limites e se for pega novamente não terá piedade e me matará. — Cochichou já que a esposa de um dos normandos foi colocada como sua vigia.

— Não tire conclusões precipitadas novamente, criança! Lorde Evan é sim implacável e demonstrou muito bem isso quando a castigou, mas não me parece um homem capaz de matar a noiva sem considerar o que poderá perder e o quanto poderá complicar sua estadia em Rixton. — Siana estava em certa em

partes, mas Myrna não pretendia arriscar para tirar a prova. Ser açoitada havia lhe servido de lição. — Mas concordo com você quando diz que precisa mudar a estratégia. Já pensou em seduzi-lo? — A galesa mais jovem arregalou os olhos. — Não me olhe assim, como se tivesse dito algo que não conheça. Tem idade suficiente para saber o que acontece entre homens e mulheres. Eu mesma lhe contei a respeito quando seu pai considerou a ideia de casá-la pela primeira vez.

— Entre saber e fazer há muito a ser aprendido. Nunca seduzi um homem na vida, Siana. — Falou preocupada.

— Oh, santa inocência! Pouco precisa fazer para seduzir um homem, minha querida. É uma mulher muito bonita se ninguém lhe disse ainda. Bata os cílios e sorria e duvido que um homem não lhe dê o mundo só para tê-la em sua cama. — A galesa mais velha alargou os lábios em um sorriso que enrugava seus olhos.

— Bater os cílios e sorrir, só isso? — Perguntou interessada.

— Sim! No seu caso falar só complica tudo, já que não consegue guardar a rebeldia só para ti, meu bem. — Myrna revirou os olhos, sentindo-se a mulher mais exasperante que já existiu. — Não fique brava! Simplesmente aceite a corte de Lorde Evan e deixe que ele se apaixone por você.

— Mas ele pode me odiar e me assusta ter que me deitar com meu inimigo. — Confessou-lhe a moça com o coração acelerado ao se recordar dos beijos que haviam trocado vários dias antes. Havia sido uma experiência diferente para quem nunca havia sido beijada de maneira tão intensa. Ele exigiu sua entrega e ela o fez sem reclamações, como se fosse a coisa mais certa e fácil a ser feita.

— Oh, ele não a odeia, menina! Acredite em mim quando digo que Lorde Evan a deseja. Conheço o olhar dos homens quando estão apaixonados e a paixão crepita nos olhos negros daquele normando quando a vê. — Aquilo lhe foi uma surpresa, já que acreditava que o jeito estranho que ele a olhava era pura raiva por ter que se unir a uma estrangeira como ela.

— Ainda tenho receio! — Soltou indignada, tentando acreditar no fato de que ele não a queria como mulher, que apenas precisava cumprir com a obrigação de casar-se com ela conforme as ordens do seu rei.

— De que, minha filha? De se apaixonar pelo lindo noivo que os deuses lhe enviaram? — Siana a provocou de propósito para que pudesse perceber que não havia o que temer e que acabar apaixonada não era de todo ruim.

— Não posso acabar apaixonada por meu inimigo. — Revirou os olhos e Siana deu de ombros.

— Não se pode controlar o amor ou quem se escolhe para amar. Ele acontecerá. E se for para ser com o normando, acredite, será e você não vai conseguir vencer essa batalha. Então, reserve energia para outras coisas.

— Para o quê?

— Para o dia em que terá que trazê-lo de volta para ti. Para o dia em que se dará conta de que amar nos faz dependentes de outra pessoa, mas nos faz mais felizes junto do homem que amamos, e acabamos lutando contra todos para viver esse amor.

— Foi assim com você e meu pai? — Myrna perguntou interessada em saber mais da história deles, de como se conheceram e o porquê não se casaram.

— Conheci seu pai quando ainda não passava de uma menina e ele um aprendiz de guerreiro que foi enviado pelo pai às terras além do mar para receber treinamento. Nos apaixonamos, mas Seamus precisava se casar com a noiva escolhida pelo seu avô. Eu não passava de uma irlandesa, filha de camponeses, e ele um príncipe destinado a assumir o lugar do pai. Cada um seguiu seu caminho, mas o amor sempre nos juntava. Chegou o dia em que não foi mais possível lutar contra o que sentíamos e acabei cedendo ao desejo de ser dele. Assim me trouxe para cá, logo após sua mãe falecer, sabendo que nunca seria reconhecida como esposa em razão de minha origem humilde. — Siana secou uma lágrima. — Renunciei a algumas coisas, mas tive o amor da minha vida ao meu lado. Por isso não se perturbe por mim. Fui feliz, Myrna! À minha maneira, fui feliz!

— Sempre a tive como uma mãe. — Disse a princesa.

— Oh, eu sei! Sempre foi minha filha e por isso quero seu bem, que tenha uma vida feliz. Mas temo que precisará passar por tempos difíceis para conseguir fazer suas próprias escolhas, para que aprenda a ouvir o coração.

— O mundo é muito cruel, Siana! Não há lugar para o coração quando homens morrem em guerras e terras são conquistadas às custas de tantas vidas. — Myrna olhou entre as cortinas que separavam seu quarto do resto da habitação e viu Evan passar. Acabou arrepiada e com as bochechas quentes por imaginá-lo beijando-a novamente.

— Alguém precisa ceder para a paz acontecer, meu bem. Lembre-se disso! — Siana beijou sua bochecha e a deixou sozinha com seus pensamentos.

Myrna olhou para a normanda encostada em uma das paredes e sorriu em resposta. Aquela mulher não parecia tão diferente das galesas e talvez Siana estivesse certa quando acreditava que alguém precisasse ceder para a paz acontecer.

— É feliz aqui, Herleva? É este seu nome, não é?! — Myrna se aproximou da mulher que deveria não ter mais do que alguns anos a mais do que ela.

— Sim, milady, me chamo Herleva! E sim, sou feliz em Rixton. — A jovem senhora de aparência voluptuosa respondeu sorridente, revelando a falta de um dente no fundo da boca. — Temos terras para arar e alimento para comer.

— Mas não sentem falta de sua terra? — Perguntou ainda mais curiosa.

— Nossa terra é onde nos encontramos. O que verdadeiramente importa, milady, é o que carregamos no coração. — A normanda parecia convencida disso e talvez Myrna precisasse tentar ouvir mais o coração, mas não havia muito ali além de dor, humilhação e um desejo de vingar a morte de seu pai. Myrna afastou da cabeça tais pensamentos e deu-lhe as costas. — Onde pretende ir, milady? — Logo Herleva a alcançou na porta.

— Ao meu jardim de rosas. — Disse, sem se importar que seria seguida por uma mulher que havia se convertido em sua sombra. Iria para o lugar onde a paz lhe fazia pensar melhor e ali trataria de afastar os fantasmas por algumas horas.

Anos antes, um monge a caminho da Irlanda, onde se estabeleceria com o intuito de fundar um monastério, havia pedido abrigo em Rixton e seu pai o recebeu como um ilustre hóspede. Foi o monge quem lhe ensinou a cultivar as rosas como um precioso passatempo. Deixou-lhe algumas ramas que foram plantadas e cresceram sob seus cuidados. Myrna era fascinada pela cores exuberantes das pétalas e logo se apaixonou pelo cultivo das rosas, tornando-se parte de sua vida. Suas plantinhas eram delicadas e precisavam ser protegidas do inverno para desabrocharem na entrada dos dias mais quentes. Havia sentido falta de cultivá-las durante os meses que havia passado em Wextford e não havia dado a atenção que mereciam desde que voltou para casa. Logo o inverno se tornaria insuportável e deveria recolhê-las em um local que as protegesse da friagem para que voltassem a desabrochar.

Faria isso sem mais demora e se entregaria ao prazer do cultivo das rosas para afugentar as dúvidas que lhe perturbavam, como um refúgio onde não existisse dor e humilhação, só paz, harmonia, onde a vida explodia em cores, as mais lindas e perfeitas rosas. Orava para que um dia acontecesse o mesmo com sua alma, que ela desabrochasse na entrada da primavera como uma majestosa rosa, curada dos ressentimentos e tendo motivos para ser feliz.



Evan havia se mantido afastado da noiva, temendo contrariá-la ou mesmo prejudicá-la em sua recuperação, mas conversava constantemente com Siana e com a curandeira que a cuidavam. Myrna se recuperava bem, as feridas cicatrizavam e não havia tido febre, o que revelava que se curaria rapidamente. Também havia ordenado que uma normanda a vigiasse a fim de impedi-la de cometer outra traição. Somente em pensar em ter que puni-la novamente seu coração apertava no peito.

Myrna se manteve quieta em seu quarto e evitou ser vista por seus contrerrâneos nos primeiros dias após ter sido açoitada. Evan sabia que se sentia envergonhada e temia ser julgada pela sua própria gente. Se sentiria igual em seu lugar e tal sentimento apenas a fazia mais admirável aos seus olhos.

Acompanhava-a de longe e sempre que podia, sem ela perceber, parava perto da porta de seu quarto, brigando contra o desejo de vê-la e ouvi-la. Por mais que tentasse se convencer do contrário, ele estava deslumbrado por sua beleza e arrependido por ter erguido um muro entre eles. Teve que puni-la, mas se pudesse voltar no tempo teria feito tudo diferente. Infelizmente, não havia magia que pudesse fazê-lo corrigir um equívoco e teria que arcar com as consequências de seus atos. Outras das inúmeras lições que seu pai lhe ensinou na vida.

Queria contar com um dos conselhos de seu irmão. Marcel saberia o que fazer para conseguir se aproximar da noiva. Era o mais galante dos Brienne e ninguém sabia dizer de quem havia herdado tanto lábia. Iria ser um duque de grande prestígio quando sua vez chegasse.

Naquela tarde ventava além do comum para a época do ano, o que anunciava um inverno rigoroso. Evan foi até seus aposentos a fim de buscar um agasalho e acabou ouvindo Myrna em seu quarto. Deteve-se o suficiente para ouvi-la sobre

o quanto a guerra e a morte a deixavam preocupada. Queria tê-la ouvido mais, mas foi percebido e obrigado a partir.

Cada pequeno detalhe que ele descobria de sua personalidade o fazia admirá-la um pouco mais. Mas era um sentimento ainda muito cru e desconhecido para Evan. Nunca chegou a se sentir assim por mulher alguma, deslocado e sem saber como agir em sua presença.

Estava conversando com um dos seus homens quando a viu sair da casa senhorial em direção a uma pequena horta que ficava a alguns metros dali. Dispensou o homem e a seguiu até lá. Encontrou-a cantarolando uma canção em sua língua e a visão dela feliz o deixou extasiado. Enquanto trabalhava enchendo potes de terra, ela cantava com uma voz melodiosa. Simplesmente uma fada passeando entre os mortais. Seus cabelos platinados haviam se soltado de dentro do capuz e a tornavam resplandecente aos olhos de qualquer mortal. A capa verde caía levemente, marcando suas curvas, e Evan precisou se esforçar para acreditar que aquela mulher não passava de uma visão que os deuses haviam lhe enviado para confundi-lo.

— Sei que está aí, Lorde Evan! — Ela o havia chamado pelo nome e o seu coração ameaçou saltar pela boca.

— Não queria atrapalhá-la! — Solto sem jeito, sentindo-se um adolescente cercado uma garota para lhe roubar um beijo, totalmente atrapalhado.

— É o senhor daqui. Um marquês, como os normandos o chamam, o que parece ser um título muito importante, embora eu não entenda muito das tradições normandas. — Ela lhe parecia mais tranquila. — Pode ir e vir quando quiser.

— Temos alguns títulos diferentes para expressar a importância e nos diferenciar do título de rei. — Ele explicou, ainda atordoado com sua beleza. — Com o tempo posso explicar sobre nossos costumes, se desejar. — Ela sorriu e ele simplesmente acreditou ter parado de respirar.

— Agradeço por ter me deixado me recuperar! — Myrna se sentia invadida com o olhar do noivo sobre seu corpo, fazendo-a se recordar das palavras de Siana.

— Espero que as feridas não doam mais.

— Ah não! Estão bem cicatrizadas e não foram assim tão profundas. — Deu

de ombros e continuou a encher os potes de terra fresca.

— Peço perdão por isso, Myrna! – Ele se aproximou e sentou ao lado dela, pegando um pote para também enchê-lo de terra.

— Bem, acredito que agiu como o esperado. Precisava me punir e assim o fez. E devo lhe parabenizar por ter me ensinado a não menosprezar a inteligência de um normando. – Ela o encarou e Evan sentiu vontade de puxá-la para seu colo e beijá-la desesperadamente. Myrna estava mais falante e menos ácida, mas seu caráter inabalável continuava com ela, o que a deixava irresistível. — Já fui punida outras vezes, não com um chicote, devo ser sincera, mas meu pai jamais foi misericordioso assim como o senhor. – Evan sentiu-se incomodado com o comentário. Chateou-o saber que Myrna havia sido punida pelo pai quando devia tê-la protegido. — Incomodou-me mais ter servido de exemplo para o povo. – Confessou.

— Foi necessário ou nunca me respeitariam. – Disse com os olhos vidrados nela.

— Justamente o que me incomodou. O senhor deveria ter sido o humilhado e não eu. É meu povo e esperava um desfecho diferente. – Fechou a cara e Evan decidiu mudar de assunto. Não queria estragar o diálogo amigável que haviam engatado.

— O que faz aqui? – Perguntou então.

— São minhas rosas, Lorde Evan. Devo protegê-las do frio do inverno. – Voltou a sorrir. — Devo levá-las para meu quarto. Mas é sempre tão trabalhoso transferi-las para os vasos.

— Posso ajudá-las se me permitir. – Ele sugeriu alegre com o rumo da conversa.

— Não vejo mal algum! – Ela concordou para seu espanto e um pequena trégua foi estabelecida entre os dois, trazendo a oportunidade que Evan tanto ansiava para conquistar sua confiança.

E ele não a decepcionaria.



Capítulo 08

Com a ajuda de Evan os potes foram enchidos de terra rapidamente e as rosas mudadas para dentro deles. O tempo passou depressa e o entardecer os surpreendeu, mandando-os para casa se proteger do vento gelado.

Naquela noite Myrna se juntou a ele para a refeição e ficou feliz quando todos a receberam com alegria. Surpreendeu-se quando um dos antigos conselheiros do pai se juntou à mesa e a cumprimentou com semblante feliz, explicando-lhe que o lorde normando havia insistido para que fosse uma espécie de homem de confiança para assuntos agrícolas.

— Como pode confiar em um dos homens do meu pai? – Perguntou aflita, sentindo-se traída por alguém que havia jurado lealdade ao seu pai.

— Porque ele entende de plantações e criações de gado como ninguém. Conhece os segredos dessa terra melhor do que eu ou algum dos meus conterrâneos. – Evan respondeu preocupado. — Sei o que pensa, Lady Myrna! Porém, nós normandos não queremos o fim de Rixton e sim sua prosperidade. Somos um só povo e trabalhamos com um missão em comum: a prosperidade.

— Mas não compreendo! – Soltou frustrada, levando a mão à cabeça a fim de massageá-la.

— Um dia compreenderá que há um propósito maior para Rei Guilherme ter ordenado nosso casamento. Conquistamos Rixton, mas para dividi-la com vocês. – Evan ergueu a caneca e brindou pela presença da noiva à mesa, encerrando a conversa. Sabia que precisava deixá-la se acostumar com a nova realidade que a cercava e considerando que a ideia que ela tinha de liderança era um tanto

equivocada, apenas o tempo seria capaz de fazê-la enxergar a verdade das coisas, o porquê estava ali, trabalhando ao lado dos galeses.

Evan sabia também que os normandos eram selvagens em suas campanhas de conquista de novos territórios, mas uma vez instalados e com a propriedade garantida, se dedicavam a fazê-la prosperar. Todos ali, fossem galeses ou normandos, haveriam de viver com fartura e felicidade em nome do rei.

Porém, o mais espantoso para Myrna foi observar sua gente sorrir e brindar em meio ao povo inimigo. Estavam tão integrados que não sabia mais dizer quem era amigo e quem era inimigo. Não havia hostilidade entre as pessoas e isso a deixou assombrada, tudo de acordo com o que Siana havia lhe contado e que ela havia se recusado a acreditar.

Por ter terminado sua refeição e para não atrapalhar os homens que conversavam animadamente, Myrna decidiu se recolher em seus aposentos. Sentindo-se traída, não conseguia entender como todos em Rixton haviam se esquecido rapidamente de Seamus Gallarach para comemorar junto ao inimigo. Secou uma lágrima com a manga da túnica, acreditando que não havia mais motivos para lutar contra os normandos. Seu povo não queria isso e a única intrusa ali era ela. Sua casa não era mais sua e tudo aquilo que lhe parecia certo já não estava tão claro. Os pensamentos lhe atormentavam à medida que se encolhia em sua cama à procura de algum conforto.

— As costas lhe doem? — Aquela voz grossa que tanto odiou a tirou do transe, fazendo-a se levantar de supetão pelo susto. — Perdão, não desejava assustá-la assim! — Evan se aproximou e sentou ao seu lado, levando a mão até sua bochecha para secar suas lágrimas com cuidado. Era dona de pele tão macia que temia machucá-la com os calos de suas mãos.

— Não tenho dor nas feridas. — Disse evitando encará-lo. — Estou apenas... Acredito que me senti sozinha. — Decidiu revelar a verdade.

— Mas não está sozinha, Myrna! Tem a mim e todos a respeitam como minha noiva, além de ser a filha de Seamus Gallarach. — Evan tentou elogiá-la pelo o que ela era, fazendo menção ao nome do pai.

— Vocês o mataram! — Ela soltou por meio de um sussurro baixo e dolorido.

— Não tenho como mudar os fatos. — Aquilo era o que mais o preocupava, que ela nunca conseguisse superar a morte do pai e enxergar o futuro promissor

que poderia se abrir para ela como a Marquesa de Rixton. — Sinto muito!

— Não sente, Lorde Evan! Porque não é seu pai que morreu para que um normando pudesse ocupar seu lugar. — Ela levou a mão à boca por ter percebido que havia falado demais, mas Evan a impediu e a olhou com ternura.

— Coloque para fora o que a incomoda! Deixe o rancor e a raiva sair. Não pode deixar o passado para trás carregando um fardo tão pesado. — Myrna o olhou assustada, avaliando se poderia confiar nele, se ele não viria a puni-la por ser verdadeira. Arriscou abrir seu coração, sem saber ao certo o porquê sentia que poderia confiar no normando.

— O senhor é meu inimigo, Lorde Evan! Devo me casar com o senhor como outras herdeiras assim fizeram, como sua mãe assim fez, tudo porque Guilherme, o maldito rei normando ordenou. Aceitei meu destino porque sou apenas uma mulher em meio a um mundo dominado por homens que decidem nosso futuro. No entanto, não consigo me conformar que a minha família, a minha gente, apoie isso e confraternize junto ao povo que aniquilou com meu pai. — E caiu no pranto como se toda a dor fosse de fato libertada das amarras que a prendiam e a faziam uma pessoa incapaz de continuar vivendo.

— Myrna, meu tesouro! — Evan a puxou para o colo, acariciando seus cabelos, tentando confortá-la de alguma forma. — Nossos comandantes tentaram negociar com Seamus, mas ele se mostrou intransigente, fazendo com que revidássemos suas provocações. Não atacamos por atacar, seu pai nos obrigou. — Evan havia se inteirado dos acontecimentos em Rixton e havia sido informado de que o velho Gallarach os havia testado ao limite, jogando sujo e desrespeitando inclusive um acordo de trégua.

— Eu sei o que meu pai fez ou deixou de fazer, mas continuava a ser meu pai e eu o amava demais para vê-lo ser assassinado por um normando. — Aquilo o deixou preocupado.

— Ele estava desarmado ou não foi uma luta justa? — Perguntou.

— Meu pai lutou tudo o que pôde e morreu para me salvar. — Então tudo fez sentido na cabeça de Evan. Myrna se sentia culpada pela morte do pai e despejava sua ira nos normandos como uma maneira de lhe salvar a alma. Mas ela não era culpada de nada. E pelas leis da guerra, Seamus havia tido uma morte justa, cujo corpo havia sido devolvido ao seu povo para as honras finais. Evan havia investigado cada detalhe do desfecho daquela tragédia e constatado que

tudo havia sido feito com o respeito que um chefe de clã merecia.

— Então liberte-se dessa culpa que não é sua, nem minha. Não estive aqui quando tudo começou e só quero te proteger, Myrna. Acredite em mim! — Pediu trazendo seu rosto para perto de sua boca, sentindo vontade de beijá-la por inteiro.

— É meu pai! — Ela soltou exasperada.

— E continuará sendo em seu coração. — Disse, aproximando a boca até seus lábios, deixando-se levar pela vontade de sentir seu gosto novamente.

Não houve resistência dessa vez, nem luta, ela simplesmente acolheu sua língua, deixando-se beijar com tanta suavidade que pareciam que estavam os dois dançando em um grande salão, movidos pelo compasso das batidas dos corações. Seu perfume o intoxicava e o deixava insano para deitá-la na cama e fazê-la sua mulher. A rigidez já pulsando entre suas pernas exigia a liberação, mas ele não a queria assim, sentindo-se frágil e desprotegida. A tomaria de outro modo, quando estivesse menos apática, quando pudesse participar do ato.

Evan não cometeria mais um erro e temendo afastá-la novamente, desgrudou de sua boca e a embalou até que a sentiu relaxada em seus braços, acolhida por seu carinho, protegida por seu amor.

Amava-a e não sabia como algo assim poderia ter acontecido tão depressa. Era como se ela houvesse sido feita somente para ser dele, para atender a todos seus desejos e caprichos. Myrna sempre lhe foi um encanto, desde que a avistou em suas vestes de noiva, prestes a se tornar a esposa de um homem que serviria para ser seu avô. Ali seu coração bateu mais forte e já a havia reconhecido como sua.

— O que vocês normandos sabem sobre os assuntos do coração quando apenas invadem e usurpam? — Ela perguntou sem coragem de abrir os olhos, temendo ter que voltar à realidade depois de sentir-se tão querida, por ser incapaz de segurar a língua.

— Não somos seres bestiais, meu amor! — Encostou o nariz na bochecha dela. — Guerreamos para reivindicar terras e tornar a Inglaterra uma nação unida sob o comando de um único rei. Queremos uma única nação, Myrna. E temos um coração capaz de amar, sofrer e sorrir, tudo ao seu exato tempo. Corrijo-a também a respeito de minha mãe. Ela não casou obrigada com meu

pai. Ao contrário, eles já se amavam antes do casamento e lutaram muito para terem seu final feliz.

— Como não? A Duquesa de Lyndford era a herdeira de um poderoso clã galês e o casamento ajudou os normandos para que expandissem ainda mais seu domínio. — Myrna abriu os olhos e para sua surpresa foi tomada de uma emoção desconhecida, que a fazia esquecer que estava sendo embalada pelos braços do inimigo.

— O fato de minha mãe ser uma princesa ajudou muito para que o rei aceitasse o casamento dos dois. No entanto, não foi determinante para que eles se apaixonassem. Um dia contarei toda a história, a verdadeira, e não aquela que os brados cantam pelos quatro cantos da Inglaterra, e você compreenderá a força de um amor verdadeiro que nem mesmo a guerra, o poder e a ganância foram capazes de detê-lo, tamanha é sua força.

— Então você acredita no amor?

— Como não acreditar quando se é fruto dele? Não garanto que consiga compreendê-lo muito bem, mas cresci vendo o amor dos meus pais ser renovado dia após dia, independente das dificuldades que se colocavam em seu caminho. — Evan a acariciava nas costas com movimentos circulares, deixando-a amolecida e tão relaxada que ele poderia muito bem fazê-la sua naquele momento que ela não impediria, ela não queria impedi-lo. — Sei o que está pensando, tesouro! Mas ainda não chegou a hora!

— Por que não? — A princesa encostou a cabeça no peito dele e ficou ali sentindo seu perfume agri-doce, que lhe lembrava a relva em uma manhã de verão. Sim, pensou, Evan de Brienne cheirava fresco como uma chuva de verão, forte, potente, mas tão necessário para amenizar o calor em um dia quente.

— Não tenho por hábito me aproveitar de uma donzela. — Respondeu com os dentes trincados, tentando controlar a luxúria que dominava seu corpo, tão-somente porque ela se mexia como uma gata no cio, atiçando-o ainda mais, deixando-o louco de desejo.

— Nem quando ela é sua noiva e lhe foi entregue como um prêmio? — Insistiu.

— Justamente por isso, porque é meu tesouro e quero que venha até mim livre, desimpedida e com o coração disposto a ser minha, sem ressentimentos.

— Isso não me parece certo, Evan! — Ela havia lhe chamado pelo primeiro nome e a emoção acabou se tornando mais intensa, varrendo sua racionalidade para longe. — Normandos não parecem saber esperar. — Ergueu a cabeça e Evan voltou a beijá-la, trazendo-a mais para perto do seu corpo, para que ela fosse capaz de sentir a dureza de seu membro.

Myrna não se assustou e acabou por retribuir o beijo, escarranchando-se no colo de Evan como um pedido de socorro. Seu corpo havia assumido o controle de tudo, a paixão dominava cada um de seus pensamentos, tão ousados que se desconhecia. Mas não era hora para pensar nas consequências. Apenas queria sentir, ter e possuir aquele homem que havia sido colocado em seu caminho como um demônio a tentá-la.

Evan a deitou na cama de costas e a beijou com ardor, deslizando sua mão entre suas pernas, provocativo a lhe chamar por palavras carinhosas, dando-lhe uma pequena amostra do que poderiam ser as noites em sua companhia, e quando ele chegou até o sexo inchado e úmido dela para afundar os dedos o mundo explodiu para Myrna e o corpo convulsionou em espasmos involuntários.

— Sou um normando e não tenho como mudar isso. No entanto, posso convencê-la de que somos honrados, meu amor, e cumprimos com a palavra que empenhamos. — Evan se afastou a muito custo, porque seu desejo era se afundar dentro dela e reunir-se a ela no êxtase. — Nos casaremos em três dias e espero que até lá tenha reconsiderado e venha até mim com o coração livre para ser minha mulher. — E assim Evan a deixou em um turbilhão de sensações diferentes que varriam seu corpo.

Ah, como ela gostaria de chamá-lo de volta para dizer-lhe umas boas verdades, mas estava tão relaxada que apenas deixou o sono lhe envolver. Sonharia com ele, com certeza, e seria bom, estava ainda mais certa disso.

Talvez todos estivessem certos quando lhe diziam que precisava abrir o coração para o novo e já estava tão cansada de lutar contra o destino que não seria um sacrilégio abaixar a guarda para desfrutar da companhia de um homem como Evan de Brienne.



Evan a deixou sentindo o corpo escaldado e sua capacidade de controle

ameaçando lhe deixar. Desejava-a tanto que poderia muito bem reconsiderar e retornar para junto dela, unindo-se a ela na cama, fazendo-a sua e encontrando a liberação que tanto ansiava.

Mas era um Brienne e havia feito um juramento, e não pretendia quebrá-lo ao deixar-se levar pela volúpia de um corpo que havia sido forjado no calor do pecado.

O que iria fazer, então? Sentia-se como uma brasa em chamas. O corpo ardia de desejo reprimido, os pensamentos impuros martelavam em sua cabeça e a vontade de se afundar dentro dela o fazia um homem descontrolado, praticamente à beira da insanidade.

Três malditos dias para ela ser sua esposa e decidir ir até ele. Porém, Myrna poderia decidir não ir, uma possibilidade que o transtornava, o deixava preocupado.

Tentou se acomodar na cama para dormir, mas sentia-se excitado, com o membro duro como uma pedra. Precisava fazer algo antes que acabasse voltando até os aposentos da noiva e implorando para que ela o aceitasse. Ainda era capaz de sentir seu perfume, ouvir seus resmungos enquanto dormia placidamente a poucos passos dali, bastava ele atravessar o pequeno corredor.

Um verdadeiro suplício.

Saltou da cama e decidiu se aliviar longe dela. Um banho gelado em uma noite fria era o que ele tinha para o momento. Tentou não fazer barulho e saiu sorrateiramente em direção aos estábulos, onde encilhou seu cavalo e trotou em alta velocidade até o rio.

Sim, iria nadar e afugentar o desejo que o fazia um homem sem limites, capaz de se humilhar e até de considerar quebrar uma promessa feita. Era um Brienne, afinal, e deveria se portar como um, mesmo que uma bruxa houvesse sido enviada para lhe torturar e colocá-lo à prova.

— O que farei com você, Lady Myrna Gallarach, se não vier até mim como quero? — Deu voz aos seus pensamentos, desnudando-se e livrando-se aos poucos do calor que ela havia despertado em seu corpo. — Me fará rastejar como um servo? É isso que quer? — Olhou para as estrelas e fez um pedido para que o protegessem daquela mulher, porque ela havia se infiltrado em seus pensamentos e em sua pele como um feitiço que jamais poderia ser desfeito.

Com isso, nadou nu até suas forças se findarem, até seu desejo esfriar e a razão lhe voltar.



Capítulo 09

Myrna, aos poucos, encontrava seu lugar novamente no clã, e isso a deixava feliz. A recebiam com respeito e carinho e não parecia que a odiavam por aceitar se casar com um normando. Ainda se sentia estranha com isso, mas de nada adiantava alimentar o rancor quando todos já haviam se acostumado com as mudanças trazidas pelo novo Senhor de Rixton.

Movido pela ira, Seamus Gallarach havia descuidado de seu povo e, nos últimos tempos, se ocupava mais em recrutar jovens, até crianças, para guerrear contra os normandos, mesmo que seus conselheiros houvessem lhe dito que precisavam rever as decisões.

Um pouco antes de Rixton ser tomada, os habitantes já sofriam com a escassez de alimentos, e rebanhos precisavam ser sacrificados para alimentar os guerreiros, cujo número se tornava menor à medida que os dias passavam. Muitos haviam alertado ao velho senhor que a rendição era a única saída, mas por ser teimoso, Seamus insistia em prosseguir com as ofensivas. Até que em um dia chuvoso, reforços vindos do leste a mando de Guilherme II massacraram definitivamente com qualquer esperança de ele sair vitorioso daquela miserável guerra. Mas era tarde para todos, até para Seamus que acabou morrendo dois dias depois.

A morte do pai fez Myrna atravessar o mar revolto sozinha, sem a proteção de nenhum guarda e buscar abrigo em terras estranhas um ano antes, temendo que repetisse o destino das muitas princesas que foram obrigadas a se casar com normandos.

Mas a jovem galesa não previra que a invasão normanda pudesse trazer paz e

fartura para sua gente. Uma constatação que apenas conseguiu ter ao andar entre os camponeses e aldeões, conversando com eles, escutando sua versão dos fatos.

Sobraram poucos homens e Rixton havia se convertido em uma terra de mulheres e viúvas abandonadas, sem perspectivas de sobrevivência. Temeram, de início, a presença normanda, mas acabaram se afeiçoando a eles. Algumas inclusive haviam se casado com normandos e esperavam seu primeiro filho.

— Estamos muito felizes em receber a senhora aqui em nossa modesta cabana! – Uma jovem galesa que costumava brincar com Myrna quando criança sorriu feliz ao exibir sua barriga de final de gravidez.

E Myrna percebeu que seu casamento com Lorde Evan de Brienne era muito esperado, uma maneira de consolidar a união de dois povos em prol de algo maior, o bem comum de todos que ali viviam, fossem eles galeses ou normandos.

Despediu-se da antiga amiga e saiu da cabana com o coração diferente, menos amargurado, mas com os pensamentos ainda mais confusos. Sentia-se em dívida com seu pai, como se ao aceitar o casamento com um normando estivesse ofendendo a memória dele; por outro lado, deveria decidir de acordo com aquilo que sua gente esperava, e eles viviam felizes, dispostos e sorridentes como jamais havia os visto um dia.

Seu pai havia cometido muitos erros, ela sabia, e não pretendia seguir pelo mesmo caminho. Mas como evitar novos erros se tudo parecia uma grande bagunça?

E para piorar, sentia-se atraída pelo noivo como nunca havia acontecido antes. Teve alguns namoricos, até trocou alguns beijos inocentes, mas evitava se envolver com qualquer homem, e considerando que seu pai a queria casada com um homem de posses, decidiu-se pelo celibato. Decisão que a havia levado a discutir com o pai, que a acusava de egoísmo quando ele era o verdadeiro egoísta; pôde constatar isso quando Siana lhe contou detalhes de seu relacionamento com o pai.

Nunca havia se sentido tão perdida em toda sua vida. Nem sequer poderia brigar com Evan, já que ele não a procurava e evitava ficar sozinho em sua presença. Todos a haviam deixado só para que pudesse refletir sobre as escolhas que precisava fazer ou como Siana havia lhe dito: para ouvir o chamado de seu coração.

Sabia que precisava decidir logo, pois na manhã seguinte se casaria e assim selaria para sempre seu futuro como Marquesa de Rixton, governando ao lado de Evan de Brienne. Myrna não estava certa quanto a isso. Simplesmente, seria mais fácil se ele a obrigasse e assim não teria que pensar em mais nada, apenas fechar os olhos e se deixar levar pelo destino.

Mas o infeliz havia lhe dado uma escolha e tornado seus dias um verdadeiro suplício. Enquanto seu corpo o desejava e se escaldava apenas em ouvir sua voz grossa, havia algo que a perturbava. O fato de que se casaria com o inimigo a incomodava muito.

Nunca foi dada a pensar muito nas coisas. Tudo antes de Evan era preto no branco e as decisões eram mais fáceis de ser tomadas. Mas estava ali andando sem rumo em busca de respostas que não queriam chegar. Havia até esquecido de Herleva e nessa altura, a mulher devia estar apavorada por tê-la perdido de vista; logo os guardas a alcançariam para levá-la de volta à casa. Poderia fugir sim, mas não iria se dar ao trabalho para ser capturada logo em seguida. Simplesmente andou sem rumo, deixando-se atrair pelo som das águas que corriam no rio onde costumava brincar com as outras crianças, uma época em que não havia preocupações além do medo de cortar os pés com uma pedra pontiaguda.

E foi ali no rio que o viu nu e molhado, em toda sua glória de guerreiro, com suas cicatrizes de batalhas expostas, deixando-a extasiada com tanta beleza. Evan era belo e dificilmente Myrna conseguisse compará-lo a alguém para descrevê-lo. De uma beleza única que o fazia um ser mágico e bem-dotado. Os músculos lhe saltavam nos braços, provavelmente resultado da prática com a espada. O peitoral era dividido em gomos salientes e terminavam em um “v” logo abaixo da barriga, bem no ponto onde começava uma trilha de pelos escuros que tentavam esconder seu membro ereto e viril.

Aquela imagem a atordoou e a fez corar como uma virgem inocente, o que ela era de fato não fosse a língua afrontosa tentar camuflar a pureza de seu corpo. Tapou os olhos e soltou um uivo de surpresa, fazendo com que ele a percebesse e, então, não havia mais como fugir.

— Lady Myrna! — Evan a chamou, se segurando para não rir de seu acanhamento incomum.

— Oh, Lorde Evan... — Gaguejou em busca das palavras, mas estava muito

afetada para poder conseguir falar algo apropriado ao momento. — Acredito que deveria se vestir. Sim, está muito frio para nadar no rio. — Ele soltou uma gargalha apenas para deixá-la mais arrepiada e excitada do que estava.

— Você poderia me esquentar, meu amor! — Disse se aproximando em passos curtos, sentindo o corpo cada vez mais quente, mais disposto a seduzi-la. Nem mesmo o banho gelado daria conta de impedi-lo de puxá-la para dentro do seu calor. Sim, Evan desejava compartilhar aquela ardência que sentia por ela, que o fazia duro como uma rocha no meio das pernas.

— Não é apropriado! — Ela continuava a falar sem pensar, soltando as palavras conforme lhe vinham à mente.

— Abra os olhos, Myrna! — Ele exigiu e ela negou, temendo que fosse arruinada para sempre se voltasse a vê-lo como havia vindo ao mundo. — Não tema, meu amor!

— Oh! Não... Não tenho medo do senhor! — Suspirou languidamente e Evan sorriu em resposta, mas ela não o via, porque se recusava a abrir os olhos. — Sinceramente, tenho mais medo de mim do que do senhor. — Ele gargalhou alto, envolvendo-a por completo, trazendo-a para dentro do conforto de braços fortes e protetores.

— Abra os olhos para eu poder admirá-los! — Deslizou o dedo por sua bochecha, deixando um beijo delicado nos lábios dela. — A cor de seus olhos me impressiona muito, tudo em você me impressiona.

E aquilo a convenceu a abrir os olhos, fazendo com que as pernas amolecessem quando ela o fitou e foi beijada com ardor, sofrimento e uma entrega que a deixava alucinada. O roçar da barba apenas reforçava o prazer que ela conseguia sentir ao ser tocada. Seu gosto cítrico de quem havia chupado uma laranja a deixava delirante e as mãos, ah, as mãos, a faziam se contorcer, gemer e até poderia dizer sorrir se sua boca não estivesse tão ocupada com beijos.

— Oh... — Espalmou as mãos sobre seu peito a fim de recuperar o fôlego, sem deixar de admirar sua beleza masculina, tão dura e tão fascinante que o resto do mundo desaparecia, se tornava um borrão perto de tanta perfeição. — Como pode estar tão quente?

Não bastava o noivo ser normando, ele precisava ser belo, tão incrivelmente atraente aos olhos de qualquer mulher. Havia sido uma grande piada do destino

lhe colocar justo na vida de um normando. E lindo... Ah, como ele era belo! A atração se tornava tormentosa, irresistível, e Myrna estava cansada de lutar contra isso.

Ela o queria demais para rechaçá-lo somente pelo fato de ser seu inimigo.

— Sua culpa, princesa! Sonho com você todas as noites, luto contra a vontade de atravessar aquele corredor ridículo que nos separa e tomá-la como minha mulher. Mas sou um homem de princípios e lhe fiz uma promessa que cumprirei, não me restando alternativa a não ser esperar por amanhã.

— Amanhã?

— Sim, amanhã! Quando nos casaremos e você virá até mim, ou ainda tem dúvidas a respeito? — Encarou-a com os olhos negros como o breu de uma noite sem estrelas, como se ainda pudessem ser capazes de ficarem mais escuros do que eram. — Esclareço, meu amor, que não há como fugir do casamento. Não há negociação quanto a isso. — Esfregou o queixo no ombro dela, mordiscando em seguida o lóbulo de sua orelha. — Seremos marido e mulher, marquês e marquesa, como quer nosso rei. Sua escolha é sobre me aceitar como seu homem, princesa! Não a tomarei à força. Mas não pretendo lhe facilitar a vida, e juro que não medirei esforços para convencê-la a se entregar. — As palavras ditas próximas ao ouvido a deixavam zozua e quase se ajoelhou diante dele para implorar que a tomasse ali mesmo.

Myrna se sentia inútil perto de tanto estímulo que lhe dedicava. E simplesmente deixou-se levar por ele para um lugar que lhe era desconhecido, onde frases eram mais do que palavras ordenadas em uma sequência lógica, onde mãos se entrelaçavam e o desejo comandava cada atitude a ser tomada entre eles.

O mais surpreendente foi quando Evan levou uma de suas mãos até a base ereta de seu membro e a fez deslizar para que sentisse toda a extensão dele, a dureza nua e crua da luxúria que os consumia. Aquilo a fez explodir entre as pernas e algo faiscou dentro dos olhos dela, ele percebeu quando enfiou as mãos por baixo da túnica, fitando-a sempre, olho no olho, e com tanta paixão que o mundo poderia acabar naquele exato instante.

Movido pela mais inebriante das paixões, ele a ergueu de modo que ela fosse obrigada a envolver as pernas em torno de sua cintura, e a levou até onde havia estendido uma manta. Deitou-a ali de costas, colocando-se sobre o corpo dela,

trocando beijos e sussurrando o quanto ela era bela, chamando-a de deusa e outros apelidos que a deixavam feliz.

— Não é justo que esteja com tantas roupas. — Disse quando conseguiu se afastar da boca dela. — Quero-a nua também. — Livrou-a então de todos os tecidos que compunham sua vestimenta de frio e delirou quando os bicos de seus seios empinaram. — É tão linda! — Declarou com a voz embargada, deixando que a fome daquele corpo cunhado à maestria para deixá-lo duro de desejo assumisse o comando.

E a chupou, beliscou, acariciou tudo o que sempre sonhou em tocar como um verdadeiro faminto, como se jamais pudesse se saciar o suficiente dela.

Evan a queria cada vez mais e sabia que Myrna queria o mesmo, só precisava que ela compreendesse o chamado de seu próprio corpo. Estava molhada, excitada e não haveria palavras capazes de negar a atração que um sentia pelo outro.

— Evan... Evan... O que faz? — Ela tentou se afastar quando o viu colocar a cabeça no meio das pernas, exigindo que ela se abrisse para ele, que o deixasse explorar mais, tocar mais do que já havia tocado.

Ela deveria afastá-lo, mandá-lo embora, suplicar-lhe para que parasse com aquele tormento. Mas era bom, divino e tão certo que ela cedeu e aceitou a invasão, lhe dando acesso para que a conquistasse e possivelmente a arruinasse por completo.

— Deve ser tão delicioso estar aqui dentro! — Evan a penetrou primeiro com os dedos, como se estivesse apenas reconhecendo um território que almejava conquistar. Sim, ele era um conquistador nato e tudo acabava sempre acontecendo do jeito dele. Um maldito e delicioso normando que a convidava para ultrapassar todos os limites que um dia imaginou ser certo.

Não havia mais certo e errado entre eles. Não havia mais como afugentá-lo quando o corpo de Myrna ardia pelo toque dele. Tentou se livrar da agradável tortura fechando os olhos. Um erro tardiamente percebido. Evan deixou de tocá-la com os dedos para afundar a língua em seu sexo inchado, forçando os grandes lábios para que se separassem para dar passagem, chupando-a com grande afinco e a fazendo tremer de desejo.

Ele a provocou por longos minutos, estimulando-a, fazendo-a até gritar e a

conduzindo entre espasmos até a libertação merecida. E quando a tormenta havia se abrandado e ela acreditava que o mundo houvesse parado de girar ao seu redor, Evan a prendeu contra seu corpo, boca com boca, sexo com sexo, esfregando-se nela com vontade, beijando-a com grande parcimônia a fim de deixá-la delirante.

— Faça algo ou... — Myrna clamou, chamou e gritou por Evan, mas ele não a ouviu e aquilo a deixava furiosa, frustrada e com o coração saltitante.

— Amanhã, meu amor, te levarei ao paraíso. Basta vir a mim, não esqueça! — Evan se afastou, indo ao encontro das roupas, como se nada houvesse acontecido, controlando-se para não revelar o quanto estava consumido pela luxúria e pelo desejo que sentia pela noiva.

Numa batalha feroz para se manter incólume ao charme de Myrna, recolheu as roupas dela e a ajudou a se vestir, envolvendo-a com o manto para que não sentisse frio, já que tremia muito.

Myrna tremia sim, mas não de frio, pois seu corpo ainda estava escaldado pelo toque do normando. Ela vibrava de desejo e frustração, embora não conseguisse compreender com exatidão o que havia acontecido para estar tão irritada. Poderia brigar. Ah, como desejava lhe dizer umas verdades, ou mesmo lhe atingir com uma pedra como castigo por tê-la feito de tola, mas simplesmente se calou e deixou que ele cuidasse dela. Havia provado do sabor do prazer e seu corpo ainda precisava se recuperar da loucura que havia compartilhado com ele.

— E se eu não for até ti? — Arriscou perguntar.

— Você virá, Myrna! E terá o paraíso como prêmio e um homem que devotará os dias para fazê-la sorrir. Hoje foi apenas uma amostra do que podemos ter juntos, do prazer que podemos compartilhar se me aceitar.

— Como consegue ser tão obstinado? — Se aninhou ao peito dele e deixou que a carregasse de volta à casa senhorial.

— É persistência normanda. — Ele riu em resposta, sentindo-se feliz por poder tê-la com ele. — Uma característica impressionante, não acha? — Provocou-a para não perder o costume e ela respondeu com um sorriso que devolveu as esperanças a Evan.



Capítulo 10

Evan mal havia conseguido dormir depois de ter deixado Myrna em seu quarto. Havia se revirado na cama durante horas e quando se sentiu cansado de tentar adormecer, levantou e foi para perto da janela a fim de contemplar as terras de Rixton.

Myrna não havia se ocupado com os preparativos do casamento e tudo havia ficado por conta das mulheres do clã, que haviam recebido ordens suas para que fosse uma grande celebração. Aquele povo que agora era seu, independentemente de também serem galeses, já havia sofrido muito e merecia divertir-se por algumas horas, deixando as lembranças da guerra para trás.

Seria um casamento de acordo com as tradições normandas; por isso, um frade havia chegado dias antes para celebra a cerimônia a mando do rei. Evan não desejava que sua união com a princesa galesa fosse contestada, e se havia uma coisa que sua própria história provou era que não se podia deixar brechas para possíveis contestações, pois um dia isso poderia ser usado para arruiná-lo. Já havia acontecido uma vez quando seu direito de nascimento havia sido colocado em cheque por Guilherme II, que o fez viajar para longe da família em busca de seu lugar no mundo, por mais que o rei antecessor o houvesse reconhecido como o legítimo primogênito de Aaron de Brienne. Seus filhos não haveriam de passar pelo mesmo e isso só seria possível se seu casamento com Lady Myrna fosse realizado de acordo com as leis da Inglaterra.

Mas havia uma preocupação maior que isso: a própria noiva que ainda estava reticente com a união. Evan não era ingênuo para não notar que Myrna se sentia dividida entre a atração que ele lhe despertava e a lealdade a seu pai. Seria um

casamento difícil, permeado por desconfianças de ambas as partes. Da parte dela, o receio de trair a memória do pai, e da parte dele, o medo de voltar a ser traído.

Uma união teria dificuldades de prosperar em meio a tantas desavenças, mas era o que ele tinha no momento; e por ser um Brienne não se deixaria vencer sem lutar, sem ter utilizado de todas as artimanhas para conquistá-la. Não porque ela era a chave que abriria a porta para a prosperidade, mas porque ele a amava, e esse sentimento estava cada dia mais enraizado em sua alma.

Não havia uma capela ali, por isso um pequeno altar foi montado no salão principal da casa senhorial, onde Evan aguardava ansiosamente a noiva dentro de sua melhor veste. Como um guerreiro, fez questão de ter a espada junto de si, servindo de esteio quando a viu descer as escadas de madeira, tão majestosa que jurou que ali não era uma mulher de carne e osso, mas sim um ser de outro mundo, divinamente bela e resplandecente. Uma grossa trança caía sobre seus seios e a cor azul da túnica criava uma ilusão de que havia descido diretamente dos céus para tentá-lo. Recebeu-a extasiado, confuso com tanta beleza e deixou-se encantar com gosto por ela, incapaz de deixar de fitá-la, mesmo que o frade exigisse sua atenção.

Myrna se sentia acuada e cheia de dúvidas. Deixou-se ser arrumada sem empolgação e só conseguia pensar no que faria com o marido, se seria capaz de rechaçá-lo depois de ter provado o gosto do prazer que ele poderia lhe oferecer. Evan a havia tentado com grande afínco, até brincado com suas fraquezas, fazendo-a refletir sobre coisas que sequer imaginava ser possível entre um homem e uma mulher.

O que faria? Como faria? Tudo estava um verdadeiro tumulto em sua mente prática e perspicaz. Aquele normando a confundia, a deixava sem chão. Ora se portava como um homem qualquer, que obrigava, que conquistava à força e que não media esforços para ter o que desejava. Poderia odiá-lo facilmente se ele fosse apenas isso. Porém, Evan de Brienne também era suave como uma brisa quente de verão, sedutor como um demônio e tão carinhoso ao tocá-la que o mundo parecia ruir diante de seus pés. Homens assim não existiam em seu mundo, não até ele chegar e colocá-lo de cabeça para baixo.

E assim presos nos próprios pensamentos eles haviam dito o “sim” que os uniria como marido e mulher e os faziam oficialmente os Senhores de Rixton.

Evan puxou a esposa para um canto reservado assim que todos haviam terminado de cumprimentá-los, o que a deixou sem jeito diante dos olhares que lhes foram direcionados.

— Trouxe-a aqui para poder fazer uma promessa a ti. — Evan acariciou sua face rosada e uma trilha de fogo atingiu-a, deixando-a ofegante e sem saber ao certo como agir. — Prometo te respeitar, te proteger e cuidar de ti como um tesouro, porque é meu amor. — Aproximou-se mais dela, enlaçando-a pela cintura com cuidado e tanto carinho que Myrna sentiu que poderia morrer naquele momento, mas morreria feliz.

— Eu nem sei o que dizer, tudo é tão confuso e novo. — Confessou com os olhos resplandecentes, sentindo-se confusa e incapaz de entender os próprios sentimentos, por se sentir amada pelo inimigo.

— Nada precisa ser dito, Myrna! Apenas aceite minha atenção, meu carinho e meu amor. Sinta cada sentimento que dedico a você, querida. — Brincava com sua trança como se estivesse admirando uma joia rara.

— Nunca me ofereceram algo sem me exigirem alguma coisa em troca. — Deixou escapar espantada com a força das declarações do normando.

— Mas eu te peço algo em troca. Quero que me aceite, não me rechace e venha até minha cama esta noite, meu amor. Se ofereça para mim, Myrna, e deixe eu te tocar como um homem apaixonado. — Evan deslizou os dedos entre os cabelos dela, chegando até o queixo para fazê-la levantar a cabeça e fitá-lo nos olhos. Queria-a assim, ardente como uma fogueira de Beltane, leve e deliciosa, sem máscaras para esconder sua verdadeira essência. — É tão bela que meus olhos custam a acreditar que é real, preciso te tocar, preciso te fazer minha. Só venha para mim.

Beijou-a com carinho, encostando seus lábios nos dela em uma troca muda de carícias entre almas afins. Deslizou suas mãos grandes e pesadas pelas costas até se ajustar em sua cintura fina, como uma forma de dizer que ela era sua, só bastava aceitá-lo em sua vida. Myrna abriu a boca para recebê-lo como reflexo do desejo que seu corpo sentia por ele, e naturalmente envolveu-o pelo pescoço com os braços, devolvendo a suavidade daquele afago, deixando que seu coração fosse curado de parte das dores que carregava consigo.

Tudo aconteceu rapidamente e quando menos esperava Myrna já havia sido puxada de volta para a mesa dos senhores, onde um banquete os aguardava, com

carnes e pães, além de muita bebida.

Todos os normandos e galeses brindavam e comemoravam a união de seus povos e pouco importava se teriam que ser governados por um normando ou mesmo terem que prestar fidelidade a um rei que aos olhos de Myrna jamais deixaria de ser um forasteiro. Muitas coisas ainda a confundiam, mas era incapaz de retirar-se dali e ter que ver a decepção nos rostos daqueles que lhe eram estimados.

— Relaxe um pouco, menina! — Siana se aproximou da mesa principal e massageou os ombros de Myrna. — Todos festejam seu casamento. Veja como estão felizes. Lá fora também comemoram e presentes foram deixados desde cedo para os novos Senhores de Rixton.

— Tenho medo de estar cometendo um erro. — A jovem galesa olhou para a mulher mais velha com lágrimas nos olhos. — Estou tão confusa!

— Confusões também servem para nos fazer enxergar as coisas com outros olhos. Deixe-se levar pelo coração, ouça seu chamado. Além disso, jamais poderá saber se cometeu um erro se não tentar vivê-lo. Simplesmente permita-se tentar fazer diferente. Se até então tudo deu errado, que mal há em fazer diferente uma vez na vida? — Beijou-lhe na testa, desejando que sua menina conseguisse ser feliz, porque ela merecia ser amada de verdade, provar da proteção de um homem e sentir o prazer de pertencer a um mundo sem intrigas e guerras.

O diálogo acabou sendo interrompido quando Evan ofereceu à esposa um pedaço da melhor caça servida no banquete. Era um costume antigo dos povos da floresta brindar a felicidade do casal servindo a esposa na boca. Havia aprendido com sua mãe e vira seu pai fazer o mesmo sempre que comemoravam em Lyndford. Foi mais uma surpresa para Myrna, que aceitou com lágrimas nos olhos. A preocupação do marido em fazê-la se sentir em casa lhe era apreciada e apenas conseguia deixá-la encantada.

— Agradeço! — Ela disse sem jeito, ainda receosa de como e quando deveria falar.

— É minha esposa e pretendo servi-la sempre. — Afagou sua mão e mostrou-lhe um pedaço de pão, que foi levado diretamente até sua boca por meio de mãos fortes e gentis. — Te espanta o fato de eu conhecer os seus costumes? — Ela afirmou com um leve chacoalhar de cabeça. — Pois não devia! Sou metade

galês, assim como minha mãe, que ensinou a mim e aos meus irmãos e irmãs a respeitar os costumes de seu povo como parte do que somos.

— Isso é muito bonito da parte dela. — Myrna comentou envergonhada por ter julgado mal a sogra, que sequer havia conhecido pessoalmente.

— Você gostará dela, meu amor! — Falou sem soltar de sua mão e a pele de Myrna ficou arrepiada. — Assim como ela gostará de ti. — Levou a mão dela até os lábios e beijou-a na palma, deixando-a tão atordoada que tudo havia sumido, como se no mundo não existisse mais ninguém além dos dois.

Myrna engoliu seco e manteve-se em silêncio enquanto o marido conversava com seus conhecidos, sempre de mãos dadas com ela, como se fossem um casal feliz. Aquilo a incomodava em certa medida, pois não sabia interpretar corretamente o que ele pretendia com tanta demonstração de afeto em público. Considerou que poderia ser um truque para que todos acreditassem que eram um casal apaixonado, mas ao mesmo tempo a espontaneidade dele a deixava enternecida.

Deixou de se preocupar quando um grupo de jovens donzelas a arrastaram até o meio do salão, onde havia sido trazida uma mesa com vários bolos empilhados.

— É uma tradição, milady! — Uma moça de olhar gentil que Myrna reconheceu ser normanda falou empolgada. — Os bolos foram trazidos pelos convidados como presentes para os noivos e empilhados até formar uma torre.

— E o que devo fazer? — Perguntou a nova Senhora de Rixton, desconfiando que haviam lhe trazido até ali para fazer algo de que não fazia ideia.

— Oh, a senhora já irá saber! Desde que nos deixe levantá-la. — Várias mulheres se aproximavam. — Vamos erguê-la até que alcance o topo da torre e possa beijar seu marido. — O coração de Myrna acelerou no peito.

— Mas para que isso? — Perguntou por curiosidade, já sendo levantada pelas mulheres.

— Para dar sorte e trazer prosperidade ao casamento, mas não podem derrubar os bolos. — Outra jovem gritou lá debaixo.

E quando os olhos de Myrna alcançaram o rosto do marido, simplesmente ela sorriu para ele como uma criança feliz.

— Myrna! — Ele soltou radiando alegria. — Não podemos derrubar os bolos ou seremos amaldiçoados com a má sorte. Aproxime-se, querida, e deixe-me beijá-la. Evan se esticou um pouco mais e envolveu o rosto dela com as mãos, colando os lábios nos dela. Foi um beijo discreto e rápido, mas o suficiente para nublar seus pensamentos e deixá-la aflita por mais. — Conseguimos, meu amor! — Evan a despertou do transe, comemorando o fato de que haviam conseguido se beijar sem derrubar a torre de bolos e, rapidamente, os dois foram trazidos ao chão, onde as mulheres mais velhas distribuíam pedaços de bolos aos convidados ao som de muita algazarra e música.

— Não acredito que fiz aquilo! — Myrna disse ao encontrar-se com o marido novamente ao chão. — Não sabia que os normandos eram supersticiosos. — Evan riu em resposta, aquela risada gutural que lhe provocava arrepios.

— Há muito que aprender sobre nós, como o fato de que gostamos de dançar. — E assim acabou sendo levada para o meio de uma roda, onde casais os saudavam, atirando sobre eles sementes e grãos de trigo. — Estamos sendo abençoados para que tenhamos uma família numerosa. — Evan contou, puxando-a para perto. — Você quer ter filhos meus, Myrna? — Deu um giro fazendo com que ela rodopiasse junto dele. — Porque eu quero ter muitos filhos com você: valentes guerreiros e lindas princesas como a mãe.

Myrna sorria como uma tola, mas não se sentia uma quando seu coração batia feliz. Tudo era novo para ela e diferente em uma proporção inimaginável. Fazia tempo que não se sentia tão realizada e um estremecimento lhe tomou o corpo quando lembrou que bastava ir até ele para se sentir plena e única.

Sim, Myrna Gallarach poderia deixar as preocupações e as dúvidas por uma noite e viver de acordo com suas vontades, entregando-se de corpo e alma ao que o destino havia lhe reservado, deixando as incertezas para o amanhã, quando pudessem se converter em certezas e aí sim pudesse fazer suas escolhas.

Movida por sentimentos estranhos, ela se deixou embalar pelas festividades e divertiu-se como nunca havia acontecido, apreciando as atenções do marido e agradecendo as felicitações que recebiam.

Evan a bajulava como sua senhora, sempre sorrindo e demonstrando consideração por suas opiniões. Estava feliz e realizado, sentindo-se um homem de sorte por receber a dádiva de iniciar uma família, recusando-se a pensar diferente disso.

E assim viraram o dia, cantando e bebendo, até que as estrelas exigiram seu lugar no céu para que a noite chegasse como o prenúncio de um novo amanhecer.



Siana e duas mulheres mais velhas acompanharam Myrna até seu antigo quarto a fim de prepará-la para o marido. Ajudaram-na a trocar de roupa e a banharam com água de rosas, cujas pétalas haviam sido guardadas da última florada. Também ajudaram-na a vestir uma camisa fina e a desembaraçar os cabelos.

O quarto de Myrna havia sido limpo e os lençóis trocados para receber o marido, mas ela sabia que ele não iria até ela e isso a deixava transtornada. Havia aprendido a lutar contra os desmandos de homens arrogantes, sempre teve que lutar com unhas e dentes por aquilo que acreditava e por isso Evan lhe era um grande mistério. Mesmo seu pai, apesar de considerá-lo justo, era violento quando decidia puni-la. Aquele era seu mundo e não estava habituada a ter que decidir sem ter que lutar por sua causa.

— Não se faz necessário te explicar os detalhes do que irá viver nesta noite, já que tivemos essa conversa em outra oportunidade. — Siana a abraçou com carinho de mãe, tocando num assunto que a incomodava muito. Na ocasião, havia sido dada em casamento a um homem bruto, cuja aparência lhe havia causado repugnância, o que a fez fugir pouco antes do casamento. — Não há o que temer, criança! Lorde Evan não é como aquele homem asqueroso que Seamus queria casá-la.

— Eu sei que não é! — Respondeu a princesa com semblante eufórico. — Tenho medo de mim e não dele. Meu marido não virá até mim. Esperará que eu vá até ele. Logo, a decisão para me deitar com ele e consumir o casamento é minha.

— E o que isso tem demais, querida? — A galesa mais velha sorriu diante da preocupação da enteada.

— Não estava preparada para isso.

— Claro que não! — Siana a olhou de soslaio, enrugando o canto dos olhos.

— Devo imaginar que estava preparada para enfrentar uma guerra e não um homem gentil. — Acabou soltando uma gargalhada.

— O que devo fazer? — Myrna insistiu, esperando que ela pudesse lhe ajudar a encontrar a resposta para sua aflição.

— Ouça seu coração e tudo ficará bem. — Novamente o maldito coração, pensou a jovem contrariada. Myrna havia tentado ouvi-lo, mas a razão ainda estava reticente em aceitar o que ele exigia fazer. — Precisamos nos retirar e você precisa decidir o que irá fazer. — Pegou-a pelas mãos e as beijou como sinal da devoção que sentia por sua menina. — Seja o que for, estarei sempre ao seu lado.

Então, Myrna foi deixada no quarto, com o coração a retumbar no peito e os pensamentos revoltados. Não conseguia desgrudar os olhos da porta à espera que Evan invadisse e exigisse seus direitos como marido, o que lhe seria um favor. Porém, ela sabia que o marido não viria, pois estava certa de que não voltaria atrás na palavra empenhada. Naquelas poucas semanas que haviam convivido, depois de vários embates, havia aprendido muito sobre o normando, o quanto era obstinado em cumprir com seus juramentos.

Simplesmente a decisão cabia a ela e talvez não conseguisse perdoá-lo por isso, ou talvez já estivesse apaixonada por ele justamente por isso. Tudo era uma grande confusão e não fazia ideia de como tudo poderia acabar.



Capítulo 11

Evan havia dado à esposa tempo necessário para que pudesse se preparar e abrandar seu coração atormentado. Deixou-a que se recolhesse antes e permaneceu no salão comemorando com os amigos até que não havia mais desculpas para mantê-lo ali e teve que subir até o quarto para esperá-la.

Havia feito uma promessa e cumpriria com ela mesmo que sentisse vontade de atravessar o corredor e se juntar à Myrna do jeito que todos esperavam acontecer. Livrou-se de parte das roupas, permanecendo apenas com as calças e tentou se concertar em outras coisas, como a construção do castelo ou as melhorias nas estrebarias que pretendia fazer, mas nada conseguia fazê-lo menos temeroso ao fato de que ela não viria até ele.

Já havia passado mais de hora do momento em que as mulheres a haviam deixado só. Possivelmente ela havia mudado de ideia e não o buscaria como a esposa que ele acreditava que ela desejasse ser. Evan não suportaria passar a noite sob o mesmo teto que ela e em quartos separados por um maldito corredor que poderia ser vencido com duas passadas largas.

Sim, ele precisava ir para longe, onde a vontade de tê-la nos braços não o fizesse cometer uma loucura. Caso isso acontecesse, jamais conseguiria se perdoar.

Porém, acabou esbarrando em Myrna quando estava prestes a sair de dentro do quarto e quase a derrubou no chão não fosse a rapidez de seus reflexos e invejável força física.

— Não pense que eu estava indo à sua procura. — Evan adiantou-se na

resposta e ela sorriu. Simplesmente abriu um sorriso magnífico que o deixou deslumbrado, como sempre acontecia quando a princesa sorria despreocupadamente.

— Oh, sim, e para onde pretendia ir? – Corou, porque estava flertando e isso lhe era absolutamente novo.

— Achei que não viria e não poderia passar a noite contigo do outro lado do corredor. – Evan estava nervoso e isso a deixou impressionada a ponto de calá-lo com a ponta dos dedos.

— Eu estou aqui, não estou!? Só estava um pouco preocupada. – Soltou envergonhada e ele a admirou ainda mais. — Precisei de um pouco mais de tempo a fim de considerar algumas opções.

— E? – Ele se afastou dela apenas o suficiente para que pudesse enxergá-la, mas incapaz de soltá-la por completo, temendo que ela pudesse reconsiderar e fugir.

— E quero tentar. – Engoliu seco e ele percebeu as veias saltarem em seu esguio e delicado pescoço. — Não tenho nada a perder ao tentar.

— Só tem a ganhar, meu amor! – Evan a rodopiou no ar e uma rajada de vento perfumado atingiu suas narinas, deixando-o enfeitiçado com a mulher que havia vindo até ele por livre e espontânea vontade. — Você sabe que não precisa ter medo de mim, Myrna, que serei cauteloso com você e que jamais a machucaria.

— Maldição, eu sei de tudo isso! – Esbravejou exasperada com a falação. — Não sei o porquê, nem como cheguei a confiar em você, mas eu confio. E que os deuses me protejam do que poderá nos acontecer. – Evan a puxou contra o corpo, abraçando-a com força. — Tenho medo do que nos acontecerá. Tenho receio de que não consigamos levar esse casamento adiante quando o fato de que somos inimigos nos assombra. Como podem querer nos unir depois de nos fazer odiar tanto?

— Não a odeio, Myrna! – Disse grudado ao corpo dela, uma forma de mantê-la cativa e junto dele até que seu coração parasse de pular no peito e sua mente fosse capaz de acreditar que não era uma visão.

— Precisa compreender, Evan, que você é um normando e eu uma galesa. Haverão tempos difíceis, onde nossas diferenças aflorarão e nossas crenças nos

levarão a duelar. – Interrompeu-a com um beijo, um tão exigente que a fez soltar um gemido, empurrando-a para cima da cama com tanta determinação que Myrna jurava que os ossos haviam amolecido.

— Não posso me preocupar com o futuro quando só consigo pensar em possuí-la. – Falou firme e forte, como um homem disposto a conquistar custasse o que custasse, empurrando o quadril contra a barriga dela para que se desse conta de que havia assuntos mais urgentes a serem tratados do que a diplomacia entre povos inimigos.

— Você é impossível! – Myrna o envolveu com os braços, procurando sua boca, entregando a ele o controle de tudo, mais uma das coisas que jamais pôde imaginar ser possível acontecer.

Evan aceitou o convite e a beijou com grande volúpia, lembrando-a de que poderia lhe dar prazer e levá-la para um lugar mágico, onde somente amantes poderiam ter alcance, onde problemas e diferenças não podiam entrar e a paixão era festejada como uma dádiva a unir casais.

Eram um casal e ele a amaria com devoção, apresentando-a a um mundo novo, repleto de delícias e de cuidados que somente um homem apaixonado seria capaz de ter.

— Deixe-me chegar em teu coração, Myrna, e prometo que te darei o céu se me pedir. – Disse afastando-se dela a fim de livrá-la da fina camisa que tentava cobri-la. Queria-a nua como na noite anterior, onde havia provado de sua doçura e a feito se derreter em sua boca. Sentiria tudo de novo e seria ainda mais perfeito do que da primeira vez, porque não precisaria mais se conter e a tomaria como mulher, fazendo-a só sua.

— Pelos espíritos da floresta, faça algo! – Ela exigiu quando ele puxou seus mamilos endurecidos com os dentes, excitando-a, tornando-a úmida para recebê-lo. — Só termine o que começou ontem à noite ou juro que morrerei.

Evan sorriu de orelha a orelha e ela o achou ainda mais lindo e perfeito. Havia uma pequena cicatriz acima de uma das sobrancelhas que amenizava um pouco a perfeição de seu rosto, tornando-o duro e temido. Sim, aquela cicatriz infame o fazia lembrar um demônio, caso contrário, todos o teriam por um anjo, um daqueles que os normandos acreditavam existir.

— O que pensa? – Ele perguntou zombeteiro enquanto enfiava a cabeça no

meio das pernas de Myrna para poder chupar seu sexo.

— Nos anjos dos normandos.

— E você entende de anjos e demônios? – Perguntou interessado entre uma lambida e outra.

— O monge que me ensinou a cultivar rosas também me contou sobre suas crenças. Há demônios e anjos. Os anjos são belos e perfeitos e os demônios são maldosos e zombeteiros. – Ela gemeu com uma mordida na coxa.

— E eu sou um anjo? – Provocou-a com os dedos dessa vez.

— Ah, não... Absolutamente! É um demônio, com certeza! Apesar de ter a aparência do que julgo ser a de um anjo, essa cicatriz o torna um demônio. – Ele riu.

— Uma cicatriz conseguida em uma traquinagem de criança me converteu em um demônio?

— Não somente isso, mas... – Acabou se esquecendo do que iria falar quando os olhos encontraram os dele e ele mordiscou seu queixo, provocando-lhe cócegas exageradamente petulantes. — Acredito que é poderoso como um demônio, também prepotente e um tanto confiante em excesso. – Temeu zangá-lo com sua sinceridade, e pensou que seria muito fácil para ele matá-la, pois estava muito exposta para isso.

— Pois prefiro ser um demônio, meu amor, porque anjos são puros demais para o que eu pretendo fazer com você esta noite. – Sussurrou no ouvido dela e a deixou com os pelos eriçados.

Evan levantou para livrar-se das calças e a nudez a excitou. Dessa vez não tapou os olhos ou se recusou a enxergar tanta beleza e poder. Evan era dotado de força, com músculos bem distribuídos que poderiam esmagá-la se quisesse, mas não o faria, ela confiava.

Sorrindo como o demônio que ela ousou compará-lo, ele voltou a se deitar ao lado dela e a tocou com as mãos, deixando-a à beira de um colapso nervoso. Myrna não conseguia descrever exatamente o que acontecia quando Evan a provocava daquela forma, mas estava certa de que ele sabia muito bem o que estava fazendo e ainda usava disso para deixá-la disposta a aceitar todos os seus avanços. E ele avançava sem dó nem piedade, derrubando a fortaleza que havia erguido para se proteger.

Myrna sentia medo de se tornar dependente daquele toque, mas já havia ido longe demais, já havia permitido muito para simplesmente se arrepender. Estava certa de que ao cruzar a porta do quarto dele um mundo novo se abriria diante dela e teria que ser forte para suportar o que viria junto com o prazer que o normando ofereceria.

E talvez isso nem mais lhe importasse depois que ele a apresentasse ao mundo que queria dividir com ela, o que lhe seria uma benção.

— É tão perfeita... E real. – Evan soltou enfeitiçado pelas sensações que o corpo sentia ao tocá-la. Ele a desvendava sem pudor, tocando, mordendo, beijando e gravando cada detalhe daquele corpo precioso, o seu tesouro.

E o cheiro de rosas que exalava de sua pele e cabelos apenas tornava o momento mais agradável, tornando-o capaz de tudo tão-somente para tê-la ao seu lado para sempre. Estava certo de que quando se afundasse dentro dela e se movimentasse ali em busca do próprio prazer, ele estaria perdido para sempre, entregue ao seu bel-prazer, e se ela soubesse o quanto o tinha em suas mãos jamais o temeria ou o julgaria equivocadamente.

Entre beijos e carinhos ousados ensinou-a a tocar também, exigir e desfrutar do corpo do marido. Era uma boa aprendiz, disposta e dedicada, curiosa na medida exata para seus pensamentos mais profanos.

Evan queria ser delicado em sua primeira vez, mas ela não estava disposta a cooperar, participando do ato sexual com tanta empolgação que ele rangeu os dentes e mandou a parcimônia para o inferno.

Ele a teria, sim, do jeito que sempre havia sonhado.

Tocou-a com os dedos a fim de se certificar que estava preparada para recebê-lo em seu interior macio e apertado. Brincou com seu botão intumescido, o lugar mágico que a fazia gritar de prazer quando tocado. Beijou-a na boca, no pescoço, descendo as mãos até os seios fartos e empinados, resultado de suas provocações. Deslizou com as mãos até a altura do quadril, movendo-a um pouco para baixo, de modo que pudesse se encaixar à perfeição dentro dela, e enrolou os cabelos em suas mãos a fim de formar um laço, no qual pretendia controlá-la, estimulando-a de todas as formas possíveis, tocando-a e fazendo-a implorar por mais.

Myrna havia sido completamente dominada por Evan e aquilo a deixou

totalmente à mercê dele. Ele poderia fazer o que quisesse, e se fosse outro ela certamente estaria assustada, mas era Evan, o seu marido, e tudo acabaria bem, em uma explosão indescritível de prazer.

— Diga sim, Myrna! — Exigiu com a voz enrouquecida, um verdadeiro predador.

— Sim! — Ela respondeu, praticamente implorou para que fizesse o que quisesse com ela, mas que acabasse com a aflição que sentia. Myrna queria algo que não conseguia expressar com palavras, apenas sentia e era intenso, exigente e tão calidamente bom, como se Evan era tudo o que havia buscado na vida.

Aquela certeza a atingiu em cheio e a fez sorrir.

E ele a penetrou, tentando controlar a invasão para que ela se acostumasse com o membro grosso e duro. Evan foi se colocando aos poucos dentro dela, totalmente embevecido pelo prazer que ameaçava assumir o controle.

E assumiu quando ela pediu por mais num grito estridente que facilmente pôde ser ouvido por todo o vilarejo, deixando-o orgulhoso de sua mulher.

Quanto mais ela exigia, mais ele aumentava o ritmo das estocadas, mais se afundava dentro dela e mais ela correspondia. Myrna havia se transformado em uma tempestade. Seus olhos estavam entreabertos, a boca mais carmim e inchada por ter sido ofegadamente beijada, as pernas abertas em sinal de rendição, tudo nela lhe lembrava a força da natureza; não era calma ou pacífica embora fosse dona de um corpo delicado e esguio, era forte, exigente e briguenta, e fazia amor da mesma forma tempestuosa, o que o deixava totalmente vidrado nela.

— Se junte a mim no prazer! — Ele pediu como um comando que sabia que ela atenderia, estocando cada vez mais fundo, chocando-se de uma maneira bruta e indecente, sem medo de machucá-la, porque sabia que era forte e exigente como ele apreciava. Instintivamente, Myrna cruzou as pernas em torno de sua cintura e o puxou contra o corpo, tornando a penetração ainda mais deliciosa e delirante para ambos. Ela não acreditava que ele pudesse entrar ainda mais, muito menos que pudesse ser tão intenso; mas podia e era bom, como era delicioso. — Tão linda e corajosa! — Tomou-lhe um beijo enquanto os sexos se chocavam em uma busca furiosa pela libertação.

A cama rangia imitando os movimentos dos corpos, abafando os gritos de

Myrna. Em algum ponto daquela dança sensual eles haviam mudado de posição e sentados, com ela em cima dele, a penetração se tornou perfeita e os fez atingir o ápice sexual, desmanchando-se um nos braços do outro, com os corações acelerados, as peles quentes como labaredas e as almas saciadas.



Capítulo 12

Evan havia despertado e olhava a esposa com admiração, contemplando-a como a divindade que acreditava ser. Somente uma deusa seria capaz de ser tão intensa e poderosa ao se entregar ao ato do amor, tão destemida e linda.

Myrna havia se aninhado nua contra seu corpo, numa confusão de braços e pernas que ficava difícil para ele se mover sem correr o risco de despertá-la. Ela ressonava baixinho, tão tranquila que seria um sacrilégio tirá-la daquele torpor. Então, puxou-a mais para perto do seu corpo, brincando com seus cabelos platinados, que cheiravam a rosas e que mexiam com sua libido de maneira muito intensa, fechando os olhos para que aquele momento ficasse gravado em sua mente para sempre e que ninguém pudesse lhe roubar momento tão doce e perfeito.

Myrna acabou acordando quando sentiu o membro do marido enrijecer em sua mão e corou por ter sido tão descuidada. Não devia tê-lo tocado justamente ali. Não sabia se era de seu agrado e tudo o que menos desejava era iniciar uma discussão em sua primeira manhã como esposa de Lorde Evan de Brienne.

— Não fique acanhada, esposa! – Evan girou o corpo para ficar deitado de lado e beijou-lhe os lábios.

Para espanto de Myrna, o marido pegou sua mão e a levou de volta à sua rigidez, ensinando-a a agradá-lo. E aquilo foi tão incrivelmente erótico que seu corpo se acendeu e tudo voltou a girar como na noite anterior, quando ele lhe tirou a virgindade.

— É magnífico! – Deixou escapar entre ofegos de prazer, totalmente vidrada

com sua pequena descoberta. — É duro e grande, mas também é macio e delicado ao meu toque.

— Porque foi feito para se encaixar aqui. — Evan levou a mão desocupada até seu clitóris, usando o polegar para traçar pequenos círculos, convidando-a a trocarem carícias, seduzindo-a para dentro de um jogo que Myrna sabia ser perigoso, mas que era irresistível. — Gosta disso? — Perguntou junto ao seu ouvido e ela gemeu em resposta. — Precisa ser resistente para fazê-la se abrir para mim, mas delicado para te dar prazer. A natureza é perfeita e nos abençoou, meu amor.

— Devo concordar! — Solto encantada com o jogo de palavras que lhe deixavam quente, desejosa para ser invadida por ele mais uma vez.

Evan compreendeu seu chamado e se colocou em cima da esposa, mas foi impedido de prosseguir para lhe dar o alívio de que tanto necessitava quando ouviu a voz de John a chamá-lo, desculpando-se por incomodá-los tão cedo. Resmungando, saltou da cama e enrolou-se na primeira manta que encontrou para que pudesse esconder do amigo sua excitação.

Myrna girou na cama, puxando as cobertas até o queixo, e acompanhou com os olhos todos os movimentos do marido. Solto um suspiro ao se dar conta de sua virilidade, que mesmo coberta dava mostras de estar ali e isso lhe causava um estremecimento bom.

Evan não demorou muito para retornar, mas seu semblante taciturno a deixava preocupada. Algo havia acontecido para sua falta de sorte.

— O que aconteceu? — Perguntou preocupada.

— Nada do que não possa dar conta, meu amor. — Evan procurava por suas roupas e Myrna não sabia se deveria ajudá-lo. Não sabia, na verdade, como se portar como a esposa de um normando.

Porém, não era uma normanda e Evan precisava se acostumar com seu jeito. Assim levantou também e foi para perto dele, tocando-lhe no braço de modo a chamar sua atenção.

— Pela última vez, o que aconteceu para deixá-lo tão transtornado? — Myrna apertou seu braço e ele parou de procurar pelas roupas. — Não pode achar que teremos um casamento se me esconder as coisas.

Evan solto uma lufada de ar, conformado de que lhe contar a verdade a

deixaria furiosa, mas era isso ou iniciar uma discussão desnecessária.

— Alguns homens exigem a prova de sua virgindade. — Soltou rapidamente, evitando encará-la nos olhos.

— Como? Querem a prova de que eu era uma donzela antes de ter me deitado com você? — Myrna estava confusa e irritada. — Foram os normandos? Um dos meus não questionaria a honra do filho de Seamus Gallarach.

— Sim, foram os normandos, e por isso não tenho nada a provar. Minha palavra terá que bastar, porque sou o Senhor de Rixton. — Respondeu em um tom de voz mais elevado, deixando a fúria transparecer e fazendo com que Myrna se afastasse para um dos cantos do quarto. — Perdoe-me! Não queria que tivesse que passar por isso. — Evan a seguiu e a abraçou com carinho. — Também não queria assustá-la.

— O que realmente significa essa prova de virgindade? — Perguntou, considerando que antes de acusá-lo era preciso compreender seus costumes.

— Que você não se deitou com outro antes de mim e que os filhos que teremos serão meus. — Respondeu sem rodeios. — Mas não precisamos fazer isso, Myrna!

— E como se prova isso? — Ela o acompanhou com o olhar até a cama e ele lhe apontou uma das mantas com seu sangue ainda fresco. — Você precisa mostrar isso? — Ela riu de nervoso.

— Sim! Entrego isso a John e ele mostrará para quem exige ver a prova.

— E ninguém desconfiará da legitimidade dos filhos que eu lhe darei?

— Exatamente. — Evan rangeu os dentes, sentindo-se pressionado por aqueles que lhe deviam obediência. Por outro lado, sabia que homens de confiança de Guilherme haviam sido enviados para atestar a validade do casamento e sentiu-se tolo por não ter previsto algo do tipo. — Não precisamos fazer isso.

— Pois faremos, Evan! Não pretendo ter que viver com tal desconfiança sobre nós. — Estava decidida a não deixar que as coisas se complicassem apenas porque se sentia constrangida. Já havia sofrido muito para chegar até ele e se entregar, precisou vencer uma batalha de dúvidas que se avolumavam dentro de si e não seria meia dúzia de normandos que a amedrontariam. — Dê a eles o que querem. — Puxou a manta da cama e entregou ao marido, deixando-o surpreso.

— O que está esperando, Evan?

— Tem certeza de que devemos fazer isso? Não quero que se sinta pressionada. — Insistiu, pois naquele momento o bem-estar da esposa era sua prioridade.

— Claro que sim! Se consegui suportar o chicote, um pano ensanguentado não é nada. — Revirou os olhos e a dor se abateu no peito de Evan, que foi para perto e a puxou para um abraço.

— Levarei comigo para sempre a dor de a ter punido. — Ele estava falando a verdade, notou Myrna, e acabou se encolhendo contra os músculos dele, como se ali fosse o único lugar onde conseguisse encontrar paz.

— Já passou! — Resmungou aninhada. Evan beijou-lhe no topo da cabeça. — Precisamos esquecer essas coisas se quisermos ter um futuro. Sei que não é fácil e os espíritos da floresta sabem que tenho me esforçado para deixar o rancor de lado, mas temos que tentar e se eles exigem a tal prova de minha pureza, dê a eles o que buscam e os mande embora, por favor.

— Sim, meu amor! Farei o que me pede. — Myrna ergueu a cabeça e ele a beijou, afundando sua língua e deixando-a amolecida. — Preciso ir, mas logo volto para terminar o que havíamos começado. — Piscou e, após vestir as roupas, saiu à procura de seu guerreiro de confiança.



Evan não conseguiu retornar imediatamente como havia prometido à esposa e isso o havia deixado muito irritado. Os homens que exigiram a prova da pureza de Myrna eram nobres enviados da Corte do Rei Guilherme II e exigiram sua atenção pelo resto do dia. E assim o novo Marquês de Rixton se sentia cansado por ter desperdiçado seu precioso tempo na companhia de velhos ranzinzas quando poderia ter estado na agradável companhia da esposa.

— Eu poderia ter tratado de tudo. — John bateu em seu ombro. — Mas os nobres exigiram sua presença e acredito que seja mais uma das provas que Guilherme exige para que ocupe o cargo de marquês.

— É um cargo importante e ainda temos poucos marqueses na Inglaterra, todos eles em fronteiras importantes. E sabemos que o rei é muito metódico e

exigente. — Evan comentou sentindo-se aliviado por ter se livrado dos enviados de seu monarca.

— É um homem recém-casado e com uma bela dama por esposa. Poderiam ter sido menos invasivos e ter esperado ao menos até amanhã.

— Assuntos do reino são mais importantes. — Evan tentava se convencer disso, mas sua irritação era palpável e desconfiava de que todos já houvessem percebido que só queria ter se enfiado no quarto com a esposa, desfrutando de sua pele sedosa e de seu corpo precioso.

— Para um rei, não para um marido. — John soltou uma gargalhada, amenizando o péssimo estado de espírito do amigo. — Está livre e pode voltar para os braços dela. — Piscou e Evan acabou sorrindo, sentindo a empolgação animá-lo.

Sem pensar duas vezes e evitando qualquer homem que pudesse interrompê-lo, desviou do caminho que costumava tomar para chegar até a casa senhorial e correu à procura da esposa. Não a encontrou no quarto, nem naquele que ela costumava habitar quando solteira. Devia ter se cansado de esperá-lo e já havia encontrado o que fazer.

Acabou esbarrando em Siana quando estava prestes a deixar o quarto e perguntou sobre o paradeiro de Myrna. Mal esperou pela resposta ao se dar conta de que somente havia um lugar em que poderia encontrá-la: junto às roseiras. Havia ainda algumas para serem mudadas para vasos. Mas não a encontrou ali e seu coração apertou no peito, encolhendo-se quando uma rajada de vento gelado o atingiu.

Onde poderia estar? Pensou frustrado por saber tão pouco dela, de seus gostos e manias, do que a deixava feliz ou a fazia triste.

Conversou com algumas mulheres e descobriu que Myrna estava na cozinha. Foi para lá apreensivo, pois poderia ser mais uma pista falsa, mas seu coração se encheu de alegria quando a viu sentada mexendo em uma pequena tigela. O cheiro inebriante de rosas havia se alastrado no cômodo e Evan se viu envolvido por uma áurea mágica, onde todos os seus sentidos acabavam aguçados.

— Milorde! — Myrna o percebeu e sorriu em resposta. — Nossos convidados já não fazem mais questão de sua companhia? — Estava feliz por ter enviado John até ela a fim de que ficasse a par dos acontecimentos. Havia aprendido com

o pai que não era bom deixar uma mulher preocupada, entregue a sorte dos pensamentos fantasiosos.

— Perdoe-me, não era para ter me demorado tanto! — Sentou ao seu lado e olhou curioso para a tigela. — O que faz com as pétalas das rosas?

— Preparando um óleo aromático. Gosto de passar no corpo. — Havia descoberto o segredo da esposa e aquilo o fez nutrir pensamentos impuros, mas ela não havia percebido que ele a queria e continuou a conversar sobre um de seus passatempos. — Tenho apreço por descobrir novas essências e vez ou outra arrisco misturá-las para criar novos perfumes. Tem que sentir o perfume delicado da mistura de violetas com lavanda.

— Prefiro o de rosas. — Evan deslizou um dedo sobre suas costas, fazendo-a se contorcer com as cócegas que sentiu.

— Mas nem provou. — Virou a cabeça e acabou presa nos intensos olhos negros dele.

— Seu perfume de rosas me enlouquece, esposa. — Tirou-lhe a tigela das mãos, pegando-a pelo quadril e a sentando na mesa, onde forçou que abrisse as pernas para recebê-lo. E ali pretendia tomá-la mais uma vez, sem pudor ou receio de serem flagrados, erguendo a túnica com ousadia e rapidez ao passo que abaixava as calças a fim de se enfiar dentro dela. — Temos que ser rápidos ou podemos assustar as senhoras que logo estarão aqui para preparar o jantar.

Myrna poderia estar assustada com tamanha ousadia do marido não fosse o fato de que seu corpo o desejava também e simplesmente o aceitou, sem pestanejar ou reclamar. Deslizou as mãos sobre seus braços fortes, mordendo os próprios lábios em busca de controle emocional, sentindo a doce invasão como uma promessa do paraíso. Não demorou muito para que seu sexo estivesse completamente dentro dela e desse início aos movimentos que a levariam ao êxtase.

Um vai e vem lento e preciso, que a provocavam e a puxavam para dentro de um torvelinho de sensações que a faziam totalmente dependente dele. Evan urrou quando sentiu a pulsação aumentar, anunciando sua libertação e a puxou contra si, ainda entrando e saindo, em arremetidas intensas que a faziam corar, gemer e convulsionar colada ao seu corpo.

E juntos eles ousaram tocar o paraíso dos amantes mais uma vez.

Myrna deixou a cabeça encostar no peito do marido, ouvindo as fortes batidas de seu coração, agarrando-se a ele como tábua de salvação enquanto ele liberava sua semente dentro dela em rajadas fortes, numa busca insana por saciedade.

Se aquilo não era amar, deveriam estar muito próximos de descobrir o real significado de palavra tão misteriosa, cantada por muitos, declamada por poetas, mas que somente poderia ser compreendida em sua plenitude quando se tornasse real.

E estavam tornando real o amor entre eles, ainda que não estivessem prontos para aceitá-lo.



Capítulo 13

O vento se tornava mais gelado à medida que os dias passavam e os aldeões já se preparavam para comemorar a noite sagrada de Samhain. Evan trabalhava com grande afínco para garantir que os estoques de comida fossem suficientes e que conseguissem atravessar o rigoroso inverno que prometia se estender durante meses, o que deixava Myrna orgulhosa e com o coração dividido.

Evan era tudo o que ela jamais imaginou em um homem. Talvez algumas mulheres o considerassem o marido dos sonhos; e assim era, já que as tinha ouvido aos suspiros quando ele passava e as cumprimentava. Poderia se sentir enciumada, mas ele não dava motivos para isso e cuidava dela como se fosse um tesouro.

Myrna estava apaixonada pelo marido e não sabia ao certo como lidar com a tormenta de sentimentos que nutria por ele quando ainda se sentia insegura pelo fato de ele ser um normando. Queria-o muito e isso se tornava ainda mais forte quando o via sorridente vindo em sua direção, trazendo-lhe flores que encontrava em suas incursões na floresta para caçar, uma pequena amostra do quanto ela ocupava seus pensamentos.

— O perfume é delicioso, meu amor! Não sei de que espécie são. Em Lyndford não as temos. — Evan saltou de seu alazão e a puxou para um beijo, colando seus lábios nos dela como se o mundo fosse só deles.

— São narcisos! — Respondeu sorridente. — Crescem em abundância em nossas terras quando o sol volta a brilhar com força.

— E nunca tentou extrair sua essência? — Evan cheirou seu pescoço, fazendo

com que os pelos de seu corpo se eriçassem.

— Nunca, mas vou tentar.

— Misture-o com as pétalas de rosas. — Myrna acabou rindo com o comentário, pois sabia que o marido era apreciador de seu perfume. — Vamos logo para dentro que o vento está muito gelado. — Envolveu-a com sua capa e a conduziu para o interior aquecido da casa senhorial, onde mais tarde seria servido um banquete a fim de comemorar o fim das colheitas e o início de um novo ano.

Era Samhain e os povos antigos também cultuavam a memória de seus ancestrais, acreditando que os véus que separavam os mundos estariam mais finos, permitindo aos mortos vagarem entre os vivos. Por isso muitas tochas estavam sendo acesas e colocadas em janelas e portas das casas com o propósito de iluminar o caminho dos espíritos ao longo de sua caminhada, para que pudessem encontrar o caminho de volta para o outro mundo.

Evan respeitava as antigas crenças dos povos das florestas. Sua mãe havia lhe ensinado a importância da roda do ano e das celebrações em homenagem aos ciclos da vida. Havia sido criado dentro de duas religiões, diferentes entre si, mas que ao final pregavam o mesmo: o amor e o respeito antes de tudo.

Myrna o olhava feliz quando chegaram até os aposentos que dividiam e deixou-se ser beijada pelo marido. Havia preparado um banho para Evan e queria lhe mimar naquele dia incomum, de muito trabalho. Ela também havia se ocupado junto das mulheres em guardar mantimentos para os meses mais frios do ano, assim como separando ervas e fazendo unguentos para amenizar as constipações que acometeriam os mais fracos. Sempre havia aqueles que sofriam de dores nas juntas e de males como resfriados e dores de garganta. Havia sido dias de muito empenho e dedicação para que sua gente pudesse ter conforto no inverno que prometia ser rigoroso.

Os ciclos das estações davam sinais de que o recolhimento se fazia necessário. As folhas das árvores caíam e logo a neve tornaria os campos brancos e gelados para passeios. Os rebanhos foram abatidos, restando apenas algumas reses para terem seus filhotes no verão, cuja carne serviria de alimento se bem armazenada.

Tudo estava em ordem e pela primeira vez, depois de anos em guerra, aldeões e camponeses de Rixton teriam um inverno assegurado, sem terem que

passar fome ou frio. Havia lenha, comida e bebida estocada suficientemente, o que deixava Myrna muito agradecida ao marido.

— Obrigada! — Aconchegou-se ao peito de Evan, sentindo o pulsar de seu coração como uma engrenagem que lhe devolvia a esperança de ser feliz. — Obrigada por ter cuidado de minha gente quando eu apenas conseguia enxergá-lo com ódio.

— Nossa gente, meu amor! — Tocou-lhe no queixo e trouxe os lábios dela até os seus para uma carícia suave e delirante.

Myrna tinha delírios quando ele a provocava com os lábios e comichões lhe invadiam o estômago para deixá-la ansiosa por mais daquele toque. Evan não media esforços para derrubar todas as paredes que tentava erguer para separá-los e conseguia desarmá-la do jeito mais simples e inusitado: simplesmente beijando-a.

Dono de uma determinação que seria capaz de conquistar um mundo, Evan a amava noite após noite para marcá-la no coração. Estava apaixonado pela esposa, o que o fazia ansioso pelas coisas se assentarem e assim Rixton prosperar como mais um dos territórios pacificados do Reino da Inglaterra.

Para quem havia nascido fora de um casamento legal, o gosto da conquista de sua própria sorte tornava Myrna e Rixton suas preciosidades.

— Preparei um banho para ti, marido! — Myrna ajudava-o com as vestes, fazendo questão de despi-lo como assim se esperava de uma esposa atenciosa.

— Se juntará a mim! — Evan a puxou pelo braço, fazendo com que se desequilibrasse e acabasse nos braços dele. Dali para estar totalmente nua não precisou mais do que poucos segundos.

Evan entrou na banheira com a esposa nos braços, sentindo a água quente espantar o frio, o que o deixou ainda mais excitado. Com ela em seu colo a banhou, deliciando-se com a pele macia, brincando com a lascívia e provocando-a a ponto de ela gemer por mais.

As mãos de Evan eram grandes e enlouquecedoras, traçavam trilhas de fogo e deixavam Myrna a ponto de uivar como uma loba no cio. Entre mordidas e beliscões indecentes ele esfregava cada parte daquele corpo feminino feito especialmente para ser dele. O membro já enrijecido exigia que a penetrasse e a pressão que as nádegas dela exerciam ali naquele pedaço de carne dura lhe era

um verdadeiro tormento.

— O que posso fazer para ajudá-lo a se aliviar? – Perguntou provocativa e de uma forma tão doce que Evan jurou estar vendo uma fada, tão linda e majestosa, molhada e implorando para ser feliz, para fazê-lo feliz.

— Vire-se de frente para mim, meu amor! E passe suas pernas em volta do meu corpo. O resto deixe por minha conta. – Falou baixinho, quase um sussurro, junto ao ouvido da esposa, que, alucinada, faria qualquer coisa por ele. Evan detinha o comando da situação e, em outros tempos ou mesmo com outro homem, a princesa não confiaria e lutaria contra a opressão que sentiria. Mas com Evan, um normando enviado para conquistar e dominar, ela cedia, entregava e ainda sentia o mais sublime dos prazeres. — Isso, princesa! Tão corajosa e bela, um bálsamo para meus olhos cansados de ver guerra. – Ele pegou o membro duro e o levou até o centro de sua feminilidade, que poderia muito bem ser apelidado de paraíso, por ser apertado, magnífico e preparado para recebê-lo. Deslizou dentro dela com vontade, contorcendo-se como reflexo dos espasmos que o corpo sentiu.

— Será sempre assim? Especial e tão intenso? – Ela perguntou com os olhos incandescentes, como se a cor azulada pudesse revelar a essência de sua alma de amante.

— Se um dia não for mais assim, devemos nos esforçar para recuperar. Um casal pode ousar, Myrna, e podemos encontrar outras formas de preencher o vazio com prazer. – Evan sorriu, revelando segurança e uma impetuosidade que poucos homens eram capazes de ter. — Basta me dizer que não está bom e tratarei de compensá-la, meu amor.

— Não imaginava que um casamento poderia me deixar tão... Feliz. – Confessou, escondendo o rosto junto ao pescoço dele.

— Um casamento não precisa ser um fardo. – Evan mordeu-lhe o ombro e movimentou-se dentro dela, sentindo sua carne se abrir aos poucos, uma invasão deliciosa. Deixou-se levar pelas sensações de posse que se misturavam ao prazer que ela proporcionava a ele. O perfume de rosas maceradas em uma perfeita combinação ao toque aveludado de sua pele tenra o deixava ansioso para atingir o arrebatamento junto dela.

— E quando brigarmos? Devo supor que haveremos de discutir... – Ele estocou mais uma vez dentre dela, fazendo-a perder a linha de raciocínio.

— Brigaremos sim, porque casais brigam, meu amor! Mas faremos as pazes desta maneira: comigo dentro de você, te fazendo minha. — Envolveu os seios com as mãos e puxou os mamilos para intensificar o prazer que ela já sentia. Evan não ficaria satisfeito se a esposa não se sentisse saciada e havia ainda muitas preocupações dentro de sua cabecinha teimosa, pensou determinado a dar um basta em tanta falação. — Me deixe amá-la do jeito certo. — Exigiu e ela se entregou, porque aquela voz enrouquecida de paixão a fazia sua cativa e simplesmente sentiu tudo o que havia prometido, um pouco mais quando o viu se reter e liberar sua semente dentro dela. — Precisamos nos apressar! Ficaria contigo neste quarto para o resto da noite, se não tivéssemos um banquete para oferecer.

— Eu havia planejado banhá-lo como uma boa esposa, que nunca imaginei ser um dia. — Ele riu ainda colado ao corpo dela. — Não pretendia me casar um dia e já havia recusado vários pretendentes que meu pai arranhou antes de sair correndo como uma louca em busca do rei irlandês. — A menção ao velho monarca o deixou aflito e tentou disfarçar beijando-a. — Eu teria cometido um erro se tivesse me casado com Tyrone O’Conail.

— Jamais a deixaria cometer esse erro, Myrna! — Evan a pegou pelo queixo, de modo que seus olhos se encontrassem. — Vim determinado a assumir meu lugar como Marquês de Rixton e casar-me com a herdeira de Seamus Gallarach, um forte motivo para recuperá-la das mãos daquele porco velho. Porém, quando a vi pela primeira vez, meu coração pulou no peito e a reconheceu como minha mulher. Foi ali que soube que seríamos uma só alma para sempre. — Myrna sorriu em resposta e ele a beijou de forma mansa e pacífica, explorando os contornos do seu corpo com as mãos que eram rudes e pesadas, mas que a faziam delirar e estremecer de desejo.

A força das palavras dele a fizeram avançar com fome sobre ele, exigindo que a amasse novamente, mesmo que outros precisassem de suas atenções. Eles poderiam esperar, pois nada era mais importante do que brindar o amor que um sentia pelo outro, entrelaçando os corpos de tal maneira que ninguém poderia dizer onde terminava um para começar o outro.



Myrna estava sentada ao lado do marido enquanto ele discursava para os

amigos e conhecidos reunidos no grande salão para celebrar o fim da colheita. Seus pensamentos oscilavam e sentia-se culpada por ter dividido momentos de grande prazer com o normando minutos antes. Havia se amado exaustivamente e quase lhes faltou ânimo para se juntar ao banquete.

Porém, o Samhain também era o tempo de homenagear os mortos. Se de fato os espíritos desencarnados pudessem atravessar os portais que dividiam os dois mundos e se juntar aos vivos em uma celebração, seu pai deveria se sentir ofendido ao ter visto a filha se refestelando junto ao inimigo.

Tal pensamento a deixava com dor de cabeça.

Evan, por sua vez, irradiava felicidade e demonstrava segurança e obstinação como líder, conclamando o povo para segui-lo e assim acreditar na prosperidade que Rixton alcançaria. Estava certo de que não passariam fome ou frio durante os meses de inverno e teriam sementes para plantar assim que o gelo derretesse por completo. Também falou rapidamente sobre o valor da lealdade e o quanto se sentia honrado em chefiar o clã ao lado da esposa, erguendo um brinde a ela com olhar terno e apaixonado, o que amenizou as rugas de preocupação do rosto dela.

Mas Evan de Brienne não era ingênuo para não perceber que algo incomodava a princesa e desconfiava de que as lembranças do pai a assolavam, fazendo-a infeliz naquele momento. Preferiu não comentar e tratou de bajulá-la como pôde, trazendo-a para dentro da conversa, assim como seu pai fazia quando a mãe demonstrava tristeza. Precisava dar-lhe uma ocupação para substituir os pensamentos negativos que a atormentavam e como Senhora de Rixton não lhe faltariam assuntos para cuidar.

Ao final do banquete decidiu deixá-la só para que pudesse render homenagens ao pai. Não a acompanharia até o quarto para lhe dar privacidade. Tudo havia acontecido rapidamente e apesar ter se passado um ano da morte de Seamus Gallarach, Myrna ainda sentia o luto como uma ferida aberta que se recusava a cicatrizar, fazendo-a hesitante e por vezes cansada de compreender os desígnios da vida.

— Onde vai? — Ela perguntou ao marido com o olhar caído e sem coragem de encará-lo por saber que ele havia entendido seu abatimento.

— Pensei que seria melhor deixá-la sozinha por algumas horas. — Passou as mãos nos cabelos, sentindo-se confuso, sem saber ao certo como deveria agir

naquele momento. — Talvez a noite toda para que pudesse prestar suas homenagens aos ancestrais. Compreendo o rito tão bem quanto minha mãe foi capaz de ensinar, mas nunca o vivenciei de verdade, talvez por não ter perdido ninguém até então. — Deu de ombros, totalmente envergonhado por sua falta de habilidade. Não era como Marcel que havia nascido com o dom da oratória. Evan era um homem duro, forjado no calor das batalhas e tentava ser delicado e suave na medida em que conseguia, mas nem sempre conseguia. — Perdoe minha falta de jeito.

— Nada tenho para perdoar, Evan! Sou eu quem deve pedir desculpas por me comportar assim... — As palavras fugiram da mente e acabou por se sentir uma tola. — Não sei ao certo o que ocorre comigo. Quero você e o aceito, mas meu coração fica apertado ao lembrar de tudo o que aconteceu, ao lembrar que meu pai precisou morrer para... — Engasgou e não foi capaz de concluir a fala.

— Para você ser feliz? — Ela concordou com os olhos marejados, deixando-se ser abraçada pelo marido, um normando que conseguia lhe ser mais carinhoso que o próprio pai.

— Não quero que me deixe nesta noite. — Implorou em um tom de voz baixo, olhando para os próprios pés. — Meu pai terá que me perdoar, mas não serei capaz de ficar longe de você. Claro, entenderei se preferir não ficar junto de mim. — Deu de ombros e ele a puxou para dentro do calor de seu abraço, onde deveria ser seu lugar para sempre.

— Nada é mais importante do que minha esposa. — Beijou-lhe no topo da cabeça, cheirando seu delicado perfume de rosas, admirando sua presença ali junto dele, pedindo para lhe fazer companhia em uma momento tão triste de sua vida. — Apenas queria lhe deixar livre para escolher o melhor para ti nesta noite de Samhain.

— Ah, não. Sempre tive medo da noite de Samhain. — Olhou-o. — Não só os mortos podem voltar, como as fadas e os duendes não precisam de muitos esforços para nos visitar nesta noite tão especial. — Ele riu, abraçando-a com carinho ao recordar das histórias que a mãe lhe contava antes de dormir.

— Uma mulher tão corajosa e com medo de fadas e duendes! — Evan buscou seus lábios e a beijou. — Acreditava que não tinha medo de nada, esposa.

— Ah, tenho sim. Tenho medo das coisas que não têm explicação ou que não posso compreender. — Agarrou-se ao pescoço dele quando ele a sustentou no

colo.

— Como tem medo dos sentimentos que eu desperto em teu coração? — Encarou-a com fogo no olhar e ela estremeceu pela intensidade das palavras ditas.

— Acho que sim! — Corajosamente enfrentou seu maior medo e deixou-se embalar pelo homem que a deixava temerosa, mas do qual não fazia mais questão de fugir. — Prometo, no entanto, que não irei mais fugir do que sinto por ti.

— Uma guerreira jamais fugiria, meu amor!



Capítulo 14

Myrna pensava que amar não poderia ser tão fácil e certo, mas a cada noite que passava aconchegada ao corpo do marido e a cada despertar com seu lindo sorriso, se convencida que a felicidade e o amor poderiam ser sim tão simples quanto respirar.

Estava apaixonada por Evan e encantada com seu jeito carinhoso de protegê-la, de fazê-la se sentir especial e amada. Seu lado racional ainda travava uma luta contra o coração e como um demônio irritante a lembrava que estava casada com o inimigo; isso a deixava transtornada e perdida.

Mas quando isso acontecia, Evan estava lá para salvá-la das dúvidas, tocando-a com paixão, fazendo-a esquecer as dores que lhe machucavam a alma, tornando a felicidade possível.

Evan era um homem tenaz e destemido e isso o fazia especial aos olhos de todos, que o tinham por um líder, respeitando-o por ser um homem honrado e valoroso. Cada novo dia que dividia com ele uma qualidade era revelada à Myrna. Havia também os defeitos, era teimoso e não gostava de ser contrariado sem uma boa justificativa. Mesmo nos momentos em que os defeitos se sobressaltavam às qualidades, bastava ele sorrir para que tudo voltasse ao encantamento inicial. E assim, usando de seu charme, ele conquistava a todos e se impunha como um senhor disposto a trazer a fartura ao seu povo.

Myrna também o via dessa forma e tinha fé em sua capacidade de liderar e administrar Rixton com honra e sabedoria, inspirando-se na resiliência do marido para se tornar uma boa senhora para sua gente.

— Myrna! — Siana invadiu o grande salão, puxando a enteada para um canto reservado. — Tenho uma mensagem para ti, criança.

— Mensagem? — A jovem princesa a olhou apavorada, sentindo um arrepio incomum, o prenúncio de más notícias.

— De Tyrone O’Conail. — Soltou ansiosa a mulher mais velha. — Ele cobra o ajuste que você fez com ele e promete vir resgatá-la depois do Yule.

— Oh, pela Deusa! — O coração da galesa se sobressaltou no peito, fazendo-a temerosa pelo destino do povo e do seu marido, que ela já não conseguia olhar com rancor ou mágoa. — Nunca deveria ter ido buscar ajuda com os irlandeses.

— Não há como mudar o passado, minha querida. — Tentou confortá-la.

— O que farei? Não acredito que deva preocupar Lorde Evan com isso. — Myrna foi ao encontro do fogo que ardia na lareira para tentar se aquecer e espantar o frio que a gelava por inteiro. — Falta tão pouco para Yule... Não sei o que devo fazer.

— Não envie resposta ao rei irlandês. Deixe-o sem saber o que fazer ao menos até o Yule passar e assim você ganha tempo para refletir sobre a melhor estratégia.

— Alguém a viu receber a mensagem? — Perguntou preocupada, recordando-se das chibatadas que havia levado por ter sido inconsequente. Siana negou com a cabeça.

— Deve contar ao seu marido! — Deu-lhe um sábio conselho, que Myrna poderia considerar não fosse o medo da reação de Evan.

— Se o irlandês insistir, eu contarei. Por enquanto, prefiro não preocupá-lo com este assunto. Já está muito ocupado com o atraso da construção da nova fortaleza devido a nevasca que nos atinge há dias.

Myrna pensava que era o mais certo a ser feito, afinal, ela havia sido a causadora do problema e nada mais justo do que se livrar de Tyrone O’Conail sem envolver o marido na questão. Seu povo já havia sofrido demais com as batalhas que haviam sido travadas contra os normandos, não merecia ter que se sacrificar mais uma vez para proteger as terras dos irlandeses.

O que ela faria era um problema que ainda não havia encontrado solução apropriada, mas se esforçaria para manter os irlandeses fora de suas terras

custasse o que custasse.

— Tome cuidado, Myrna, é uma questão envolvendo reinos e não mais clãs como era na época de seu pai. Rixton é território da Inglaterra e o novo senhor é aquele a quem o rei inglês nomeou para proteger as fronteiras. Se algo der errado, Lorde Evan de Brienne irá ter que responder perante Guilherme II e já basta os problemas que temos com os irlandeses.

— Por que tudo sempre tem que ser tão difícil? – A princesa levou a mão à testa para secar o suor que lhe escorria. Havia passado do tremor para o aquecimento exagerado em questões de segundos, o que revelava o quanto o assunto lhe preocupava.

— É chegada a hora de decidir com quem está sua lealdade. – Siana por ser mais experiente parecia saber o que falava. — Desde que foi resgatada pelo normando, tem se equilibrado entre dois mundos, não sabendo ao certo a quem deve respeito. Isso não poderá mais perdurar, minha querida, e terá que fazer uma escolha.

Myrna foi deixada sozinha com seus pensamentos confusos, que insistiam em lembrá-la de que havia se casado com um normando, o povo que havia assassinado seu pai e usurpado suas terras, o que a deixava cada vez mais desconcertada.

Teria que fazer uma escolha, mas não devia se deixar cegar pela paixão que Evan despertava em seu corpo.

Ele dizia amá-la e ela acreditava sentir o mesmo por ele. Mas na guerra amores eram apenas sombras, e interesses maiores poderiam os separar pela mão de poderosos. Hoje, eram um casal, mas amanhã poderiam voltar a ser meros inimigos e para quem ela buscaria ajuda? Essa era a grande tormenta que assolava sua alma e que a deixava sem saber o que fazer.

Seguiria o conselho de Siana e aguardaria o Yule, uma data em que se comemoraria o nascimento do deus sol para os povos antigos e a vinda do salvador para os cristãos. Seu povo merecia ter paz em mais essa data. Ela merecia se sentir querida junto ao marido. Até lá teria que encontrar uma solução para a ameaça do rei irlandês.



Evan estava sentado escrevendo uma missiva quando a esposa entrou impregnando o ambiente com seu perfume de rosas. Era com se sempre estivesse dentro de um jardim de rosas mesmo estando no auge do inverno.

— Estou escrevendo uma carta ao meu pai. — Disse, largando a pena para poder puxá-la para seus braços. — Pedirei um empréstimo ao Duque de Lyndford para contratar mais homens para erguer nosso castelo. Estamos muito desprotegidos aqui na fortaleza de madeira. — Myrna sentiu os arrepios que a deixavam atônita e tentou se controlar para não demonstrar preocupação exacerbada.

— Não estaríamos abusando de seu pai? — Perguntou afoita.

— Meu pai me deu a palavra de que poderia contar com sua ajuda. Se a legitimidade de meu nascimento não tivesse sido negada por Guilherme, voltando atrás em uma decisão tomada pelo falecido rei, eu seria o herdeiro de Lyndford e nem estaria aqui. Meu pai se sente em dívida, consegue compreender? — Ela negou com a cabeça. — Meu pai se culpa até hoje por não ter assumido minha mãe como esposa de acordo com as leis normandas quando teve oportunidade e foi isso que a levou para longe dele comigo em sua barriga. Eu nasci não muito longe daqui, acredito, na floresta de carvalhos, onde o povo de minha avó, mãe de minha mãe, se abrigou. Foram meses de uma busca implacável até meu pai nos encontrar e nos levar de volta a Lyndford. Lá se casaram novamente de acordo com as tradições normandas, diante de um clérigo, assim como foi nosso casamento. Mas eu já tinha alguns meses de vida e isso sempre me rondou como um fantasma. Alguns nobres e pares do reino não aceitavam o fato de que um bastardo poderia herdar um ducado tão importante e assim que Guilherme I morreu, juntaram-se para convencer o novo monarca a me deserdar. Tornei-me, então, um bastardo e meu irmão Marcel passou a ser o herdeiro legítimo por ter nascido após o casamento normando deles.

— Você é um galês de nascimento? — Seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Sim! Nasci junto aos druidas, fui inclusive consagrado aos deuses da floresta. Mas também fui batizado quando cheguei com meus pais em Lyndford. — Disse com o olhar perdido, agarrando-se à esposa como sua maior riqueza,

porque haviam lhe ensinado que o amor verdadeiro era único e forte o suficiente para atravessar tempestades com serenidade.

— Algo assim é inimaginável! Dois povos vivendo sob o mesmo teto. – Ele riu.

— Não te contei nem a metade da história de minha família. Minha mãe conheceu meu pai porque foi chamada para fazer o parto de sua primeira esposa. Ela morreu dando à luz à minha irmã Adele, que foi criada por minha mãe. Os dois se apaixonaram e viveram esse amor até que o rei na época ordenou que se casasse com uma herdeira saxã.

— Assim como o rei mais jovem fez com você. – Ela concluiu chocada e ele concordou com a cabeça.

— Como falava, meu pai se casou para obedecer ao seu rei, mas jamais conseguiu se afastar de seu amor. Sua esposa perseguiu minha mãe e a queria queimada na fogueira como bruxa, então, meu pai a casou com seu melhor amigo e homem de confiança.

— Mas como eles conseguiram se casar mesmo com tantas coisas a darem errado? – Myrna acariciou o rosto do marido, simpatizando com sua história de vida.

— Eles sofreram muito antes de ficarem definitivamente juntos. A segunda esposa do meu pai descobriu que minha mãe era a princesa perdida do Clã Arwel, que à época era chefiado pelo seu tio sem escrúpulos e que a queria morta. Ela e sua tia haviam fugido dele anos antes e se abrigado na floresta de Lyndford para se salvarem. Assim, com a ameaça retornando, mamãe precisou fugir para longe em busca de proteção, deixando para trás meu pai e Sir Marcel, seu marido. Meu pai descobriu tudo e decidiu enviar a esposa para o exílio em um convento, mas ela se suicidou, tornando-o novamente um homem livre.

— Mas e quanto a sua mãe? O que aconteceu ao seu primeiro marido?

— Ele morreu defendendo a fortaleza do ataque dos Arwel e ela se tornou uma jovem viúva.

— É uma história trágica, mas tão bela. – Myrna secou as lágrimas com a manga da túnica, deixando-se confortar quando ela deveria fazê-lo. Era a história de seu marido e aquilo a havia tocado muito, a feito entendê-lo melhor.

E só por isso se sentia em dívida com ele e jamais seria capaz de suportar que

algo de ruim lhe acontecesse. Sua história de vida, assim como a dos pais, era um belo exemplo de fé no amor e na perseverança de tempos melhores. Seus pais haviam lutado para estarem juntos e ensinado aos filhos que o amor sempre seria possível, independente das diferenças que poderiam separá-los.

— Eu e meus irmãos crescemos cercados por esse amor que os fez tão unidos e indestrutíveis. Aprendemos a respeitar o diferente e a valorizar as escolhas que o coração faz, Myrna. Sinto orgulho de sua história e quero viver um amor assim. Acima de tudo, aprendemos a confiar um no outro. A confiança é uma arma poderosa, que nos mantém unidos nas batalhas, cuja ausência pode nos arruinar. — Beijou-lhe nos lábios, como um carinho para sua alma angustiada. — Por que chora, minha querida? — Secou-lhe as lágrimas, tentando decifrá-la.

Myrna não respondeu e apenas aconchegou-se no peito do marido, sentindo-se culpada por lhe esconder a mensagem que havia recebido de seu antigo aliado irlandês.

Porém, não poderia expô-lo ao perigo. Evan não merecia ter seus planos frustrados por um erro que ela havia cometido. Se ela pudesse ter previsto o futuro não teria fugido e tudo poderia ter sido diferente.

— Sua mãe, Evan, é tão bondosa quanto falam? — Perguntou curiosa.

— Não há alguém mais abnegado quanto ela. É uma grande curandeira e ajuda a todos independente de ser amigo ou inimigo. Meu pai e ela já brigaram muito em razão de suas incursões a fim de salvar vidas e quando ele se deu conta de que não haveria como impedi-la, apenas passou a segui-la como uma sombra, seu protetor. Minha irmã mais velha, Adele, é como ela. Aprendeu a ser uma curandeira e dedica-se à arte da cura. Casou-se recentemente e assumiu o legado que papai lhe deixou quando ainda era um bebê.

— E por que a ti não foi deixado um legado também?

— Creio que nenhum de nós, filhos de Eileen Arwel, iríamos querer. Whortshire é a propriedade entregue ao meu pai em decorrência de seu casamento com Lady Mildred Winifred. Acredito que ele precisava dar um destino às terras da segunda esposa e assim decidiu dá-las de presente à Adele, que é o fruto de seu primeiro casamento. A mãe de minha irmã era uma normanda como ele e agradou ao rei que Adele fosse a herdeira do condado. Com o tempo perceberá que tudo é um grande jogo dentro da política, meu amor.

— É tudo muito complicado para uma simples galesa como eu. — Confessou, deixando-se afagar por suas mãos grandes e carinhosas, que a faziam desejá-lo dentro dela.

Quando se amavam, com os corpos emaranhados, os problemas desapareciam e o mundo se tornava tão perfeito, colorido e especial. Não haviam chefes, nem reis lhe ditando regras absurdas ou lhes fazendo exigências descabidas. Em cima da cama, entre beijos, carícias e juras de amor, o tempo parava, tudo desaparecia e o amor era a lei entre eles.

Myrna desejava que essa paz ultrapassasse os limites do aposento que dividia com o marido e se tornasse sua realidade para sempre. Poderia esquecer facilmente que Evan era um mestiço, mais normando do que galês, se a ganância dos homens não a lembrasse disso o tempo todo.

Provavelmente lhes faltasse ainda a confiança, lembrada por Evan como um voto muito importante na relação entre homem e mulher. Sentia-se miserável por lhe esconder coisas, mas que também poderiam levá-lo a um julgamento equivocado sobre a esposa.

— Tivemos sorte, Myrna! — Ele a lembrou sorridente, brincando com os mamilos endurecidos que marcavam o tecido da túnica. — Nem todos têm a sorte que tivemos, de nos darmos tão bem em cima de uma cama.

— Ame-me, Evan! — Implorou, saindo de seu colo e o puxando para o leito, onde a paz reinaria até que um novo amanhecer acontecesse, embalados pela paixão que fervia entre os dois.



Capítulo 15

Na manhã seguinte a tempestade de neve havia dado uma trégua e Evan convidou a esposa para um passeio até o local onde estava sendo erguido o novo castelo de pedras. Durante o caminho, fez questão de que ela dividisse a sua montaria, mantendo-a aquecida.

Junto à carta que havia escrito ao pai, enviou junto um recado à mãe para que providenciasse alguns presentes para Myrna, como capas e luvas de lã, além de alguns frascos de vidro para que ela pudesse condicionar melhor suas criações aromáticas. Queria mimá-la, adorná-la com joias e artigos sofisticados que a deixariam ainda mais bonita, a mais bela das marquesas, pensou sorridente, puxando-a contra seu corpo.

Myrna era como seu pequeno pedaço do paraíso. Uma mulher delicada por fora, cuja alma poderia se igualar a de uma guerreira. Intrépida e cheia de vida, não sentia medo de lutar pelas causas que considerava justas, mesmo que precisasse se sacrificar para isso. Era a mulher que ele sempre havia desejado para dividir uma vida e amortecer a dureza das responsabilidades que apenas se tornariam mais pesadas com o passar dos anos.

Porém, seu coração havia sido quebrado pela guerra e pelos desmandos de um pai que não pensava em outra coisa a não ser lutar por uma causa perdida. Sua alma foi despedaçada com sua morte e Evan sabia que ela resistia como uma verdadeira guerreira para tentar se manter inteira, para aceitar um mundo que havia se modificado muito com a chegada dos normandos.

Talvez nem todo seu amor fosse capaz de salvá-la, e Evan se sentia inútil quando a via taciturna e encolhida em um canto, como no dia anterior, quando

foi até ele em busca de alento. Apreciava quando a esposa o buscava, embora ela pouco lhe revelasse a respeito de suas aflições. Fosse como fosse, sempre estaria ali para ela, para amá-la e protegê-la com sua própria vida se fosse preciso.

— Cheguei a comentar com meu pai que esta colina poderia abrigar uma nova fortaleza e que ficaríamos mais protegidos das invasões estrangeiras. — Myrna disse já em terra firme com Evan em seu encalço. — Se tivesse me dado ouvidos, não teríamos sido vencidos facilmente.

Nem eles haveriam de ter se encontrado, pensou o normando, e preferiu manter a constatação para si, acreditando que a esposa ainda não estava preparada para uma declaração do tipo. Havia coisas que eram melhores serem compreendidas por ela mesma e isso era um dos ensinamentos que a mãe havia lhe passado, que não se devia tirar do outro a oportunidade de refletir, de fazer suas escolhas e com isso evoluir.

— Será nosso castelo, meu amor! Faço questão que participe de cada detalhe de sua construção. — Ergueu-a, rodopiando-a no ar alegremente. — Onde nossos filhos crescerão. — A galesa deixou-se levar pela euforia do marido, que lhe explicava cada detalhe da construção.

Era um projeto audacioso e levariam anos para que ficasse pronto de acordo com os planos do novo Senhor de Rixton, e quando acabado se tornaria um verdadeiro monumento a céu aberto, um legado para as futuras gerações, transformando Evan de Brienne em uma lenda cantada pelos bardos.

Myrna, então, olhou para o céu nublado e soltou um longo suspiro, revelando toda a angústia que a atormentava desde que havia recebido a mensagem de seu antigo aliado irlandês.

Havia feito sua escolha há muito tempo, pensou afoita. Seu futuro era ao lado do marido que o destino havia lhe trazido e por mais que não houvessem lhe dado a oportunidade de decidir, o coração o havia escolhido como seu amor. Construiria uma vida ao lado dele, daria filhos a ele e cuidariam com zelo de todos que dependiam das terras de Rixton como seus leais senhores.

Tudo ficaria bem, ela apenas precisava resolver tudo com o rei irlandês e seguir em frente. As guerras ficariam para trás, não haveria mais galeses e normandos e sim ingleses, uma nova nação que brindaria a paz entre os povos.

— Viverei contigo neste castelo, meu senhor! — Olhou para o marido

comovida, tentando encontrar as palavras certas para expressar a felicidade que sentia por tê-lo escolhido. — Eu te escolho, meu marido! E ao seu lado juro ser uma senhora justa para os ingleses que aqui viverão, pouco importando se eles um dia foram galeses ou normandos.

Evan a olhou com orgulho e a puxou para um abraço carregado de sentimentos, que iam da gratidão ao amor, que o faziam um homem pleno e realizado, compreendendo seu pai quando lhe dizia que a verdadeira casa para um homem era aquela que o coração escolhia como sua. Myrna era sua morada e seu bem mais precioso, que lhe traria prosperidade e uma vida repleta de felicidade. Acreditava nisso com toda a força de seu querer.

— Eu a amo, Myrna! — Declarou em alto e bom tom para que ela pudesse compreendê-lo. — Tem a minha lealdade, a proteção do meu nome e a dedicação de um homem apaixonado por sua mulher.

— Amo-o também! Lutei tanto para evitá-lo, temendo que nossa união nos conduzisse à ruína, mas falhei miseravelmente, e cabe a mim lutar para que nosso casamento seja feliz. — Envolveu-o com os braços pelo pescoço, encostando seus lábios nos dele num beijo quente que acabou por aquecê-lo, deixando-o duro de desejo.

Ele a ergueu no colo, ainda com os lábios colados nos dela, beijando-a com ardor e devassidão, conduzindo-a para um local afastado das obras e que era um pequeno paraíso na terra nos meses de verão. Um pequeno riacho congelado ficava ali, rodeado por árvores que Myrna sabia serem centenárias, e que lhes dariam sombra nos meses mais quentes do ano. Havia brincado ali quando criança, mas pelo lugar estar afastado da fortaleza seu pai a havia proibido de visitar assim que os normandos passaram a cercá-los.

— Aqui, meu amor, pretendo construir seu jardim, onde poderá cultivar suas rosas. — Apontou para um pinheiro majestoso. — Lá poderemos erguer uma modesta construção de um cômodo ou dois para guardá-las nos meses mais frios. Podemos pedir para os marceneiros projetarem mesas e prateleiras para você acondicionar as pétalas secas e os frascos dos óleos que são extraídos das flores. Inclusive, pedi para que minha mãe nos enviasse alguns frascos de vidros. Segundo ela, o vidro é mais apropriado para manter as propriedades dos seus preparados medicinais, logo, manterão a essência dos teus perfumes por mais tempo.

— Oh, Evan! — Sentiu os olhos marejados com sua demonstração de apreço e voltou a se juntar ao calor de seu corpo. — Você é tão perfeito!

— Mesmo sendo um normando? — Ele perguntou sentindo o coração falhar, temendo ter sido muito precipitado, mas precisava saber.

— Um fato que não me agradava, confesso, mas que já não me importa. — Ele sorriu. — Amo o homem bondoso, gentil e valoroso que é.

— Eu a entendo, Myrna! E como disse antes, o que importa é que nosso casamento uniu nossos povos. — Falou emocionado.

Evan a levou para o outro lado do campo de obras, sempre com ela nos braços para que seus pés não acabassem congelados com a neve que havia se acumulado depois de dias de tempestade. Ali havia sido montado uma espécie de acampamento, onde trabalhadores dormiriam e fariam suas refeições assim que o inverno se despedisse. Levou-a para dentro de uma das tendas que usava como uma espécie de sala de reuniões.

— É aqui que as decisões são tomadas? — Perguntou ao marido, sentindo a tensão sexual entre eles.

— É aqui que irei te amar, Myrna! — Colocou-a em cima da mesa, espalhando os pergaminhos pelo chão, abocanhando sua boca em um beijo repleto de promessas, de puro desejo, um prazer avassalador que a arruinaria novamente. — Quero olhar para essa mesa e me lembrar de teu corpo. Quero aspirar teu pecaminoso perfume de rosas toda vez que entrar aqui. Quero me perder nas lembranças de como é perfeito me enfiar dentro de ti quando os problemas tentarem me sufocar, porque você, Myrna, é a minha mulher, tão delicada, suave, preciosa e divina como apenas uma deusa consegue ser. — As mãos de Evan trabalhavam para despi-la, traçando rastros de fogo por seu corpo já ardente de desejo. — Minha fada. — Ele falou perto do seu ouvido, mordiscando o lóbulo da orelha com gosto.

Myrna não conseguia falar ou corresponder a tanto estímulo. Evan a tinha à sua mercê e com ela poderia fazer o que desejasse. Seduzia-a com habilidade. Conquistava-a como um guerreiro determinado a ter para si o que desejava. E ele a desejava muito para simplesmente abandoná-la ali sem satisfazê-la, por mais que o vento gelado lá fora os lembrasse de que poderiam congelar.

Mas o fogo entre eles os manteria aquecidos. A luxúria seria suficiente para

afastar o frio. E o prazer que dividiriam seria o bastante para compensar a ausência do sol.

Evan desenganchou o cinto onde a espada estava presa e se livrou das calças com tanta rapidez que o coração da galesa bateu forte no peito ao ver seu membro ereto e glorioso, sentindo a umidade entre as pernas prepará-la para o ato do amor. Soltou um gritinho quando ele afastou suas pernas, ajoelhando-se diante dela como um crente o faria diante de sua divindade e tocou-a ali, justamente no centro de onde irradiava toda a tormenta que o corpo sentia naquele momento sublime que dividia com ele, colando seus lábios exigentes como se estivesse degustando um manjar em um banquete.

Evan desfrutava do sabor da esposa assim como Adão havia provado a maçã proibida. Sua língua se afundava dentro dela e o atrito de carne contra carne ameaçava ruir com suas forças. Estava à beira da perdição, sentindo a virilidade exigente e cada vez mais determinada a se juntar a ela no deleite da união de seus corpos.

Sugou tudo que pôde, fartando-se dela como um esfomeado. Quando a sentiu pronta, ergueu-se abandonando sua posição de submissão lentamente para encontrar sua boca e repetir cada ação que a havia enlouquecido quando esteve entre suas pernas. Explorou aquela boca aprazível, quente como um dia de verão, encorajando-a para que desse voz ao seu desejo.

— Faça-me sua! — Myrna implorou entre delírios ocasionados pelo prazer que a varria por inteira, enlouquecida de desejo reprimido; culpa do normando que a havia testado além dos limites da compreensão humana. O que compartilhavam era forte demais para a razão tentar atrapalhar.

— Sempre minha! — Evan soltou quando se afundou dentro dela e ali ficou parado por alguns segundos para apreciar o aperto delirante que sentia.

— Preciso de mais. — Ela pediu com a voz enrouquecida, sentindo-se amolecida, como se estivesse dentro de uma banheira de água quente ao pé do fogo da lareira.

Myrna apreciava se banhar dentro de uma tina, uma comodidade que lhe foi apresentada pelas normandas e que quando compartilhada com o marido era como sonhar acordada, embora desconfiasse de que qualquer coisa se transformasse no paraíso quando compartilhada com Evan. Até mesmo uma tenda gelada.

Evan a tirou dos devaneios quando começou a se movimentar dentro dela, fazendo-a sentir torvelinhos indecentes que a envolviam por completo, como se tivesse dançando ao redor da fogueira de Beltane. Sentia calor e uma vontade de puxá-lo contra ela para que aquele contato se tornasse eterno.

— Diga que me ama! – Ele pediu com paixão e algo mais no olhar que Myrna não conseguiu decifrar.

— Eu amo você! – Ela obedeceu, deixando-se levar pelos braços dele, que a protegiam como um tesouro, que a queriam como sua mulher.

Foi o suficiente para Evan ser vencido pela virilidade que exigia a satisfação e deixou-se levar pelas batidas do seu próprio coração rumo às fronteiras do mais indescritível prazer que sentiu na vida, juntando-se a ela do outro lado, saciando-os inteiramente.

Juntos, mais uma vez, haviam encontrado o êxtase sexual. Mas havia sido mais perfeito porque declararam o amor que um sentia pelo outro, deixando o sentimento sublime comandar cada uma de suas ações de forma única e verdadeira. O amor havia sido reverenciado e os corações a partir dali se curariam das dores mundanas e se abririam para a esperança de dias mais felizes.

Amar era mesmo uma dádiva, pensou a princesa agarrada ao corpo de seu herói, totalmente envolvida pelos braços nos quais confiaria sua vida dali em diante. Evan conseguia compreendê-la mesmo sem ela precisar falar. Estavam definitivamente unidos pelos sagrados laços do amor.



Capítulo 16

As mulheres trabalhavam empenhadas para o banquete de Yule. A cozinha estava em polvorosa, um pinheiro havia sido trazido para dentro do grande salão e jovens donzelas o rodeavam para enfeitá-lo, homenageando o nascimento do Deus Sol, a criança prometida que chegaria no solstício de inverno. Os cristãos também comemoravam o nascimento de uma criança, o salvador de seu povo, e assim, galeses e normandos celebrariam os novos tempos.

Myrna gostava quando lhe solicitavam ajuda ou opinião e empenhava-se em ser uma boa senhora para os moradores de Rixton. Porém, algo a havia deixado preocupada e com o coração apertado. Precisava ir até a praia a fim de se encontrar com um enviado de Tyrone O’Conail e assim dar um basta em qualquer avanço por parte do rei irlandês.

Vestiu a capa e contando com a ajuda de Siana para encobri-la, foi até a estrabaria onde encontrou um cavalo já selado e partiu rumo ao desconhecido, sentindo-se cada vez mais oprimida por agir pelas costas do marido quando ele havia se tornado tão importante para ela.

Mas era preciso ou temia que algo de ruim lhe acontecesse.

Fazia um dia gelado e o frio lhe congelava os ossos, mas desconfiava de que os tremores se deviam mais ao medo que sentia do que ao vento cortante que vinha do mar. Desapeou do cavalo e o amarrou em uma árvore, esperando que o guerreiro irlandês se aproximasse. Por precaução, levou a mão até o punhal que havia escondido embaixo da capa.

— Milady! – O homem alto, com cabelos ruivos na altura dos ombros, a

cumprimentou de acordo com a hierarquia por ser a filha de um chefe de clã aliado. — Meu senhor ficará feliz ao saber que a noiva está viva.

— Não sou mais noiva de seu senhor. — Myrna respondeu temerosa por ter sido afrontosa, colocando a perder uma possibilidade de trégua. — Casei-me com Lorde Evan de Brienne, o que me tornou Marquesa de Rixton. — Completou a fala, acreditando que a verdade era ainda a melhor decisão.

O irlandês a olhou incrédulo.

— Meu senhor não está disposto a voltar atrás no acordo que selou com a senhora e exige que retorne para desposá-lo. Foi recebida por nosso povo como uma princesa e teve a sua proteção quando poderia ter sido morta por um maldito normando. — Mexeu a cabeça em sinal de desdém. — As ordens foram claras para que a levasse de volta comigo.

— As coisas mudaram! — Myrna voltou a falar, tentando se fazer entender.

— Não, milady, as coisas não mudaram. Uma palavra empenhada é lei entre nossos povos. Cumpra com sua parte no acordo e Rixton será poupada. Ou destruída, caso se recuse a se juntar ao meu senhor. — Disse com a voz grave, fazendo-a estremecer.

Myrna sabia que os irlandeses poderiam vencer os normandos em uma batalha no meio do inverno apesar de comprometerem a vida de seus homens. Tyrone era fanático o suficiente para agir assim por se sentir despeitado. E Evan não teria como solicitar reforços ao rei em pouco tempo para vencer os irlandeses caso Tyrone buscasse apoio junto aos outros reis irlandeses.

— Não posso abandoná-los! — Soltou frustrada. — Tyrone precisa compreender que eles são meu povo. — Não poderia abandonar Evan, pensou com lágrimas nos olhos. — Retorne e diga ao seu senhor que preciso de tempo.

— Até o Yule! — O guerreiro afirmou e Myrna soube que ele já havia vindo preparado para negociar. — Se até o Yule não estiver ao lado do meu senhor, invadiremos Rixton e mataremos quem se colocar em nosso caminho.

— Até o Yule. — Concordou, sentindo o corpo tremer.

O irlandês acenou um sim com a cabeça e despediu-se com educação, deixando-a sozinha, perdida com seus próprios receios. Foi uma rajada de vento que a tirou do torpor em que havia entrado, fazendo-a ir ao encontro do cavalo para que pudesse retornar antes que sua ausência fosse notada.

Não sabia o que fazer para evitar um desastre e considerou a ideia de atender ao chamado do rei irlandês, sacrificando sua vida para salvar seu povo e o amor da sua vida. Mas como poderia deixá-lo quando ele lhe significava tanto?

Cavalgou num ritmo veloz até à antiga fortaleza, não se importando com o frio que lhe cortava a pele. Queria apenas se ver livre dos problemas, mas desconfiava de que jamais poderia atingir tal intento quando tudo havia começado da pior forma possível. Sempre soube que uma união com um normando era o prenúncio do agouro.

— Myrna? – Preocupada, Siana a recebeu.

— Deixe-me, por favor! – Pediu sem olhar para a mulher que sempre esteve ao seu lado como uma mãe. — Sinto-me cansada. – Beijou-lhe na testa e tentou partir em busca do conforto dos aposentos que dividia com o marido.

— Ele a quer, é isso? – A mulher insistiu e Myrna confirmou com uma sacudida de cabeça. — Conte a Lorde Evan, deixe-o a par do assunto. É seu marido.

— Considerarei seu conselho. – Respondeu e foi em direção às escadas, não fazendo conta das crianças que exigiam sua atenção e que queriam lhe mostrar o pinheiro enfeitado.

Recolhida em seu quarto, Myrna caiu num pranto dolorido, deixando que a dor e a miséria de anos de guerra saíssem para fora. Sua alma havia sido marcada a ferro pelas dificuldades de ter nascido mulher, em que seu destino havia sido escolhido a partir dos desejos de homens que ambicionavam mais do que podiam, que se deixavam cegar pelo poder. Já havia vivido o bastante para ver mulheres serem subjugadas ao poder masculino, obrigadas a servi-los como deuses, humilhadas e violadas como troféus. E nem se referia apenas aos normandos, pois sabia que na guerra não existiam bandeiras capazes de freá-los em seu ímpeto de dominação.

Myrna não poderia deixar que uma nova guerra se iniciasse e fizesse com que seu povo voltasse a sofrer os dissabores da matança. Não poderia suportar que a fome retornasse para dentro de Rixton e acabasse por ceifar vidas indefesas. Estavam apenas se reerguendo dos anos de guerras contra os normandos, não mereciam passar por mais uma provação contra os irlandeses, que costumavam ser ferozes e sanguinários contra seus inimigos.

Ainda havia Evan. Não suportaria perdê-lo para sempre quando a dor da ausência do pai ainda a infernizava tanto. Seria mais uma morte para carregar consigo como um fardo e essa culpa a mataria, seria uma ferida que jamais cicatrizaria, porque perderia o amor tão rápido quanto havia chegado.

Não, Myrna não estava disposta a correr o risco de perdê-lo, de trazer a ruína para dentro de seu clã e de ver o mundo desmoronar outra vez porque foi incapaz de renunciar a vontade de tê-lo sempre perto de si.

Secou as lágrimas com a manga da túnica, pois havia tomado uma decisão. Iria até o rei irlandês e negociaria sua vida em troca da liberdade de seu povo e da paz que Evan merecia. Rixton poderia prosperar sem ela, embora ela deixasse ali, naquele pedaço de chão, o seu coração.



Faltavam poucos dias para o Yule e Evan havia deixado as preocupações de lado desde que Myrna havia se declarado para ele. O amor que ela confessava sentir por ele todas as noites o deixava em êxtase e lhe dava a certeza de que havia tomado a decisão correta ao aceitar o encargo de Guilherme para ser o Senhor de Rixton. Ainda havia ameaças para cuidar e muito trabalho a fazer na sua reconstrução, mas nada lhe assustava quando era um Brienne apaixonado e destemido.

Seu pai ficaria orgulhoso pelo bom trabalho que estava fazendo nas terras que haviam lhe sido confiadas. Sua mãe também se sentiria feliz ao saber que o filho havia encontrado o amor nos braços da esposa. E seus irmãos haveriam de compartilhar de sua felicidade como a família unida e feliz que sempre haviam sido.

Ser um Brienne era mais do que carregar um sobrenome poderoso, era compartilhar as conquistas e as derrotas antes de tudo. Evan havia crescido como parte de uma família que não temia os desafios da vida, que não se deixava esmorecer diante das dificuldades. Era isso que os faziam diferentes e especiais. E por que não dizer influentes e poderosos?

— Por hoje basta, John! — Avisou o amigo, dando por encerrado mais um longo e árduo dia de trabalho. — Apenas preciso de um banho quente, um copo de cerveja e dos braços de minha mulher. — Sorriu feliz ao lembrar-se de sua

princesa galesa, que cheirava rosas mesmo no inverno e que o enfeitiçava como uma fada encantada.

— Sinto inveja de ti. — John respondeu com o olhar perdido e Evan sabia que pensava em Adele, arrependendo-se de ter mencionado a esposa quando o amigo ainda sofria pela dor de ter tido o coração partido, mas acreditava que ainda uma boa moça surgiria em sua vida como um sopro de esperança. Seu amigo merecia ser feliz ao lado de uma boa mulher, mesmo que sua grande paixão continuasse a ser a irmã que havia se casado com outro para satisfazer mais uma vez a vontade do rei.

— Não sinta, apenas acredite que tua hora chegará. — Bateu nos ombros do seu melhor e mais fiel guerreiro como uma prece feita às forças superiores. Sua mãe ensinou-lhe a acreditar nos espíritos da floresta e quem sabe John seria recompensando com uma esposa que lhe aqueceria nas noites frias.

— Deixei de acreditar nisso quando deixei tua irmã em Whortshire, aceitando que se separasse de mim. — Confessou ainda com o olhar perdido, sentindo a dor da perda de um grande amor. Evan o compreendia agora que também havia encontrado o amor nos braços de Myrna e sentia muito pelo amigo ter que conviver com a amargura da separação. — Vá logo para os braços de sua princesa! — Devolveu o tapa nos ombros e abriu um sorriso na tentativa de disfarçar o quanto se sentia miserável por estar longe de Adele.

Evan se despediu do amigo e partiu para o interior da casa senhorial onde acreditava poder encontrar a esposa. Os preparativos para o Yule consumiam a maior parte do dia e poder vê-la tão disposta e participativa em meio às mulheres como uma verdadeira líder o deixava sem fôlego.

Encontrou-a sentada em uma cadeira de espaldar alto próxima à lareira enrolada em uma manta. Os cabelos platinados caíam soltos sobre os ombros e os olhos refletiam o brilho das labaredas do fogo. Era a imagem de uma deusa descida à terra para confraternizar com pobres mortais que não conseguiam resistir ao seu poder de sedução.

Olhou-a de longe por alguns minutos, querendo gravar para sempre em sua mente a beleza etérea que a cercava e que a fazia tão especial aos seus olhos. Imaginou-a nua entre seus braços, enquanto seus lábios a provocavam com beijos delirantes. Evan desfrutava do corpo da mulher como uma dádiva que lhe era oferecida pelos deuses. Fazer amor com Myrna lhe era como um grande

ritual no qual celebravam a vida.

Imbuído de tais pensamentos, foi até ela e se ajoelhou para contemplá-la mais de perto, deixando-se fascinar pela mulher que havia sido escolhida por um feliz acaso do destino para ser sua.

— Evan! — Ela se encolheu dentro da manta e ele estranhou sua apatia.

— O que te passa, meu amor? — Ela envolveu seu rosto com as mãos, trazendo calor para seu corpo congelado pelo vento traiçoeiro do inverno.

— Estou um pouco indisposta, mas vai passar. — Desconversou e envolveu-o pelo pescoço, trazendo-o para junto de seus lábios.

Myrna apenas queria beijá-lo, amá-lo, se unir ao corpo quente do marido naquela noite gelada e triste para que pudesse lembrar dele até o fim da vida solitária a que se entregaria após concordar em se casar com o rei irlandês em troca da salvação de Rixton.

— Devemos chamar a curandeira. — Evan tentou se soltar do aperto da esposa em vão.

— Não estou doente! — Ela respondeu, puxando-o de volta em encontro ao seus lábios. — Ficarei bem se puder me amar. — Pediu com a voz embargada e o corpo quente, uma oferenda que ela fazia para o homem que amava mais do que tudo na vida.

— Te darei o que pede, Myrna! — Levantou-se, trazendo-a consigo e tomando a direção das escadas que os levariam até os aposentos. — Cuidarei de ti como o tesouro que é para mim. — Aquela declaração trouxe paz ao coração da jovem princesa e a fez abrir um sorriso que lhe iluminou.

Myrna estava disposta a aproveitar os dias até o Yule chegar nos braços de Evan, o marido que o seu coração havia escolhido e que jamais lhe seria esquecido.

Quando ele a depositou na cama e ela deixou a manta cair, o coração de Evan quis saltar pela boca ao vê-la nua e oferecendo-se para ele.

— Deixe-me amá-lo também? — Pediu emocionada, com os olhos repletos de desejo e amor. Sim, Evan poderia jurar que ela o olhava com amor e devoção e sentiu-se especial por isso, indo ao seu encontro determinado a se entregar para ela.

— Sou seu, minha princesa! — Livrou-se da túnica e a envolveu pela cintura, puxando-a para o calor de seus braços, beijando-a com prazer, deixando-se ser tocado pelas mãos da mais preciosa das mulheres.

Myrna o queria perto dela para sempre, mas não poderia tê-lo quando precisava salvá-lo dos irlandeses e os dias seguintes teriam que bastar para gravá-lo em sua memória como uma recordação feliz: o homem que havia tocado seu ferido coração e a feito se abrir para o amor.

Acabaram os dois em cima da cama, com ela sobre o corpo dele. Myrna beijou seu peito musculoso, carícias que o marcariam para sempre. Ela desejava que ele também lembrasse dela com o mesmo ardor, amor e devoção.

— Você sempre me beija entre as pernas e gostaria de saber se posso fazer o mesmo contigo? — Perguntou atrevida e ele sentiu o membro inchar ainda mais com aquela promessa pecaminosa.

— Você deseja mesmo isso? — Perguntou tremendo de desejo e ela concordou com a cabeça, ajoelhando-se no meio das pernas dele e ajudando-o com as calças. — Então você pode, meu amor. — Disse com a voz afetada e o corpo ardendo por ela.

Evan levou as mãos à base do seu sexo e o ofereceu à esposa, que estava corada pela excitação que a tomava. Assim que os lábios quentes e macios o tocaram foi como ser transportado para outro mundo, onde só existia prazer e paixão. Sem jeito, ela lambeu e sugou sua ponta, transformando-se em uma amante dedicada à medida que se sentia confiante para tocá-lo. E Myrna gostou do resultado que provocava no corpo do marido.

Evan se deliciava com os lábios da esposa colados ao seu sexo, e se aquele toque continuasse ele simplesmente se derramaria dentro da boca dela. Mas Evan não queria correr o risco de assustá-la. Ergueu-a, então, e a puxou de forma que ela ficasse sentada sobre ele. A invasão foi rápida e delirante. Estar dentro dela era apertado e tão bom que poderia morrer feliz.

— Prometeu que seria meu esta noite, não? — Ela reclamou com os olhos vidrados nele.

— E serei todo seu. Tome o que quer, Myrna! Basta se mover em cima de mim, que juntos tocaremos o céu e dividiremos o prazer.

Ela não pensou duas vezes, e como se estivesse cavalgando sobre as

campinas verdejantes de Rixton em uma tarde de verão, começou a se movimentar, esfregando-se contra o corpo do marido com a determinação de uma amazona habilidosa, fazendo-o ofegar e grudar-se nos lábios dela em busca de sua doçura.

A fricção dos sexos os conduzia a um abismo de sensações que os faziam afoitos para a liberação. Evan a ajudou a encontrar o perfeito ponto e os dois se entregaram ao encanto de pertencer intimamente ao outro. Ela gritou quando as ondas de prazer a envolveram como um manto quente, dando a ele o sinal para que pudesse se saciar, soltando sua semente dentro dela.

Sentindo-se o homem mais feliz do mundo, envolveu-a com a manta e a puxou para o seu lado, deixando-se levar pelo sono dos justos. Myrna o beijou no queixo e sussurrou um pedido de perdão que não chegou a ser ouvido por ele, rogando para que os deuses lhe dessem forças para cumprir com seu destino.



Capítulo 17

O Yule havia chegado e com ele a dor da separação. Myrna sofria calada com o peso de sua decisão e houvera dias em que chegou a reconsiderar por acreditar que preferia a morte do que ser condenada a uma vida sem Evan.

Mas o amor que sentia por ele era maior do que tudo, até mesmo do que o medo de enfrentar uma vida sem ele e, por isso, estava decidida a deixá-lo para lhe dar a oportunidade de reconstruir Rixton em paz, sem a ameaça dos irlandeses, que haviam chegado até ele por culpa dela.

Tão-somente dela.

Seria a última noite que passaria ao lado dele como Senhora de Rixton e uma vez descoberta sua fuga, seria considerada uma traidora e perseguida por sua própria gente. Honraria essa noite com suas melhores vestes. Depois de um longo e perfumado banho deixou uma das donzelas lhe pentear e trançar os cabelos. Usaria também as joias que havia herdado de sua mãe e faria de sua despedida algo a ser lembrado com grande carinho.

Evan havia descido antes a fim de receber os convidados como um bom anfitrião, mas quando a viu descer as escadas dentro de seu melhor traje, uma túnica azul-escuro com bordados em dourado e um cinto cravejado de pedras preciosas que caía sobre o quadril, jurava ter visto uma rainha elegante e sofisticada, o que o impressionou. Pediu licença aos amigos normandos e foi ao encontro da esposa para recebê-la com as honras que merecia e a elogiou como o marido apaixonado que era, deixando-a corada de felicidade.

Todos estavam ali reunidos no grande salão aquecido para celebrar a vida e o

retorno do sol na noite mais longa do ano ao passo que Myrna se preparava para a despedida mais dolorida de sua vida.

Havia escolhido a noite de Yule não apenas por ter sido o prazo que O'Conail havia lhe dado, mas também porque era costume passar a noite em claro entre festejos e brindes até a alvorada, e assim celebrar a vinda da criança prometida, que traria sol e calor, abrindo mais um ciclo na roda da vida.

Enquanto todos estariam admirando a chegada de um novo dia, Myrna aproveitaria para fugir, o que lhe daria tempo suficiente para atravessar a vastidão de mar que separava Rixton das Terras da Irlanda.

Siana a olhava do outro lado do salão entristecida por não concordar com sua decisão e a ajudaria na fuga com o coração partido por temer que sua menina acabasse vítima da própria tolice. Mas não competia à mulher julgar a enteada, pois já havia sido uma jovem apaixonada e conseguia entender os motivos que a levavam a tomar uma decisão tão equivocada.

Alheio ao que se passava entre as duas, Evan sorria para os presentes, distribuindo votos de um ano repleto de fartura. Exibia-se ao lado da esposa e exaltava a sua beleza como qualquer homem orgulhoso faria, deixando Myrna envergonhada pela traição que cometeria mais tarde.

— Em Beltane, rogo comemorar o anúncio da chega de um herdeiro. — Evan beijou a mão da esposa, deixando-a comovida com a declaração que havia feito em alto e bom tom. Myrna sabia que a chegada de um filho deles uniria definitivamente os dois povos em uma única nação e sentiu o coração apertar quando pensou na decepção que tomaria Evan quando descobrisse que ela havia lhe deixado.

Queria saber escrever para poder lhe deixar uma mensagem, onde pudesse confessar seu amor e que tudo que havia feito e que faria era pelo amor que sentia por ele. Evan havia prometido ensiná-la a escrever, assim como falar a língua oficial do reino; infelizmente, não teriam tempo para isso e tudo ficaria gravado em seu coração como uma lembrança boa, que a aqueceria nos dias mais tristes.

Pensando na saudade que sentiria dele, pegou sua mão e levou-a ao coração para falar o que sentia a ele.

— Contigo vivi os melhores dias de minha vida. — Levou as suas mãos até os

lábios e as beijou com devoção. — Desejo a ti e ao nosso povo fartura, prosperidade e felicidade.

Evan a puxou para um abraço repleto de amor, aquecendo-a e deixando-a tão emocionada que as lágrimas lhe mancharam o rosto. Ele não percebeu que ela chorava e era melhor assim, pois Myrna não saberia explicar. Aconchegou-se contra ele e ouviu os dois bardos que se revezavam em contar a batalha que havia travado os Reis Carvalho e Azevinho. Era uma antiga lenda dos povos antigos da floresta, que explicava a divisão do ano em inverno e verão.

Nos seis primeiros meses foi o Rei Carvalho que governou como um jovem forte e corajoso, caçando a Deusa pela floresta para com ela ter um filho, com o sol brilhando intensamente até o solstício de verão. De repente Rei Carvalho começou a declinar, perdendo aos poucos suas forças, sendo vencido por seu irmão gêmeo, o Rei Azevinho, que passou a governar como um ancião sábio e bondoso, trazendo a esperança do retorno da luz com o solstício de inverno às tribos. Após seu declínio, Rei Carvalho renasceu como filho da Deusa e voltou a governar.

Evan conhecia a história de outra maneira, em que a luz era simbolizada por meio do gamo, e a escuridão, pelo lobo. De uma forma ou de outra, aquela história sempre o inspirava a acreditar que a vida era uma eterna roda de vida e morte, começo, meio e fim, e que a esperança era alimentada pela crença de que os recomeços eram possíveis.

Seu recomeço era ali em Rixton, ao lado da mulher amada, a quem os deuses lhe prometeram e que os anjos abençoaram. Abraçou-a mais forte e rogou que a sorte continuasse a lhe sorrir para que pudesse ver os filhos crescerem naquele chão abençoado, assim como as colheitas fossem fartas e os rebanhos sadios para alimentar sua gente.

— Devoto a ti meu coração, bela princesa galesa! Prometo a ti meu amor eterno, porque amo como um Brienne e faço desse amor a razão da minha existência. — Beijou-a com devoção ao som do coro de palmas que se ergueu para homenagear os bardos.

Myrna se entregou ao beijo do marido como um elixir a curar as dores da sua alma, fortalecendo-a para o que precisava ser feito.

— Devoto a ti meu coração. Seja onde estiver, meu coração sempre será teu e jamais esqueça disso, mesmo quando as dúvidas nublarem teus pensamentos e a

raiva querer comandar tuas ações, acredite que eu sempre o amarei. – E deixou-se embalar pelas batidas do coração de Evan de Brienne como se nada mais lhe fosse importante no mundo.



Aproveitando-se da comoção de todos que brindavam e celebravam a chegada de um novo dia, renovando os ciclos da vida, Myrna deixou o grande salão e foi ao encontro de Siana, que a aguardava com uma pequena trouxa em mãos. Eram algumas das coisas que havia separado para levar consigo para a Irlanda junto a uma capa forrada com lã de carneiro para protegê-la do vento gelado que sopraria mais forte em alto mar.

Siana a acompanhou até os limites da floresta, onde um cavalo encilhado estava à sua espera e a levaria até à praia para encontrar o guerreiro de O’Conail, que a acompanharia até Wextford.

— Ainda pode desistir, criança! – Disse à enteada com os olhos marejados e a voz embargada. — Acabei de recuperá-la e tenho que perdê-la novamente?! Se ao menos me deixasse acompanhá-la.

— É melhor que fique aqui. Evan irá precisar de apoio quando descobrir que o deixei.

— Ele exigirá a verdade de minha parte, você sabe disso melhor do que ninguém.

— Dê a ele a verdade, Siana! É para isso que você ficará, para contar que eu precisei ir para que a guerra não retornasse a Rixton. Tem que mantê-lo aqui, confio em você.

Siana concordou com a cabeça sem mencionar o quanto Myrna estava sendo ingênua ao acreditar que alguém poderia deter o normando de buscá-la. Já havia feito isso uma vez e tinha certeza de que voltaria a fazê-lo.

— Ele irá ao seu encontro. – Disse pela última vez.

— Impeça-o dizendo que eu escolhi o rei irlandês. Que foi minha escolha e que ele terá que respeitá-la. – Abraçou-a novamente e subiu no lombo do cavalo, segurando o choro como uma forma de não tornar tudo ainda mais difícil.

— Que a Grande Deusa lhe proteja na travessia. — Disse a senhora mais velha.

Myrna esporeou o cavalo e saiu em galope, evitando olhar para trás, deixando a agitação de Yule para trás como uma recordação feliz. Ali deixava seu coração e acreditava que jamais seria capaz de amar outro homem como amava Evan de Brienne.

A Deusa estava lhe castigando, dando-lhe a chance de viver um grande amor para depois tomá-lo como uma exigência amarga demais para ser suportada. Mas Evan merecia uma mulher melhor, mais íntegra e sem uma alma quebrada como a dela. Alguém que lhe desse filhos e lhe esperasse sempre com um sorriso afetuoso no final de um dia de trabalho. Imaginou essa mulher de cabelos escuros e olhos amendoados que lhe sorriria ao despertar de um novo dia, provendo sua casa com dedicação. Então, Evan a amaria todas as noites, lhe faria filhos e lhe devotaria o amor que havia sido prometido à Myrna. Aquela imagem perfeita lhe atingiu o peito como uma flecha, fazendo-a gritar ao vento como um pedido de socorro.

Ele poderia ser capaz de esquecê-la, até odiá-la por tê-lo traído, mas Myrna jamais seria capaz de abrandar o amor que sentia por ele. Esse seria o castigo que os espíritos da floresta lhe reservaram, a penitência que os cristãos costumavam mencionar: viver sem Evan e imaginar sua vida ao lado de outra.

Ao chegar à praia deixou o cavalo solto para que pudesse voltar para casa e avistou o barco dos irlandeses que a levaria até a outra margem. Enrolou-se na manta como uma forma de se proteger da aflição que a consumia à medida que se distanciava de sua vida ao lado de Evan. Myrna foi recebida por dois homens com respeito, que a ajudaram a subir ao barco.

Dentro do barco, acomodou-se em um canto e ficou ali olhando sua terra se afastar aos poucos. As fogueiras que foram erguidas em comemoração ao solstício de inverno ardiam em chamas, homenageando a chegada da época mais clara do ano. O frio cederia lugar aos poucos para o calor, os dias ficariam mais longos, assim como a escuridão das noites daria passagem para a luz do sol. Um ciclo se despidia para dar início a outro; e assim a vida se renovava, Rixton prosperaria e Evan seria um grande líder para sua gente.

Essa era a única certeza de tudo e que a movia rumo ao desconhecido, a uma vida sem amor, sem calor e esperança de felicidade. O rei irlandês era

exatamente o oposto de Evan. Já no fim da vida, duvidava que poderia lhe fazer um filho e seria enviada à clausura da solidão assim que ele morresse, ou talvez considerassem casá-la com outro como parte de uma promissora aliança.

O futuro se revelava como uma amarga promessa de dias solitários, longe do homem que havia lhe feito compreender o significado do amor e do companheirismo.

— Um dia terá sua terra de volta. — O irlandês lhe disse com olhos especulativos.

— Não a quero de volta, já não é mais minha. — Respondeu a princesa com os olhos repletos de lágrimas.

Rixton não lhe pertencia mais porque ela a havia dado de presente a Evan, um senhor bom e justo que a faria prosperar. Mas os irlandeses não precisavam saber disso quando eram incapazes de compreender seus sentimentos para com um normando. Para eles, os normandos sempre seriam o inimigo.



Capítulo 18

Evan havia se ocupado dos convidados em certa altura dos festejos e uma vez arrastado pelos homens até uma roda, não conseguiu mais retornar até a esposa e a perdeu de vista pelo resto da noite. De início a tinha visto entre as mulheres, sorrindo e bebendo, mas havia algo nela que o incomodava e que não conseguia traduzir em palavras.

Faltando pouco para o amanhecer, os convidados se dispersaram e ele ainda não a havia encontrado. Correu os olhos pelo salão e considerou que ela pudesse ter se recolhido aos aposentos, mas lá também não a encontrou. Já desesperado, correu os arredores da fortaleza e nenhum sinal da esposa foi percebido.

Ao retornar para o grande salão com o dia já claro, tentou se convencer de que ela havia seguido um grupo de homens e mulheres para colher o visco sagrado, utilizado em rituais de cura e fertilidade durante o ano. Agarrou-se a tal possibilidade para não sucumbir ao medo que sentia ao imaginá-la em perigo.

Sentado perto da lareira, aguardou até o pequeno grupo invadir o salão e junto deles não encontrar a figura altiva e delicada da esposa. Seu receio, então, tornou-se real e o desespero lhe tomou a alma como uma navalha afiada que cortava a carne.

Myrna estava desaparecida.

Ordenou que homens vasculhassem todos os cantos de Rixton à sua procura, que ouvissem todos os aldeões e camponeses, que fizessem tudo o que fosse preciso para encontrá-la o mais rápido possível.

— A viram cavalgando próximo à praia perto do amanhecer. — John

adentrava ao grande salão ofegante, fazendo com que Evan saltasse da cadeira.

— O que Myrna pretendia cavalcando perto da praia? – Soltou cansado.

— Fugir! – O saxão respondeu. — Lady Myrna já tentou nos ludibriar outra vez.

Evan não podia acreditar que sua mulher, depois de todas as juras de amor trocadas, teria coragem de traí-lo de forma tão vil e deixou-se cair sobre a cadeira, cansado de pensar em teorias que acabavam por deixá-lo desapontado.

— Chame Siana. – Ordenou com o semblante taciturno.

E assim a antiga amante de Seamus Gallarach foi chamada para junto de seu senhor a fim de esclarecer os fatos. Evan exigiu a verdade e deixou claro que a puniria se tentasse ludibriá-lo.

— Myrna foi obrigada a deixá-lo, milorde. – Disse com os olhos tomados de lágrimas depois de contar um resumo dos fatos. — Foi ameaçada e partiu para salvar Rixton de uma nova guerra.

— Maldição! – Evan girou o corpo e socou a parede mais próxima que encontrou de modo a abrandar a fúria que havia lhe tomado. — Como ela pôde tomar uma decisão sem me ser honesta, sem me consultar?! Somos um casal ou não somos? – Voltou a socar a parede e a socaria até sentir o sangue escorrer pelas mãos se não fosse John a trazê-lo de volta à razão.

— Ela assim agiu por amor. – Siana bradou.

— Amor? Quem ama não trai de forma tão vil.

— Myrna só quis poupá-lo... Temia perdê-lo pela morte, assim como aconteceu com seu pai. Minha criança não suportaria perdê-lo também. Precisa compreender que a decisão de deixá-lo foi porque ela o ama muito para suportar uma vida sem o senhor. – A mulher tentava convencê-lo, mas Evan parecia entorpecido pela miséria que sentia e ordenou que ela se retirasse, que todos o deixassem sozinho.

Precisava colocar as ideias no lugar, tentar entender o que a havia feito deixá-lo como uma fugitiva apesar de ter lhe dito que o amava e que continuaria o amando para sempre. Ela lhe devia explicações e ele as teria nem que fosse a última coisa que viesse a fazer na vida.

Decidido, foi em busca de John para repassar quais eram suas ordens e seu

desejo de resgatar a esposa dos irlandeses.

— É uma missão muito arriscada, Evan! – John tentou trazer o amigo à razão, considerando todas as vulnerabilidades daquela difícil empreitada. — É inverno e o tempo é traiçoeiro para uma travessia em mar aberto. Também não dispomos mais do elemento surpresa como da primeira vez e poderemos ser massacrados. – Disse ao considerar que os irlandeses poderiam estar os esperando.

— Irei sozinho então! Mas jamais deixarei minha esposa com os irlandeses. – Respondeu o Brienne, sentindo-se ferido em seu orgulho.

— Ela fez sua escolha como bem afirmou sua madrastra. Deixe ao menos os dias se tornarem mais longos e mais quentes.

— Partirei amanhã mesmo e não tente me fazer mudar de ideia. É uma ordem de seu senhor, John! – Deu o assunto por encerrado. — Não pretendo arriscar a vida dos meus homens em missão tão arriscada, mas também não poderei viver sem saber o que a fez me deixar.

— Não questionarei mais sua decisão. – John levou a mão ao coração do amigo, reconhecendo sua derrota em tentar demovê-lo da ideia de partir para resgatar a princesa. — Jurei fidelidade a ti quando aceite segui-lo até Rixton como meu senhor e irei acompanhá-lo até a Irlanda.

— Será muito bem-vindo, meu caro amigo. Embora me é preferido que fique em Rixton para garantir a paz caso algo aconteça comigo.

— Meu dever é estar ao seu lado. – Reforçou sua decisão de segui-lo e assim trataram de se dedicar aos preparativos da viagem.

Havia muito a ser feito, como deixar ordens a um dos seus homens para que protegesse a fortaleza e fosse ao encontro do Duque de Lyndford caso Evan não retornasse da Irlanda, assim como reunir mantimentos e arranjar um barqueiro que se arriscasse a colocar sua embarcação em alto-mar.

Com certeza era uma missão de grande risco e talvez de nada valesse a pena, pois Myrna poderia se recusar a voltar com ele por não o amar o suficiente. Aquilo o deixava louco de raiva e o fazia se sentir impotente, pois não poderia obrigá-la a amá-lo.

As dúvidas lhe nublavam a mente, o faziam desesperado por encontrá-la logo, ansioso para confrontá-la e assim poder dissipar a angústia que lhe tomava

a alma. Myrna teria que ser verdadeira, disso ele não abriria mão, e teria que fazer uma escolha definitiva sobre qual lado juraria lealdade.

Havia coisas a serem esclarecidas e Evan iria ao encontro da verdade e lutaria pelo seu amor como um Brienne. Havia aprendido a não se dobrar facilmente aos caprichos do destino, não ao menos sem brigar pelo que considerava certo. E até que Myrna não lhe provasse o contrário, ela era o seu futuro, a razão para estar ali lutando por um povo que nem era seu, mas que havia se tornado seu no momento em que a princesa deles exigiu seu coração para si, fazendo-o amá-la mais do que tudo, tornando-se parte de sua própria existência.



Myrna havia chegado a Wextford depois de uma cansativa viagem dentro de um barco com pouco conforto térmico. Havia enjoado em razão das ondas agitadas que sacudiam o barco sem clemência. Acomodada nos aposentos que havia ocupado da outra vez que estivera ali, caiu em sono profundo, vindo a acordar apenas no dia seguinte. Foi quando se entregou à amargura de sua decisão e à saudade que sentia do marido.

Tyrone O'Conail não havia requisitado sua presença para uma audiência apesar de ter exigido por uma assim que pisou na fortaleza. Myrna precisava deixar claro quais eram seus termos para que se tornasse rainha de Wextford e que não aceitaria que os irlandeses atacassem Rixton.

Para seu espanto, um dos seus conselheiros foi enviado para tratar do casamento e espantou à Myrna o fato de que o rei não desistiria de tomar Rixton para si. Exigiu, inutilmente, seu retorno e foi feita prisioneira.

De nada havia adiantado se juntar aos irlandeses na tentativa de poupar sua terra da guerra quando o rei já estava determinado a batalhar contra Evan como parte da vingança que havia planejado por ele ter surpreendido seu povo e raptado a noiva meses antes.

Myrna praguejava por ter sido tão ingênua em não prever algo do tipo. Ficou tão desesperada em salvar o marido, que não havia considerado a possibilidade de ser traída por O'Conail. Mas uma coisa lhe era certa: jamais se casaria com o rei irlandês. Preferia a morte a se entregar a um homem que a havia feito de tola,

a julgado uma fraca.

— Não tocou na comida. — Falou a criada que havia sido designada para lhe servir. — Precisa se alimentar para poder gerar o herdeiro. — Aquele assunto sobre o herdeiro de Wextford a enojava.

Havia uma profecia, feita anos antes por um oráculo, de que o herdeiro daquele povo seria gerado por uma donzela de cabelos claros como o brilho da lua cheia. Myrna riu ao se recordar do fato e de que não era mais uma donzela, contrariando a vontade do pai quando a usou como isca para conseguir o apoio dos irlandeses na guerra contra os normandos.

— Estou enjoada e não suporto o cheiro do ensopado. — Disse a princesa, deixando a criada exaltada com a confissão.

— A senhora se deitou com o normando que a raptou no dia do casamento! — Exclamou abalada. — E não poderá mais gerar o herdeiro.

— Claro que me deitei com o normando. Casei-me com ele. — Myrna revirou os olhos cansada com o diálogo que estava tendo quando sua preocupação era sair dali. — Nunca fui a donzela da profecia. Mas o que a fez acreditar que não sou mais virgem? — Perguntou intrigada com a conclusão a que chegara sem nem ao menos ter lhe dado pistas sobre isso.

— Está enjoada e isso pode significar que está grávida. — A irlandesa levou a mão à boca em clara manifestação de repugnância. — E não do herdeiro de nosso povo.

Myrna levou a mão até sua barriga, forçando a mente para lembrar quando havia sangrado a última vez e foi tomada de profunda emoção quando concluiu que estava grávida.

E de um filho de Evan.

— Precisa manter segredo. — Implorou para a serviçal apavorada. — Se contar sobre a gravidez, minha vida e a do meu filho estarão em perigo.

— Mas e a profecia? — Insistiu a irlandesa.

— Continua a ser um presságio. Não sou a donzela da profecia, se eu fosse, a Deusa não teria colocado em meu caminho Evan de Brienne. Por essa razão, não posso ser punida, consegue me compreender? — Myrna queria sacudir a mulher a fim de que ela jurasse que não iria lhe entregar. — Eu clamo para que guarde

segredo ou será responsável pela morte de um inocente. Meu filho não tem culpa. Por favor! – Implorou.

— Não contarei em respeito à alma inocente que carrega no ventre. Mas deve contar ao nosso senhor.

— Contarei assim que tiver oportunidade. Muito obrigada! – Agradeceu e a criada se retirou levando consigo a bandeja.

Myrna acreditava que a irlandesa não iria entregá-la, mas duvidava de que O’Conail já não soubesse que ela havia se casado com Evan de Brienne e que não era mais a donzela da profecia. Mesmo assim ele insistia em desposá-la, enganando seu povo de maneira pouco honrosa para um líder. Não duvidava de que assumisse um filho que não era dele tão-somente para perpetuar seu nome como chefe do clã, evitando que alguém mais jovem e forte reivindicasse o posto.

E tudo fez sentido na cabeça confusa da jovem princesa. Havia sido enganada e trazida até Wextford para ser a mãe do próximo rei, pouco importando o pai da criança. O maldito O’Conail havia contado com a sorte em trazê-la de volta grávida e isso a enfurecia muito.

Atordoada, foi até a porta e começou a bater até que um guarda a ouviu. Exigiu uma audiência com o rei e foi atendida depois de prometer que se jogaria pela janela. Não demorou muito para que o velho e enrugado rei adentrasse em seus aposentos com um sorriso grudado no rosto, lembrando-a de que havia sido mais esperto do que ela.

— O que deseja, minha princesa? – Perguntou faceiro.

— Para que me quer por sua esposa se não sou a donzela da profecia quando o senhor sabe que me casei com Evan de Brienne? – Confrontou-o com coragem.

— Tem os cabelos claros como a lua cheia, assim como a donzela descrita pelo oráculo.

— Mas o senhor é muito velho para ser capaz de me engravidar. – Retrucou com audácia. — Dizem que o senhor nunca pôde ter filhos porque foi amaldiçoado pela própria Deusa.

— A profecia não faz menção ao pai da criança, o que significa que já pode estar carregando meu herdeiro. – Myrna o fitou com nojo.

— E se eu não estiver grávida? – Decidiu esconder a gravidez recém-descoberta.

— Um homem escolhido por mim tratará de engravidá-la, Lady Myrna, se já não estiver à espera do meu herdeiro, o que não duvido, já que a fama viril dos Brienne chegou à Irlanda. – Myrna cuspiu na sua cara e recebeu uma bofetada no rosto como resposta pelo atrevimento. — O filho que nascer de ti será meu herdeiro independente de quem for o pai. – Deu por encerrada a audiência, deixando ordens para que a mantivessem trancafiada até o casamento, que aconteceria na lua cheia como parte dos ritos da profecia.

Myrna ouviu o clique das trancas e entregou-se ao pranto como uma criança indefesa, pois era assim que se sentia. Deixou-se cair sobre os joelhos, vencida pela raiva que sentia do velho rei que a havia usado como parte de um plano maior, envergonhada por ter sido enganada.

Evan não a perdoaria por ter agido pelas suas costas. Estava sozinha, com um filho na barriga, sem saber o que fazer e para onde ir.

Perdida para sempre.



Capítulo 19

Alguns dias haviam se passado desde que o rei esteve em sua presença e Myrna considerou a possibilidade de se jogar da janela e dar um fim no suplício que estava enfrentando por ter sido precipitada e assim avaliar erroneamente a situação.

Mas havia uma criança, um filho de Evan, crescendo dentro de seu ventre e precisava lutar por ele com unhas e dentes, com todas as forças que ainda lhe restavam. E assim tomou a decisão de convencer a criada que cuidava de suas necessidades para que a ajudasse.

— Se não me ajudar, Maire, será morta também. Confie em mim e acredite quando falo que Tyrone irá matá-la por saber que não carrego um filho dele. O seu senhor está louco e pretende fazer do meu filho o próximo rei de Wextford, enganando o povo e eliminando quem souber demais. — Havia dado o seu melhor para persuadi-la a ajudá-la fazendo com que uma mensagem chegasse até Evan.

— Morrerei de qualquer modo se os guerreiros do rei me pegarem. — A irlandesa fitou a princesa com olhos amedrontados, sabendo que havia se metido em uma grande confusão.

— Dou minha palavra de que terá a minha proteção. Por favor, faça com que a mensagem chegue a Evan de Brienne o quanto antes. — Pegou-a pelas mãos e as apertou.

— A ajudarei. E que a Deusa nos proteja! — Disse comovida. — Não é justo que nosso povo seja enganado e que a profecia seja usada para esconder uma mentira. Os deuses se enfurecerão e não nos pouparão. Pela guerra ou pela peste,

acabaremos dizimados.

— Terá minha gratidão. — Agradeceu mais uma vez e deixou-a partir como uma esperança de salvação.

Porém, nada ainda era garantido, pois Evan poderia decidir deixá-la à mercê da própria sorte ao considerar que Myrna o havia traído. Era um risco que ela teria que correr por mais difícil que lhe fosse saber que ele poderia não a querer mais como esposa. Talvez aceitasse o filho que ela daria a ele e, por essa razão, ele precisava saber que estava grávida.

Uma gravidez que teria sido anunciada com grande orgulho, celebrada pelo povo por dias se ela não tivesse deixado Rixton escondida como uma criminosa. Ah, como Myrna estava arrependida de assim ter agido! Como sentia falta dos braços protetores do marido! E quanto mais choraria pelo amor perdido?!

Myrna havia aprendido uma lição valorosa: que os deuses poderiam oferecer aos seus filhos mortais um destino pouco auspicioso, mas sempre lhes davam o livre arbítrio para fazer suas escolhas, uma brecha entre o caminho da salvação e o da perdição. Ao final, eram os humanos que decidiam qual caminho seguir em meio a sentimentos contraditórios que tentavam confundi-los e eram eles os responsáveis por seu destino, colhendo os louros ou os sofrimentos dependendo do que haviam escolhido.

Fora dada a Myrna a graça de viver um grande amor, de ser amada por um bom homem, justo e leal, mas o medo de perdê-lo a cegou, confundindo-a e fazendo-a escolher o caminho da perdição.

Não poderia estar mais arrependida.

Estava cansada da inatividade da clausura e queria sair dali o mais rápido possível. Sentia-se oprimida pelo que havia perdido, pela equivocada escolha que havia feito, e se penitenciaria para o resto da vida por ter se deixado levar pelo medo de não ser boa o suficiente para Evan e sua gente. Se o destino a havia feito nascer uma princesa, deveria honrar o título de cabeça erguida. E ali, olhando para o horizonte que despontava pela fresta entre as peles que cobriam a janela, prometeu que uma vez livre da ameaçadora situação na qual se colocara, faria por merecer a terra que havia lhe sido confiada como sua senhora e ao homem que era dono do seu coração.

— Trago um chá de ervas para o estômago da princesa. Tem se queixado de

indisposição. – Escutou a voz de Maire do outro lado falando com um dos soldados que a vigiavam.

A porta foi aberta e a criada entrou com uma bandeja em mãos e um sorriso cativante no rosto, um presságio de boas notícias. Maire era uma mulher solteira apesar dos anos já lhe pesarem nos ombros. Contou à Myrna que havia perdido o noivo poucos dias antes do casamento e por amá-lo muito preferiu não se casar com outro.

— Notícias para mim? – Perguntou impaciente.

— Tenho um primo que trabalha para um barqueiro e correm notícias de que dois estrangeiros desembarcaram três dias atrás. – Disse a mulher.

— Estrangeiros sempre estão chegando e indo da Irlanda. – Refletiu a galesa irritada.

— Há quem diga que eram normandos! – Completou entusiasmada Maire. — Pelas suas vestes não eram simples mercadores e pela sua aparência física lembravam os normandos de Rixton.

O coração de Myrna acelerou descompassado pela alegria da qual foi tomada. Evan poderia ter vindo ao seu encontro apesar de todos os esforços que havia feito para evitar e das ordens deixadas à Siana para que tentasse impedi-lo.

— Precisa encontrá-los... Chegar até eles para confirmar de que se trata de Evan de Brienne ou algum de seus homens. – Sim, o marido poderia ter enviado algum dos seus guerreiros para levá-la de volta a fim de castigá-la pela traição. A dor da lembrança das chibatadas que havia recebido por ter tentado traí-lo lhe ofuscaram os pensamentos por alguns instantes.

Mas era preferido enfrentar o chicote novamente do que ter que entregar o filho para ser criado por um homem ganancioso como Tyrone O'Conail.

— Não será fácil encontrá-los sem ser notada. – A criada tentava lhe dizer algo, notou a princesa.

— Seja mais clara, mulher! Do que precisa para que encontre os normandos e os avise que fui feita prisioneira carregando um filho do seu senhor?

— Preciso comprar informantes, milady! Eles são caros aqui na Irlanda e ninguém aceitará se arriscar pela senhora sem receber uma recompensa. – Disse olhando para os pés em sinal de vergonha.

— Assim como você, presumo! — Myrna havia compreendido muito bem a insinuação e foi até a cama, de onde puxou debaixo do colchão uma trouxa. Tirou dali um bracelete de ouro cravejado com pedras preciosas, uma das joias que usava na noite da fuga apressada. — Isso deve bastar para pagar pela ajuda, assim como para garantir seu futuro em alguma terra distante daqui. — Entregou o objeto valioso. — Se a mensagem chegar ao seu destino, receberá o outro bracelete como pagamento.

— Tudo sairá conforme seu agrado, milady! — Aceitou a joia e a guardou no bolso de seu avental.

— Lembre-se de que só terá o outro bracelete se cumprir com sua parte no acordo. — Disse Myrna determinada a se fazer entender e agradecendo por ter levado consigo as joias, caso contrário não teria como comprar sua salvação.

Doía-lhe desfazer-se das lembranças da mãe que mal chegou a conhecer. Mas a segurança de seu filho era mais importante do que as joias e carregaria para sempre consigo o carinho que um dia a mãe lhe dedicou.

Acompanhou a irlandesa com os olhos até a porta e deixou-a ir ao encontro daquele que significaria sua liberdade mesmo que ele jamais a perdoasse pela traição. Ficaria satisfeita se ao menos Evan aceitasse o filho como um presente e o amasse como um tesouro, assim como um dia ele prometeu amá-la.



Evan e John perambulavam entre os irlandeses de Wextford disfarçados de modo a não serem reconhecidos, sempre à procura de notícias da princesa galesa. Mas os aldeões pouco sabiam sobre seu paradeiro e chegaram à conclusão de que a presença de Myrna ali havia sido mantida em segredo.

Os dias corriam com a velocidade dos ventos e Evan se sentia cada vez mais frustrado por não conseguir pistas sobre o paradeiro da esposa. Desconfiava de que ela havia sido mandada para a casa senhorial e ali escondida dos olhares curiosos. O mais intrigante era que a tinham como a donzela da profecia, e quando John lhe contou sobre isso acabou irritado. Sua aparência física batia com as da donzela da maldita profecia e muita coisa lhe ficou clara. O velho irlandês a queria por esposa porque acreditava que ela lhe daria o tão desejado herdeiro.

— Nem bebendo do Santo Graal aquele velho conseguirá fazer sua semente vingar. — Evan soltou indignado numa sucessão de blasfêmias ao imaginar sua mulher deitada embaixo do corpo de um infame irlandês.

Ele não tinha certeza de sua lealdade, mesmo assim sentia ciúmes ao considerar a ideia de outro poder tocá-la intimamente.

John teria lhe feito um comentário se não tivesse sido impedido pela chegada de um casal de irlandeses. Ele e Evan bebiam em uma taverna local e acabaram sobressaltados quando o homem os reconheceu como sendo normandos de Rixton.

— Tenho notícias sobre a donzela da profecia. — Foi a vez da mulher mais alta do que a média falar. — De Lady Myrna Gallarach.

— O que sabem sobre ela? — Perguntou Evan, avaliando-os sorrateiramente e já segurando o cabo do punhal que trazia embaixo da capa.

— Antes terá que nos pagar. — Disse o homem. — Essa é Maire, minha prima. Ela trabalha como criada na fortaleza de Tyrone O'Conail, nosso rei, e foi designada para atender à donzela da profecia.

— Maldição! — Blasfemou Evan irritado. — Parem de se referir à Lady Myrna como a donzela da profecia.

— Deixe-os falar. — John disse, tentando manter a conversa em um tom amigável. — Continuem, por favor! — Exigiu olhando para o irlandês de corpo franzino, considerando a possibilidade de ameaçá-lo com uma faca na garganta.

— Como meu primo disse, servi Lady Myrna desde que foi trazida à Irlanda. Ela me enviou até vocês, pois eu já desconfiava que se tratavam dos normandos que a raptaram na cerimônia de seu casamento com nosso senhor. Lady Myrna tem uma mensagem aos senhores.

— E pretendem receber ouro em troca da mensagem! — Evan bufou indignado.

— Sim! Nada mais justo sermos recompensados depois de ariscarmos nossas vidas para uma mensagem da donzela chegar até os senhores. — O homem disse de forma presunçosa.

— Entregarei o que pedem, mas antes terão que me falar a mensagem de Lady Myrna. — Evan ordenou a John sem tirar os olhos do casal, que estava

disposto a lucrar com aquela situação incomum.

John tirou um saco de moedas de ouro de dentro da capa e mostrou ao casal, cuidando para não chamar a atenção dos aldeões que ali bebiam e comiam numa algazarra interminável de risos e conversas altas.

— A donzela... Quer dizer, Lady Myrna, foi feita prisioneira na fortaleza. Ela carrega o filho de Evan de Brienne. Mesmo sabendo disso, o rei o quer para ser criado como o herdeiro do trono de Wextford. — Evan bateu os punhos na mesa num rompante de fúria que fez Maire se encolher contra o primo.

— Continue, mulher! — O Brienne exigiu sem paciência.

— Também disse que se Evan de Brienne não a quiser mais como esposa, que tenha misericórdia do seu filho e que a salve das mãos de Tyrone. — Completou a irlandesa, tremendo pelo medo de ser morta pelos normandos.

Evan queria invadir imediatamente a fortaleza para pegar sua mulher e filho de volta, mas sabia estar em desvantagem e não poderia correr o risco de ser morto antes de tirá-los de lá.

— Se quiserem o saco de moedas de ouro terão que nos ajudar a entrar na fortaleza. — Falou como uma ordem da qual não caberia discussão, como um Brienne faria em tal situação.

— Não foi o acordado. — O homem retrucou e Evan o pegou pelo pescoço, fazendo-o trocar de cor.

— Não se desafia um Brienne assim, meu rapaz! Vocês dois acabaram de chantagear Evan de Brienne, filho de Aaron de Brienne, o mais temível guerreiro do Conquistador. — Fez questão de frisar o apelido como conheciam o pai naquele pedaço de chão. — O rei de vocês fez da minha esposa uma refém e eu a quero de volta. — Apertou mais os dedos contra os ossos do pescoço do irlandês, fazendo-o quase sufocar, enquanto John se colocava ao lado de Maire como uma ameaça velada. — Escolham o meu lado e os pouparei, recompensando-os com riquezas. Escolham me trair e morrerão sem piedade.

Sem alternativa, a dupla de irlandeses jurou fidelidade a Evan e cumpririam com a palavra empenhada, acreditando que não seriam poupados nem por um lado nem pelo outro. Haviam arriscado muito e não tinham mais como voltar atrás sem serem considerados traidores por O'Conail ou massacrados pelo normando.

— Acalme-se! — John lhe ofereceu uma caneca de cerveja. — Eles não arriscarão os pescoços ao nos trair.

— Não temo ser traído pela dupla de tolos que Myrna nos enviou. — Respondeu com semblante cansado. — Temo perdê-la para sempre. — Confessou seu pior medo ao seu melhor amigo como se pudesse se livrar daquela dúvida que lhe corroía a alma desde que ela o havia deixado. — Gostaria de compreendê-la. O que a fez fugir de mim se havia lhe jurado amor e proteção?

— Jamais conseguiremos compreendê-las! — John ergueu sua caneca em brinde, dando voz às suas próprias agonias. — Mulheres estão mais próximas da Deusa, como bem nos ensinou Lady Eileen, o que as fazem um mistério para nossas mentes práticas.



Capítulo 20

O plano era simples e Evan já se encontrava dentro da fortaleza de Tyrone O'Conail disfarçado como um dos seus guerreiros e seguia Maire até os aposentos onde Myrna era mantida prisioneira.

O guerreiro que ali fazia a vigília, por aparentar cansaço e fome, não se importou em conversar com Evan e foi embora depois de um aceno rápido de cabeça. Maire, então, entrou nos aposentos e o chamou para segui-la.

— Vigiarei a porta para que o senhor possa conversar rapidamente com a princesa. — A criada o empurrou para dentro do quarto, fechando a porta em seguida.

Evan correu rapidamente os olhos pelo recinto e seu coração disparou quando a viu sentada na cama, olhando para os pés, tão angelical e delicada como se lembrava.

— Myrna. — Ele a chamou com a voz embargada, talvez pela emoção que o tomou quando a viu sã e salva.

— Oh... — Ela ergueu a cabeça e os seus olhos encontraram os dele. — Evan, você veio. — Ele se aproximou dela de forma tímida, não sabendo ao certo como deveria agir com ela, se o brilho que via nos olhos dela significava felicidade. — Tive tanto medo de que não viesse. — Myrna se levantou da cama e foi ao encontro do marido, jogando-se em seus braços em busca de conforto.

— Jamais a abandonaria. — Respondeu, acolhendo-a num abraço que dizia muito do que estava sentindo, como se a vida lhe houvesse sido devolvida. — Tem muito o que me explicar. — Ele a encarou e viu as lágrimas nos olhos dela.

— Mas não agora, porque precisamos sair daqui antes que me descubram. John está lá fora, perto daqui, para nos dar cobertura na fuga.

— Eu apenas queria proteger a ti e ao nosso povo, mas fui engada por O’Conail. — Myrna precisava confessar o que havia feito.

— Terá tempo para me contar tudo. — Secou as lágrimas que lhe escorriam pelo rosto, beijando-lhe nos lábios como uma carícia suave. — Precisa trocar de roupas com a criada para se disfarçar.

Evan, então, se afastou de Myrna e foi em direção à porta para chamar Maire, que entrou imediatamente. Ele as deixou sozinhas enquanto vigiava a porta. Não tardou muito para que a esposa saísse do quarto e se juntasse a ele. As roupas da criada ficavam folgadas demais, mas enganariam os guardas. Havia recolhido os cabelos em uma touca de modo que não pudessem reconhecê-la como a donzela da profecia.

— Evan! — Ela agarrou seu braço, detendo-o por alguns segundos. — Obrigada por ter vindo! — Agradeceu e ele concordou com a cabeça.

— Estou certo de que tem muito o que me explicar e eu prometo ouvi-la, mas depois, quando estivermos seguros. Precisa ser forte, minha princesa, porque temos que atravessar a fortaleza inimiga. Fique sempre junto de mim, jamais se afaste. Carrega meu filho e a protegerei com minha vida. — Falou em tom firme, um tanto ríspido para os ouvidos de Myrna que apenas precisava ouvir que ele continuava a amá-la.

Mas não era o momento para sentimentalismos ou trocas de juras de amor, por mais que seu coração pedisse por isso. Corriam riscos em Wextford e quanto antes conseguissem deixar as terras irlandesas melhor.

A casa senhorial de Tyrone O’Conail não era muito diferente daquela de Rixton. Construída em madeira e com poucos cômodos, não foi difícil chegar até a porta dos fundos, onde uma algazarra de mulheres impediu que os dois fossem notados. Porém, a fortaleza era maior e alcançar o portão principal era uma tarefa mais difícil.

John se juntou aos dois perto das estrabarias, disfarçado e vestido como um camponês. Evan rapidamente trocou suas vestes por outras para também se parecer com um aldeão local, entregando uma capa à Myrna para reforçar seu disfarce, ajudando-a a se esconder na parte de trás da carroça, embaixo de uma

pilha de lã de carneiro.

— Haja o que houver, não saia daqui! – Advertiu a esposa com semblante carregado de tensão.

— Para onde você irá? – Ela perguntou preocupada, pois não queria mais se separar dele.

— Logo me juntarei a ti. Preciso apenas de um tempo para acertar com o primo de Maire nossa fuga. Será ele que conduzirá a carroça para fora da fortaleza.

E assim Myrna aguardou, sentindo-se aliviada quando Evan e John se juntaram a ela dentro da carroça. O silêncio pairava sobre os três, apenas sendo quebrado pelo barulho das rodas contra o cascalho batido. Era um plano arriscado, constatou Myrna, mas a única chance que tinham de sair dali vivos. E tudo estava nas mãos de um irlandês que não lhes passava confiança.

Mas tinham que confiar; afinal, não havia outra possibilidade.

A carroça parou de se movimentar e vozes foram ouvidas anunciando uma discussão. Evan agarrou o cabo da espada e puxou Myrna para perto do seu corpo para protegê-la de um possível ataque.

— Se o plano falhar e nos atacarem, fuja com Lady Myrna! – John disse e os pelos do corpo da galesa se arrepiaram. — Salvem-se e não se preocupem comigo.

Mas Evan pareceu não dar ouvidos ao amigo, já que estava determinado a protegê-la com a vida se fosse preciso.

A tensão foi amenizada quando a carroça começou a se movimentar novamente. Evan acreditava que o pior havia passado e beijou Myrna na testa, que se deixou amparar por aqueles braços fortes que tanto havia sentido falta. Evan era seu porto seguro, a calma em meio à tempestade, jamais voltaria a fugir dele.

— Eu amo você, Evan! – Soltou com os olhos repletos de lágrimas. — Perdoe-me pela insensatez de acreditar que estaria protegendo você ao aceitar um acordo com Tyrone O’Conail. – Um sacolejo mais violento atirou Myrna para o outro lado da carroça, deixando-a confusa. — O que aconteceu? – Perguntou preocupada.

— A carroça parou bruscamente. — John respondeu, colocando-se em posição de ataque com a espada já em mãos.

Quando Evan pensou em espiar, foram surpreendidos por vários pares de olhos que os fitavam com raiva. Rapidamente saltou, levando consigo Myrna, enquanto John lhe dava cobertura pela retaguarda. Precisava tirar a esposa dali para o bem dela e do bebê que carregava no ventre.

John facilmente derrubou dois guerreiros contando com a habilidade que detinha com a espada. O irlandês que os havia ajudado estava morto e Evan não sabia o que fazer para tirar Myrna dali, pois eles estavam em clara desvantagem. Precisava soltar os cavalos da carroça e colocá-la em cima de um para que pudesse fugir o mais rápido possível.

E assim o fez com a destreza de um cavaleiro treinado no clamor das batalhas.

— Cavalgue sem olhar para trás até a praia, ao leste do porto dos irlandeses. Lá encontrará o barqueiro que nos trouxe. Foi muito bem pago para nos servir. — Beijou-lhe a boca.

— Venha comigo! — Ela implorou temerosa de perdê-lo para sempre, incapaz de lhe soltar a mão.

— Logo me juntarei a ti, meu amor. Não posso abandonar John. — Entregou-lhe os arreios. — Vá e proteja nosso filho.

Myrna não conseguia se mover e ficou ali presa olhando para Evan lutando bravamente por ela. Ergueu o olhar e viu um arqueiro estrategicamente colocado no alto de uma das torres da fortaleza, mirando para o marido. Gritou a fim de alertá-lo tardiamente, pois uma flecha já o havia atingido no ombro esquerdo, muito próximo do coração, constatou alarmada.

— Evan! — Gritou, vendo-o quebrar a ponta da flecha com coragem, lutando bravamente, mesmo com o sangue a lhe tingir as vestes de vermelho vivo. Mesmo com suas forças se esvaindo, ele havia matado três homens.

— Suba no cavalo com a princesa! — John gritou. — Fugam para a praia que logo me juntarei a vocês. Vamos, Evan! Myrna não conseguirá sair daqui sem você. Olhe para ela! — Apelou para o que sabia que iria fazê-lo sair dali para salvar a própria vida.

E assim o Brienne subiu no lombo do cavalo e troteou com a esposa até o

barco que os levaria de volta a Rixton, sentindo os olhos pesados e uma agitação incomum que o deixava fraco.

Myrna percebeu o mal-estar do marido e tentou mantê-lo acordado, conversando com ele palavras de amor, confessando que precisava dele para viver, que o filho que ela carregava consigo merecia ter um pai para amá-lo.

— Não feche os olhos, meu amor! – Exigiu quando o aperto das mãos de Evan em sua cintura afrouxou.

A princesa assumiu as rédeas da montaria e imprimiu ritmo veloz à cavalgada. Conhecía aqueles prados melhor do que Evan e tomou a direção de um atalho, contando com a sorte para que John percebesse seus planos e pudesse se juntar a eles o mais breve possível, caso contrário, teria que deixá-lo para trás, cometendo mais um pecado em nome do amor.

Felizmente os irlandeses menosprezaram a força dos normandos e cometeram um erro ao não destacar mais homens para tentar impedi-los, e assim John havia conseguido matá-los e despistá-los, juntando-se à Myrna e John na embarcação já preparada para fazer a travessia até o outro lado do mar.

— Como ele está? – John perguntou, ajoelhando-se diante do amigo de modo a averiguar o ombro ferido.

— Beira à inconsciência. – Respondeu a galesa. — Temos que retirar a flecha e estancar o sangramento. E os homens do O’Conail?

— Ficaram para trás! Fiz com que perdessem nosso rastro ao enviar os cavalos para outra direção e devem estar nos procurando junto ao porto. Não terão tempo para nos alcançar. – Apaziguou o coração da princesa, que não arredava do lado do marido. Seu semblante preocupado e as rugas que lhe trincavam os rosto eram o indicativo de que Evan lhe importava. John reconheceu que ela o amava e não havia os traído de propósito.

— Segure-o, milady! – Entregou um pedaço de couro para que Evan mordessee. — Irei puxar a flecha e Evan poderá não suportar a dor.

— Faça o que tem que ser feito. – O Brienne resmungou, aceitando o pedaço de couro.

Evan não contava com a dor lancinante que o tomou quando a flecha foi puxada para fora de seu corpo e se dobrou a fim de conter um grito. Myrna rasgou um pedaço de sua túnica e cobriu o ferimento depois de ter tentado

limpar a ferida com água do mar. Evan precisava ter a ferida cauterizada, mas não tinham como esquentar um ferro em brasa para tanto.

— Ele irá sobreviver. — John tentou confortar sua senhora. — É um homem forte e não será uma flecha que o derrubará.

Myrna tentou se agarrar na fé do guerreiro, mas temia perder o marido pela febre que ela sabia que viria mesmo que o sangramento fosse contido. Já havia visto homens sucumbir às alucinações da febre e morrerem consumidos em dor depois de terem sido feridos com apenas um corte de espada. O ferimento de Evan era pior, a flecha havia atravessado seu ombro, abrindo dois buracos em sua pele, o que aumentava o risco de não cicatrizar.

— Não me deixe! — Implorou junto ao ouvido do marido. — Imploro que não me deixe, Evan de Brienne! — Puxou sua cabeça para cima de seu colo e ficou ali rezando baixinho para que as forças divinas o poupassem de um fim tão trágico, prometendo-lhe amor eterno, sem se cansar de pedir perdão pela insensatez que havia cometido ao acreditar que poderia manter a guerra distante de Rixton e assim protegê-lo da morte.



Capítulo 21

Durante a travessia em mar Myrna tentou manter Evan o mais confortável possível, embora os enjoos que sabia sentir por estar grávida insistiam em separá-la dele. O vento forte e gelado castigava a embarcação e a falta de cobertores tornava a viagem penosa para todos.

Evan não se queixava; e nos raros momentos de lucidez buscava por notícias da esposa, segurando-a pelas mãos como se ela pudesse lhe salvar da morte. A febre o deixava ofegante e os calafrios o faziam tremer por inteiro. Myrna sabia que Evan travava uma batalha contra a morte.

Quando atracaram na enseada segura de Rixton, John foi o primeiro a desembarcar, correndo em busca de auxílio para carregar o amigo até o interior da fortaleza, onde receberia os cuidados de uma curandeira e poderia se recuperar do ferimento no conforto de uma cama aquecida.

Evan foi levado desfalecido para a casa senhorial, deixando os aldeões e camponeses consternados com a descoberta de que seu novo senhor poderia morrer. Myrna seguiu ao lado do marido e esmorecida pelas longas horas de viagem e toda a comoção da fuga, deixou-se amparar pelos braços de John.

Já dentro da fortaleza recuperou-se após um banho quente e voltou a ficar ao lado do marido para vigiar seu sono como uma guardiã zelosa. E ali permaneceu até o quarto dia, quando o deixou para atender a um chamado de John somente porque a febre de Evan havia cedido. O cansaço de dias sem dormir direito dava mostras de querer dominá-la. Porém, ela sabia que precisava sair da letargia que se encontrava e ir para junto do seu povo, para garantir-lhes que nada havia mudado e assim evitar possíveis rebeliões internas que apenas complicariam

tudo àquela altura.

A galesa seguiu o conselho de John, além disso, o nomeou como administrador interino até Evan se recuperar. Esforçou-se para aparentar ânimo diante de sua gente, mesmo que sua alma estivesse quebrada e amedrontada. Já havia visto muitos se recuperarem para logo em seguida morrerem, e temia que o mesmo acontecesse com o marido.

O pronunciamento de Myrna manteve homens e mulheres unidos e evitou que se alardeasse a notícia de que Rixton estava novamente sem senhor. John havia destacado homens para vigiar as fronteiras, assim como as praias, pois temia um ataque surpresa dos irlandeses.

— A liderança de Evan é ainda recente, milady. — John disse quando a acompanhava de volta para a casa senhorial. — Todos sabem que nada mudou, que continua casada com Evan de Brienne e que regressou como Marquesa de Rixton para governar ao seu lado. No entanto, temo um ataque dos irlandeses.

— Não creio que irão se arriscar nessa altura do inverno. — Myrna respondeu. — O’Conail não deseja atrair a ira dos normandos para sua terra sabendo que poderá dar a desculpa perfeita para Guilherme II tomar para si Wextford.

— Deus a ouça! — John olhou para o céu em uma súplica velada.

— Preciso lhe agradecer pelo que tem feito por nós, John! — Myrna se aproximou do saxão e o abraçou com carinho de irmã, deixando-o sem saber o que fazer ou falar. — É um bom homem, de coração valente, e sem seu apoio jamais conseguiríamos ter regressado.

— Evan é como um irmão para mim. — Disse ele em resposta.

— Evan me contou que o acompanhou até aqui para esquecer um amor impossível. — A galesa arriscou saber mais sobre aquele homem alto e forte, de cabelos fartos e barba escura que contrastava ousadamente com um par de olhos azuis.

— Um amor perdido, na verdade. — Disse evitando encará-la nos olhos.

— Quem sabe alguma de nossas moças possa curar a ferida aberta em seu coração. — Sorriu em resposta, crente de que um verdadeiro amor jamais poderia ser substituído por outro. — Sempre será bem-vindo a Rixton, John, e ficaremos felizes se escolher nossa terra como lar. — Tocou-lhe no braço como despedida e partiu para junto do marido, pois havia passado tempo demais longe dele.

Myrna fazia questão de trocar as bandagens dos curativos e cuidar da higiene do marido com toda a dedicação de uma mulher apaixonada, muitas vezes esquecendo-se de atender suas próprias necessidades. Siana era quem costumava lhe lembrar que precisava se alimentar e dormir por estar grávida; e se não fosse a devotada mulher de olhar gentil já teria adoecido também. Era essa a sua vontade, pois julgava ser merecedora depois de todas as decisões tomadas erroneamente. Desejava se perder em um sono profundo e só acordar quando Evan a despertasse, belo e forte como sempre.

— Pode sair! — Ordenou à criada que fazia compressas com água fria na cabeça de Evan, assumindo seu lugar.

— Ele bebeu um pouco de caldo e pediu pela senhora. — Disse-lhe antes de se retirar.

— Estou aqui, meu amor. — Sentou-se ao lado do marido e o beijou com carinho no rosto. — Fique bom logo! Para ver nosso filho nascer e crescer forte como o pai. — Pegou-lhe pela mão e a conduziu até sua barriga plana. — Prometo ser uma boa esposa, se não me deixar. Faço tudo o que quiser, apenas volte para mim. — As lágrimas lhe inundaram os olhos e acabou desabando sobre o corpo imóvel e pálido do marido.

Temendo machucá-lo, encolheu-se ao seu lado e ali ficou deitada até o cansaço lhe vencer, fazendo-a cair em um sono profundo, permeado de pesadelos, nos quais um cavaleiro alto e forte vinha até ela para lhe anunciar sua sentença de morte. Havia falhado com Evan e os deuses exigiam sua vida em troca da dele.

Despertou sobressaltada com o suor escorrendo pela testa e as mãos tremendo. Olhou para o lado e enxergou Evan em um sono agitado, havia se virado enquanto ela dormia e a puxado para dentro do calor febril do seu corpo.

— Evan, meu amor! — Tentou acordá-lo, mas ele não afrouxou o aperto.

— Myrna, minha princesa da rosa, não me deixe. — Resmungou, um sinal que não sabia o que falava, de que ainda estava sob o efeito atordoante da febre.

— Estou aqui! — Respondeu, forçando os braços dele para que a libertasse e assim pudesse ir em busca do preparado de salgueiro que ajudaria a baixar a febre.

— Não me deixe! — Ele suplicou em meio a calafrios e delírios.

— Jamais o deixarei. — Respondeu de volta. — Tome um pouco de chá. — Ergueu sua cabeça e encostou a caneca em seus lábios. Levantou os olhos e percebeu entre as frestas das peles que serviam para isolar o frio que o dia amanhecia.

Após fazê-lo beber o preparado de ervas deixado pela curandeira, Myrna aguardou que fizesse efeito; e uma vez percebendo que a pele de Evan estava ardendo em chamas, alarmou-se. Precisava fazer algo, mas não sabia ao certo o que. A curandeira de Rixton já havia feito tudo o que estava ao seu alcance e tinha deixado claro que somente os deuses poderiam curá-lo quando tudo que ela conhecia havia sido tentado.

Sentindo-se vencida pelo cansaço e pela dor de vê-lo sendo consumido pela febre, Myrna ajoelhou-se diante da cama do marido e pediu à Grande Deusa que a amparasse naquele momento de profunda angústia, pedindo também por um milagre ao Deus dos normandos, do qual ela pouco sabia, mas que poderia muito bem salvá-lo.

— Pegue-a! — Ouviu uma voz suave e gentil e imaginou que a Deusa havia vindo encontrá-la apesar de não merecer. — Coloque-a ao lado de Evan, Aaron! — Insistia a voz melodiosa e fortes braços a acomodaram em cima da cama. Myrna não queria abrir os olhos para confrontar a realidade, mas mãos gentis envolveram seu rosto. — Estamos aqui, querida. — Disse-lhe a mulher que tinha cabelos ruivos e olhos que oscilavam entre o verde e o castanho. — Sou Eileen de Brienne e vou cuidar de vocês.

— A mãe de Evan? — Myrna então abriu os olhos e fitou a sogra com grande admiração. — A Grande Deusa a enviou até seu filho para que o salve e o leve para longe de mim. — Soltou um suspiro, aceitando separar-se de seu amor se esse era o preço a pagar para salvá-lo. — A senhora é tão linda, assim como Evan a descreveu.

— Aquiete-se, minha querida! Estamos aqui e tudo ficará bem. — Eileen beijou-lhe a testa e foi até o filho para examinar sua ferida. — Alis, minha filha, traga minha valise. — Ordenou a uma moça também de cabelos acobreados, mas num tom mais suave do que da sogra, e que Myrna reconheceu como sendo uma de suas cunhadas. — Aaron, preciso de brasa para aquecer o punhal, temos que cauterizar a ferida depois de limpá-la, está muito supurada. — Todos rapidamente se dispersaram para atender os pedidos da mulher de corpo frágil e mãos determinadas a curar.

Myrna sentia o corpo muito pesado para conseguir se mover e ajudar a sogra. Sentia-se esgotada e sem forças para mais nada a não ser ficar ali deitada ao lado do marido enquanto outros assumiam o seu lugar de cuidadora. As náuseas comumente a deixavam fraca e indisposta e não havia pior hora para se manifestarem, pensou aborrecida.

Com a ajuda do duque e da filha, Eileen limpou o ferimento da parte da frente do ombro de Evan que estava muito infeccionado e o cauterizou com a perícia de uma habilidosa curandeira, fazendo com que ele despertasse da inconsciência e reconhecesse os pais como o prenúncio da morte.

— Não está morto, Evan! — Aaron bradou alto, determinado a trazê-lo de volta custasse o que custasse, pegando-o pelos braços e exigindo que retornasse das profundezas da inconsciência. — É meu primogênito e sei que é forte para lutar pela vida e vencer a morte.

— Pai. — Evan soltou em resposta, procurando Myrna com o olhar. — Onde ela está? Onde está minha esposa? — Insistia impaciente e Myrna foi até ele. Naquela altura já havia se recuperado dos enjoos e estava encolhida em um dos cantos dos aposentos.

— Estou aqui, Evan! — Mostrou-se para ele.

— Tive medo de perdê-la. — Puxou-a pela mão, forçando-a para que se sentasse ao seu lado na cama.

— Perdoe-me, por favor, perdoe-me! — Suplicou pelo perdão do marido com pesar. — Nunca desejei seu mal, Evan. Fiz o que fiz porque temi perdê-lo para sempre. — Aaron tentou impedi-la, mas Eileen fez sinal para que a deixasse falar. — Eu o amo tanto que acreditei que uma guerra contra os irlandeses pudesse matá-lo e fui até o rei irlandês para negociar minha vida em troca de que Rixton fosse poupada e que você pudesse governar em paz. Meu povo merece um senhor justo como você e não a destruição de uma nova guerra.

— Por que não me contou sobre as ameaças? Por que não veio até mim? — Evan perguntou cansado. — Eu a teria protegido. Entreguei não só meu coração a ti, Myrna, mas minha lealdade como guerreiro.

— Foi por medo de sua reação. Temi que fosse ao encontro do rei e acabasse morto pelos irlandeses. — Disse. — Uma vez lá, fui feita prisioneira ao descobrir que Tyrone desejava o filho que carregou para que fosse criado por ele como seu

herdeiro, vingando-se por ter me raptado no dia em que me casaria com ele.

— Preciso saber uma coisa, Myrna! — Agarrou-a pela mão. — Se a febre não me vencer, preciso saber para quem você promete lealdade!

— Para ti! É o Senhor de Rixton e eu sou a sua senhora. — Ela apressou-se em jurar, levando a mão ao coração em sinal de respeito.

— Seremos um só a partir de então? — Evan insistiu mesmo se sentindo muito fraco para manter um diálogo. — Um só povo?

— Sim! — Beijou-lhe a mão. — Faço parte de você assim como você faz parte de mim, e juntos governaremos Rixton para que nossos filhos possam ter orgulho de sua terra.

— Eu a amo, Myrna! E aceito seu juramento como parte da devoção que sinto por você.

— Não me deixe! — Implorou Myrna chorando compulsivamente. — Não nos deixe! — Levou a mão dele até sua barriga.

— Eu sobreviverei para ver nosso filho nascer e se tornar o herdeiro de Rixton como foi planejado. — Olhou para a mãe e estendeu o outro braço para chamá-la. — Estou em boas mãos, princesa! Minha mãe está aqui para me curar e você para me amar. Myrna de Brienne, apresento a ti Aaron e Eileen de Brienne, os Senhores de Lyndford. — Uniu as mãos das duas mulheres que representavam para si a concretização do amor. A mãe o havia ensinado a amar sem receios e a esposa havia lhe dado a chance de exercitar esse ensinamento de uma maneira tão sublime e perfeita que nada poderia separá-los quando haviam se reconhecido como almas gêmeas.

— E eu? — Alis reclamou, colocando-se entre a mãe e a cunhada. — Sempre sou esquecida por ser mais nova.

— Você não conta. — Evan riu. — Por ser pequena como uma ratinha, sempre passa despercebida. — Alis bufou por não apreciar seu apelido.

— Pois continua um abusado mesmo estando à beira da morte. — A garota soltou, dando-lhes as costas. — Poderia muito bem desafiá-lo para uma luta de espadas se não estivesse morrendo pela febre.

— Não dê importância às implicâncias destes dois, Myrna! — Eileen disse à nora. — Sempre foram muito próximos apesar das rugas constantes.

— Não sei por quem essa menina puxou! — Aaron soltou entre risos, sentindo-se aliviado pelo filho ter reagido.

— Oh querido, sinto avisá-lo, mas sua filha herdou o humor do pai. — Eileen voltou a olhar para o filho. — Evan, meu querido, precisa repousar para recuperar as forças. Poderá ainda ter febre, mas estou certa de que logo estará curado. Já você, Myrna, precisa se alimentar melhor, a tenho achado muito pálida para uma grávida.

— São os enjoos. — Respondeu ainda agarrada à mão do marido.

— Tenho um preparado para isso também. Vai bebê-lo e repousar ao lado de seu marido. Fico feliz que os dois tenham se entendido. Um casamento por amor é sempre melhor do que a obrigação de compartilhar uma vida. — Sorriu em direção a Aaron numa cumplicidade que Myrna queria para seu casamento e se esforçaria para isso acontecer. — Seu pai, meu filho, assumirá a administração de Rixton ao lado de John e não arredaremos o pé daqui até que tudo volte à normalidade. Não é, Aaron? — O duque concordou com a cabeça. — Ah, sim, Marcel mandou lembranças. Gostaria de nos ter acompanhado, mas como saímos apressados de Lyndford, não podíamos deixar os menores sem um responsável para olhá-los.

— Sua mãe, Evan, teve um sonho em que você corria risco de vida e nos fez viajar de uma hora para outra. Mal tivemos tempo de organizar a viagem ou chamar Geoffrey e Lilith para cuidar das crianças. — A voz grossa de Aaron provocou arrepios no corpo de Myrna, que o olhava de maneira intrigada. Ele e Eileen formavam um casal diferente, mas tão harmônico que era um prazer tê-los por perto.

— E estava certa! — Exclamou a duquesa.

— Como sempre, meu amor! — Foi até ela e a beijou na testa. — Deixemos Evan e Myrna a sós para que possam descansar. — Ofereceu o braço à esposa e se retiraram.

Evan estendeu o braço em um claro convite para que se juntasse a ele, compartilhando sua cama e seu amor.

— Temo machucar a ferida. — Myrna considerou preocupada.

— Já não dói tanto depois que minha mãe a limpou. Não irei abraçá-la, apenas se deite ao meu lado e me deixe sentir seu perfume de rosas. Senti falta

dele.

— Era por isso que quando delirava me chama por sua princesa da rosa? – Perguntou, já acomodando-se ao lado dele na cama.

— Sempre será minha princesa da rosa! – Fechou os olhos e sentiu o perfume que significava sua felicidade.



Capítulo 22

Com o auxílio dos sogros, Myrna conseguiu se dedicar ao marido e ao seu lado reestabelecer as forças que também ameaçaram lhe deixar. Alguns dias de sono tranquilo e alimentação revigorante a deixaram mais disposta.

Evan não havia tido mais febre e já arriscava fazer pequenas excursões até o salão principal, onde todos se sentiam privilegiados por dividir uma refeição com os lendários Senhores de Lyndford. A união entre um poderoso guerreiro normando com uma curandeira galesa era considerada uma lenda por todos e assim a presença do casal em Rixton era vista como uma benção.

Os irlandeses, ao tomarem ciência da presença de parte do exército de Aaron de Brienne em Rixton, não tentaram qualquer ofensiva e aparentemente haviam reconhecido o domínio dos normandos sobre as terras além-mar, temendo serem massacrados por um contra-ataque. Corriam boatos de que parte dos homens que acompanharam o Duque de Lyndford permaneceria ali para reforçar as defesas da fronteira, consolidando a autoridade de Guilherme II sobre aquele pedaço de chão.

A notícia da gravidez de Myrna seria comemorada em momento oportuno e Evan contava com a presença dos pais quando celebrassem seu casamento com a princesa galesa. Apesar de já estarem casados de acordo com as leis normandas, também desejava se casar conforme o costume dos povos da floresta para que ninguém pudesse contestar a legitimidade de seu primogênito.

E quando o frio dava sinais de enfraquecer conforme os raios do sol se mostravam mais fortes, Evan a surpreendeu com um pedido incomum que a fez corar. Ajoelhando-se diante dela sob os olhos atentos de guerreiros, camponeses

e aldeões ansiosos, ele a pediu em casamento para selar definitivamente a união de dois povos, outrora inimigos e que se uniam para celebrar novos tempos.

Myrna, muito emocionada com seu gesto, ajoelhou-se também e o beijou em resposta ao pedido. E como tudo era mais simples para a antiga religião, eles seguiram até o bosque à procura de um carvalho, onde fariam seus votos na presença dos espíritos da floresta, tendo a natureza como testemunha de um amor que rompeu as barreiras do ódio e os uniu para a celebração da paz.

A princesa vestia um dos elegantes vestidos que Eileen havia trazido como presente para a nora. Seus cabelos claros como a luz da lua e que a fizeram ser conhecida como a donzela da profecia irradiavam em um contraste majestoso com a tiara de ouro e pedras preciosas, fazendo-a tão resplandecente quanto uma fada. A barriga ainda era pequena, mas poderia ser notada pelos mais atentos, já que Myrna não pretendia mais escondê-la. Quando Evan a recebeu no pequeno altar montado, suas mãos desceram até o ventre da esposa e acariciaram a criança que seria esperada como o herdeiro de um novo legado.

Eileen foi escolhida para oficializar a cerimônia e sua figura impressionava, rivalizando com a da noiva em beleza. Envolvida por um manto verde, brindou o amor como reflexo da vida que dividia com Aaron, emocionando os presentes, que comovidos soltaram algumas lágrimas de admiração.

— Te recebo como minha esposa, Myrna Gallarach, para honrá-la como parte de minha vida. — Prometeu Evan com o olhar preso na esposa.

— Te recebo como meu esposo, Evan de Brienne, para honrá-lo como parte de minha vida. — Myrna devolveu o juramento com lágrimas nos olhos. — Prometo ainda ser uma boa companheira, uma mãe dedicada e uma senhora justa para nosso povo. — Completou, levando a mão até o coração do marido para logo em seguida uni-las e assim receber a bênção final.

— Não importa nossos credos quando a fé no amor nos inspira a sermos pessoas melhores. — Eileen falou, declarando-os marido e mulher, duas almas unidas para se tornarem uma só. — A natureza derrama suas bênçãos ao casal para que tenham filhos e que esta terra seja abençoada como uma dádiva da Grande Mãe. Que homem e mulher possam viver dos frutos da terra e que se completem na harmonia do amor que compartilham para a paz reinar.

Encerrada a cerimônia e para se proteger do vento que ainda era gelado, todos voltaram para a fortaleza, onde um banquete os aguardava para comemorar

não só a renovação dos votos de seus senhores, mas a esperança por dias mais prósperos depois de anos de guerra e destruição.

Myrna olhou para o marido, admirando o homem destemido e valoroso que era, agradecendo ao destino por ter lhe trazido o amor e ter curado suas feridas. Já conseguia lembrar das dificuldades vividas no passado com outros olhos, compreendendo que tudo fez parte de um plano maior para trazê-lo para perto dela e assim lhe dar motivos para ter fé na vida.

Evan compreendeu o olhar da esposa e sorriu em resposta, apertando sua mão como sinal de que compartilhava dos mesmos pensamentos. Havia chegado até ela por uma obra geniosa do acaso, fazendo-o temeroso por largar o conforto do lar e atravessar um país em busca do desconhecido. Houve momentos nos quais temeu ser incapaz de fazer jus ao nome dos Brienne, mas tudo mudou quando a viu e seu coração assumiu o comando de suas ações, trazendo-lhe a certeza de que ela era para ser dele e que ali era seu lar, assim como seu pai muitas vezes o levou a acreditar.

O amor não era uma escolha fácil ou um caminho sem obstáculos. Ao contrário, a busca pela felicidade por meio de sentimento tão sublime exigia paciência e cumplicidade um com o outro. A história de seus pais o inspirou a trilhar seu próprio caminho e lhe deu ânimo para persistir na jornada. Evan sempre quis o amor de Myrna e se sentia orgulhoso por tê-lo conquistado para si.

— Prometa que seremos um só a partir de hoje? — Pediu encostando a testa na dela em sinal de devoção.

— Prometo, meu amor, que a partir de hoje minha felicidade e tristeza serão suas, assim como minhas fortalezas e minhas fraquezas, pois um será o esteio do outro nos momentos difíceis. Juntos construiremos nosso lar e nossa felicidade. — Myrna o fitou com os olhos translúcidos que tanto o encantavam, deixando-se desvendar por completo como uma oferta de amor eterno.

Evan, então, levantou-se e ergueu um brinde por seu casamento, mas também para comunicar boas novas ao seu povo.

— Senhores e senhoras! — Evan chamou a atenção de todos. — Agradeço a presença do Duque de Lyndford e de sua esposa, meus pais que muito me orgulham. — Aaron e Eileen sorriram para o filho. — À minha estimada irmã, Lady Alis de Brienne. — Olhou com carinho para a irmã mais nova que sorriu em resposta, lembrando a delicadeza dos traços da mãe. — Estamos reunidos não só

para festejar o início de novos tempos para Rixton, mas também para agradecer os donativos que nos chegaram por meio de Lorde Aaron de Brienne. Guilherme II, nosso soberano, nos enviou guerreiros valorosos para proteger Rixton, assim como uma arca com moedas de ouro para a construção de nosso castelo. — Todos ovacionaram as novidades com empolgação. — John, meu valoroso e fiel amigo, nosso rei decidiu lhe conceder o título de Sir, como recompensa pelos anos de serviço para o Reino da Inglaterra. — Como Marquês de Rixton, a autoridade real destas terras, eu lhe nomeio Sir John Dunstan, primeiro cavaleiro da Ordem de Rixton.

— É uma honra para mim, meu senhor, servir meu rei. — John se ajoelhou para receber a comenda com orgulho. — Como cavaleiro da Ordem de Rixton, juro lealdade a meu senhor, defendendo sua honra e de sua família com minha vida. — Levou à mão ao coração, selando seu compromisso.

Uma salva de palmas se ergueu para homenageá-lo. Aaron, muito emocionado, quebrou o protocolo e foi ao encontro do filho de um de seus melhores e mais leais guerreiros para saudá-lo e agradecê-lo por ter salvado a vida de Evan.

— Tenho mais um anúncio a fazer! — Evan interrompeu a algazarra, exigindo novamente a atenção de todos. — Minha amada esposa, Lady Myrna de Brienne, princesa dos Gallarach e herdeira destas terras, espera meu filho, o legítimo herdeiro de Rixton. — Myrna se aproximou do marido e acenou para sua gente comovida. — Um brinde à mulher que carrega a esperança de Rixton dentro do ventre.

Uma cacofonia de sons se ergueu para comemorar a chegada do primeiro filho dos Senhores de Rixton com entusiasmo. Aquela criança era mais do que um bebê a caminho, era a renovação da vida e a esperança da fartura, a união de dois povos depois de anos de guerra, onde a fome e a miséria arruinaram com suas esperanças.

— Povo de Rixton! — Encorajada pelo marido, que a via como igual na hierarquia, Myrna pretendia deixar sua mensagem. — Um dia os Gallarach lutaram contra os normandos com sua vida, perdemos nossos homens em batalha, nossas crianças para a miséria, mas jamais perdemos a esperança de dias melhores. Rendemo-nos para que uma nova era pudesse ser construída e brindamos por este dia ter chegado. Hoje, celebramos a paz e a construção de uma nova Rixton e honramos a chegada de um herdeiro que unirá

definitivamente nossos povos em uma única nação.

Evan a abraçou, beijando-a com vontade, sem se importar com os olhos que lhes fitavam com curiosidade e admiração. Eram a prova viva de que o amor era capaz de unir os inimigos, que as diferenças se tornavam ínfimas quando dois corações pulsavam na mesma sintonia.

Nenhum dos dois era ingênuo em acreditar que a paz estaria garantida para sempre, não quando interesses podiam mudar de lado com a rapidez de uma tempestade; mas trabalhariam para torná-la uma realidade dia após dia, empenhando-se em manter normandos e galeses unidos em prol do bem comum, fazendo daquele pedaço de chão um lugar para todos.

Myrna compreendeu que a dignidade de um povo não estava necessariamente na vitória conquistada no calor das batalhas, mas na sua capacidade de se reinventar, de renascer das cinzas, tal como uma fênix. Seu clã fora derrotado sim, e através de um jovem guerreiro encontrou um novo caminho a percorrer, talvez mais justo do que o anterior. Um jovem guerreiro que estendeu a mão para se juntar a um novo povo. Assim, Myrna selou sua parceira naquela importante empreitada de reconstrução.

Por uma zombaria do destino, Evan de Brienne, o seu inimigo, lhe mostrou mais misericórdia do que aquele que lhe deu a vida. Foi-lhe uma grande lição, que a preparou para uma missão maior: governar ao lado de seu amor.

— Meu filho a ama muito. — Eileen se aproximou da nora. — Temi por sua decisão de nos deixar para enfrentar um casamento que poderia lhe fazer infeliz. Aaron não teve mais uma noite em paz depois que o filho partiu para uma terra desconhecida, voltando a sofrer a dor de erros cometidos no passado.

— Evan contou sua história. — Myrna olhou com admiração para a sogra. — Sempre acreditei que tudo não passasse de invenções dos bardos quando nos contavam sobre vocês. E cheguei a considerá-la uma traidora por ter se casado com o inimigo. — Confessou envergonhada. — Precisei sofrer a dor em quase perdê-lo para entender do que o amor é capaz. Perdoe-me!

— Não há nada o que ser perdoado, minha querida! — Pegou-a pelas mãos. — Apenas o ame de volta e o faça feliz. A cumplicidade cultivada por meio do amor é inquebrável. Assim como Aaron, sua vida foi marcada por perdas e decisões difíceis, e quem sou eu para julgá-la? Ame, Myrna, e deixe-se amar.

— Só o que sei fazer é amá-lo! – Disse entre risos e lágrimas. — Mentiria se não confessasse que temo o futuro, pois somos os opostos de duas forças que irão precisar se equilibrar para convergir em uma direção comum.

— Não tema! Reis continuarão a conquistar, homens morrerão por eles, mas a vida continuará a pulsar como um elixir para as dores do mundo. Não foi fácil para mim e Aaron. Cada ano vivido ao seu lado foi uma grande ousadia. Um dia também fui uma princesa perdida, cuja identidade precisou ser ocultada e o segredo que acreditei me matar se revelado foi minha salvação. O destino nos fecha portas para abrir outras. Teimarmos em não enxergá-las simplesmente nos faz humanos.

— Sentirei sua falta! – Entregou-se ao abraço da sogra, sentindo o conforto de uma alma generosa que havia vindo ao mundo para curar não só as doenças do corpo, mas também da alma com suas palavras de fé e incentivo. — Gostaria de tê-la comigo quando o bebê nascer.

— Contará com a proteção da Grande Deusa. Acredite, Myrna, toda mulher carrega dentro de si uma parte dela. Ela sempre estará contigo, porque você é parte dela. Aquiete teu coração para escutá-la e ouvirá uma resposta que lhe trará conforto. — Eileen acariciou a barriga que acolhia seu neto com respeito e carinho, rogando para que nascesse com saúde, que herdasse o carisma do pai e a persistência da mãe. — Entre os cristãos há a devoção à mãe do Deus deles, e onde as mulheres buscam conforto para suas preocupações. Seja qual for nossa crença, nós mulheres somos divinas por gerarmos a vida, dádiva ou milagre que nos faz únicas e que nos torna sagradas.

— Lembrarei de suas palavras quando me sentir perdida, Eileen! – Suspirou. — E tentarei ouvir a resposta que afirma estar dentro de mim. — Myrna olhou em direção ao marido, que conversava animado com o pai. — Eles se parecem. — Disse feliz.

— Evan é muito parecido fisicamente com o pai, mesmo assim teve sua filiação contestada por Guilherme II porque não nasceu sob o amparo de um casamento normando. Meu marido se culpa por isso e sofre muito. Vê-los brindando uma conquista tão importante para Evan me deixa feliz.

— Como disse, portas se fecham para outras serem abertas. — Myrna sorriu por ter compreendido a lição.

Do outro lado do salão Evan recebia os cumprimentos de seus homens, que

um por um haviam lhe jurado lealdade. Aaron não poderia estar mais orgulhoso de seu primogênito e aliviado por ter um dos filhos encaminhado na vida. Sempre fora um homem meticoloso e as ingerências de Guilherme II na vida dos filhos o preocupavam muito.

— Ao final, os planos do rei o levaram até a mulher amada. — Disse o duque ao filho.

— E pouco importou ter sido considerado um bastardo. — Evan sorriu ao pai, sentindo-se realizado por ter conquistado terras por merecimento. — O certo sempre será escrito em linhas tortas. — Repetiu as palavras da mãe.

— É o que diz tua mãe na tentativa de amenizar o fardo de culpas que carrego. — Aaron olhou em direção à esposa com amor e agradeceu a graça de tê-la em sua vida. Eram anos de companheirismo e amor compartilhado.

— Consideremo-nos sortudos por tê-las, meu pai! — Estendeu a mão para receber a esposa. — Ambas são a calma de que precisamos depois de um dia de trabalho árduo, o motivo para voltarmos vivos de uma batalha.

— Liderar jamais será uma tarefa fácil, meu filho! — Olhou para Evan depois de acolher Eileen em seus braços. — As obrigações nos endurecem e são nossas mulheres que nos mantêm na direção do justo, fazendo-nos lembrar que o mundo não é só feito de batalhas e conquistas, mas de doações e benevolência. Talvez a justiça resida em algum lugar entre essas coisas mundanas. — Disse com sabedoria.

Evan e Myrna foram puxados para o meio de uma roda onde casais dançavam alegremente e os Senhores de Lyndford os acompanharam com os olhos.

— Eles serão felizes. — Falou Eileen ao marido. — Terão ainda muitos obstáculos para vencer, mas viverão unidos como um casal apaixonado, como nós fomos.

— O mais velho deles conquistou seu lugar no mundo e ao lado de bons companheiros, mas ainda temos outros para nos preocupar. — Considerou Aaron.

— Não confio com absoluta certeza que Adele será feliz em seu casamento, mas foi sua escolha. Por isso teremos que respeitar as escolhas de todos os nossos filhos. — A curandeira alcançou John com os olhos e um aperto no coração lhe tomou. — Apreendi uma coisa, meu amor, que precisamos deixá-los

viver e assim crescer com suas escolhas, por mais que saibamos que irão sofrer por elas. – Apertou sua mão em busca de conforto.

— E quando cometerem seus erros, estaremos ao lado de cada um deles para ampará-los. – Concluiu o duque trazendo a amada para seus braços.



Capítulo 23

— Tem certeza de que está curado para poder fazer isso? — Myrna encarou o marido com medo pelo esforço que ele fazia em carregá-la nos braços até o quarto que dividiam depois de um longo dia de festejos.

— Estou muito certo de que posso amá-la, minha princesa. — Sentou-se na cama com ela no colo de modo que pudesse atestar a virilidade que lhe afligia a carne e o fazia desejoso por seu toque. — Não suporto mais a vida de moribundo a que você e minha mãe me encarceraram nos últimos dias.

— Temíamos por sua recuperação e queríamos ter certeza de que a ferida havia cicatrizado por completo. — Repreendeu-lhe zangada. — Temos uma vida toda para nos amar, enquanto marido só pretendo ter um para o resto da vida.

— Não fique zangada! Estou bem e disposto a provar que posso cuidar das necessidades de minha esposa, amando-a e protegendo-a do jeito certo. — Ele abriu um sorriso cativante que a fez desfazer a ruga de preocupação. — Desde que ela aceite e não fuja mais do marido.

— O que terei que fazer para convencê-lo de que jamais voltarei a fugir de ti? — Perguntou preocupada, sentindo-se ainda culpada por ter arriscado perdê-lo em uma missão de resgate tão difícil.

— Talvez deixar que eu te ame neste momento. — Beijou-lhe o pescoço como uma provocação. — Porém, desconfio de que mesmo que tente fugir novamente não conseguirá ir longe. A buscarei até o fim do mundo se for preciso.

— Não brinque com isso, Evan! — Myrna não suportava a ideia de voltar a colocá-lo em risco.

— Não brinco, meu amor! Simplesmente a amo muito para aceitar que se separe de mim novamente. Sofri por ter me deixado e ido em busca daquele maldito velhote, mesmo Siana tentando me fazer enxergar que havia fugido para me proteger e que isso era uma grande prova de amor.

— Estou aqui e nunca nos separaremos, porque nosso amor cresce dentro de mim como um presente divino. — Moveu-se no colo dele a fim de envolvê-lo com as pernas, oferecendo seus lábios como um banquete.

As mãos de Evan deslizaram pelas pernas torneadas dela, deixando-a acesa e disposta para se entregar. Myrna queria tocar o paraíso e matar a saudade que seu corpo sentia por ele como uma necessidade vital.

— Dispa-se para mim, meu amor! Revele-se como o tesouro que foi feito para ser meu, que só pode ser tocado por mim. — Exigiu com a voz enrouquecida e os olhos ardendo em chamas.

Myrna sabia que seu corpo era dele e que queria ser feita dele mais uma vez. Afastou-se do colo e lentamente se livrou dos prendedores e adornos que prendiam a túnica ao seu corpo, revelando-se para o marido como uma divindade em busca de seu amor, deixando-o ofegante e ansioso para possuí-la.

Evan admirou sua vontade em agradá-lo, correndo os olhos em cada parte daquele precioso corpo feito para enlouquecê-lo. Com uma mão a puxou para perto e com a outra envolveu seu sexo ardente que implorava para ser invadido, deslizando os dedos para o interior macio, preparando-a para o ato carnal como uma provocação que ele sabia que a agradava.

Ousadamente Myrna retribuiu a carícia com um beijo na boca, trabalhando com empenho para também livrá-lo das vestes, deslizando suas mãos pequenas e macias por toda a extensão de seus músculos definidos em treinamentos constantes e endurecidos no ardor das batalhas que travou ao lado do pai como um Brienne.

Ajoelhou-se sobre as pernas para descalçá-lo e a imagem que ele viu o fez gemer de desejo. A boca dela estava tão próxima do membro dele que bastava ele pedir para que seu desejo fosse saciado. Mas Evan desconfiava que não seria capaz de controlar-se e explodiria dentro daquela boca contornada por lábios carnudos que o provocavam com palavras firmes e decididas. Não, ele não poderia deixá-la sem o prazer que merecia e a puxou de volta para seu colo, colando seus lábios nos dela.

— Você é tão belo! — Ela disse com a voz lânguida e sensual, passando os dedos sobre seu peito musculoso, contornando as cicatrizes que ia encontrando no caminho, deixando-o ofegante e excitado. — Tão perfeito que custo a acreditar que é meu.

— Para sempre! — Disse indo em direção aos travesseiros para se deitar, puxando-a para junto de si em uma dança pecaminosa, uma troca silenciosa de suspiros, pois as palavras se perdiam em meio a tanto desejo reprimido.

— Quero ser sua para sempre! — Declarou lamuriosa, depositando o corpo ao lado do dele, encontrando seu olhar escuro que tanto lhe falava quando inflamado por sentimentos que não precisavam ser ditos, apenas sentidos.

Evan não aguentou e se colocou sobre o corpo da esposa, decidido a tomar para si todo o prazer que ela lhe oferecia como um brinde por ter sido o grande campeão de uma disputa, na qual seu coração havia sido exigido para agradá-la. Sentia-se revigorado, cheio de vida e com o coração acelerado por tê-la tão disposta a satisfazê-lo. A ponta do membro ereto encostou na sua entrada úmida, imitando os movimentos da língua dentro da boca de Myrna. Os seios inchados atiçavam-no para mais e o encorajavam a tomá-la naquele momento. Mas foram as unhas da galesa cravadas em suas costas que o fizeram arremeter com força para dentro de seu sexo apertado, buscando o alívio e a certeza de que junto dela o mundo tinha outro brilho, as coisas se tornavam mágicas e o prazer era apenas mais uma etapa do amor que compartilhavam.

Evan movimentava-se dentro dela empolgado pela vivacidade que os olhos da esposa expressavam e nos gemidos que ouvia ela soltar quando lhe oferecia prazer. Ela ergueu as pernas e ele conseguiu ir mais fundo dentro dela, beijando-a com sofreguidão até que o prazer ameaçou transbordar e os fez encontrar o êxtase numa explosão impressionante.

Ofegantes e suados deixaram-se cair sobre o colchão em busca da paz que sempre ansiaram ter. Talvez o mundo voltasse a enfrentar a guerra, seu povo voltasse a ser desafiado pela doença, mas a paz existiria entre eles quando compartilhassem o leito e pudessem viver o prazer como um momento sublime em suas vidas.

— Você sempre será minha paz, Myrna! — Evan encarou a esposa enquanto puxava uma manta para aquecê-la. — Sempre será a mulher que meu coração escolheu para ser meu amor.

— E você sempre será o motivo para eu querer ser uma mulher melhor, corajosa e destemida. — O brindou com um lindo sorriso que o fez beijá-la, perdendo-se em seu inebriante perfume de rosas. — O homem que meu coração escolheu para chamar de amor.

— Tenho algo para ti. — Deixou-a sozinha por alguns minutos e foi ao encontro de um pergaminho em meio às coisas espalhadas na mesa que ficava próxima à lareira. As labaredas do fogo crepitante o ajudaram a encontrar o que queria e logo retornou para junto do calor do corpo da esposa. — Aqui está! — Desenrolou o pergaminho e mostrou a ela.

— O que é isso? — Encantada contornou com os dedos a rosa desenhada por mãos habilidosas. — Foi você quem a desenhou?

— Sim, fui eu! Apreendi a desenhar quando estive na Corte de Guilherme I. — Acomodou-se melhor entre os travesseiros. — Estive pensando que Rixton precisa de um símbolo e a rosa é muito pertinente, já que me casei com a princesa que cheira a rosas o tempo todo. É o símbolo perfeito para Rixton. O que acha? — Perguntou faceiro.

— Não sei se mereço... — Não conseguiu mais falar tamanha foi sua emoção. Evan lhe surpreendia a todo momento e nem mesmo os anos que ainda compartilhariam poderia torná-lo entediante ou previsível. — Para um guerreiro, tem mãos habilidosas para o desenho. — Comentou.

— As mãos que empunham uma espada com habilidade podem fazer maravilhas. — Provocou-a de propósito, levando as mãos até seus seios de modo a brincar com seus mamilos.

— Pois acredito que não foi praticando a luta com as espadas que adquiriu as habilidades para se tornar um sedutor. — Revirou os olhos, fingindo indignação.

— Ainda não me disse se gostou da ideia da rosa como nosso símbolo. — Retomou o assunto que a havia deixado sem jeito.

— Talvez considere outro símbolo. — Evitou encará-lo nos olhos em vão, já que Evan exigiu sua atenção, puxando seu queixo até que os olhos dos dois se encontrassem e não houvesse possibilidade de mal-entendidos.

— É a minha princesa da rosa, Myrna! — Disse como uma declaração da qual não caberia contestação, nem da parte da esposa.

— Mas veio até aqui para se tornar Marquês de Rixton e mereceu o título que

ganhou. — Tentou fazê-lo enxergar que havia conquistado por merecimento o título e as terras, e que possivelmente outro símbolo fosse mais apropriado para expressar a honra e lealdade de um Brienne. — Talvez outro símbolo. — Sugeriu sem jeito, sabendo que ele ao querer homenageá-la não seria facilmente convencido do contrário. Era uma briga vencida e teria que se acostumar com seus exageros.

— Não acredito que outro símbolo expressará tão bem meus sentimentos por esta terra e por sua dona. — Ele a beijou apaixonadamente. — Rixton é sua, Lady Myrna de Brienne, e só a aceitei porque faz parte do que você é. Não foram as terras que me prenderam aqui, nem o título que me prometeram se eu obtivesse êxito em pacificá-las, mas a mulher que vive aqui e que a fez ser o melhor lugar para se viver. As rosas, meu amor, são a essência mais perfeita dessa mulher e as quero como o símbolo de Rixton, para que meu amor por ti seja eternizado e que daqui mil anos ainda seja lembrado pelas futuras gerações.

— Oh... Evan! Como posso... — Engasgou-se de emoção, sem saber o que dizer para expressar o que sentia por ele.

— Não precisa falar, apenas sinta o amor que tenho por você. Deixe-me amá-la.

— Só se for para sempre! — Ela alcançou os lábios do marido e entregou-se para ser amada como a princesa da rosa que ousou conquistar a proteção de um valoroso guerreiro, dando início a um tempo de fartura e boa aventura naquelas terras que muito precisavam ser regadas com amor.

Fim.



Epílogo

Myrna e Evan, meses mais tarde, quando o sol forte aquecia os prados e as águas do mar, foram agraciados com o nascimento de um varão forte e saudável, que havia chegado ao mundo com uma gritaria sem igual, revelando a perfeita mistura entre a obstinação dos Gallarach e a valentia dos Brienne.

Ao lado do marido, Myrna se ocupava dos assuntos do marquesado, tornando-se também uma lenda à sua maneira, cujo perfume intenso a fazia ser lembrada como a Princesa da Rosa. Sua beleza incomum fora cantada por bardos e poetas que a tornaram majestosa e poderosa aos olhos dos mortais e seu precioso jardim de rosas era reverenciado como parte da magia que seu nome exultava.

Com a influência do sobrenome Brienne, Evan conseguiu estabelecer tratados com clãs poderosos da região, assim como vender os excedentes das colheitas em troca de outros mantimentos que não eram abundantes em Rixton, tornando-se um exímio comerciante. Algumas batalhas ainda precisaram ser travadas para impedir o avanço dos irlandeses; e a paz apenas se tornou uma realidade quando Tyrone O'Conail morreu e um de seus sobrinhos assumiu o trono.

Normandos e galeses viviam em consenso e mal se lembravam que um dia haviam sido inimigos e que haviam utilizado armas para lutar uns contra os outros. Acreditavam piamente que haviam sido abençoados pela união divina de seus senhores e, enquanto houvesse harmonia entre eles, a guerra não voltaria a separá-los.

Casamentos eram celebrados frequentemente e as trocas de estações eram

comemoradas com festivais esplendorosos como forma de agradecimento pela abundância que lhes servia às mesas. Brindes eram erguidos para celebrar a vida e renovar as esperanças.

Naquele pedaço de chão tocado pelas águas de um mar bravo que não foi capaz de separar duas almas predestinadas a se unirem para um bem maior, o ódio foi vencido pelo amor, fazendo com que a vida pulsasse na sua forma mais divina, inspirando homens e mulheres a acreditarem na força do querer e na esperança de tempos mais justos e prósperos.



Agradecimentos

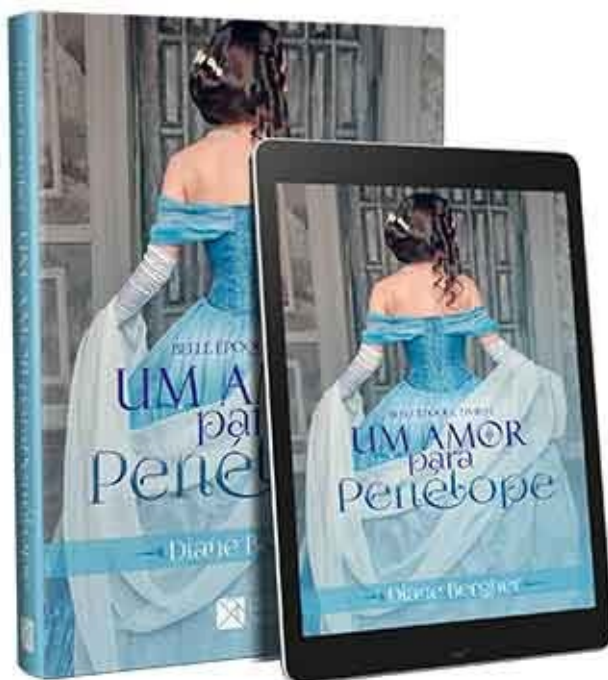
Dizem os sábios que a gratidão é a memória do coração e, por essa razão, quando agradecemos o fazemos de coração para coração.

Sou grata a Deus, antes de tudo, por ter sido agraciada com o dom de contar histórias e tocar corações com palavras.

Sou grata à minha família, que sempre me apoiou incondicionalmente, sem julgamentos ou preconceitos, dando-me a confiança de que eu podia ser o que quisesse, até mesmo uma escritora.

Sou grata às minhas parceiras por aceitarem o desafio de tornar realidade o sonho de contar histórias. Às queridas Laizy Shayne, Camille Chiquetti e Julia Lollo, profissionais talentosas, cuja dedicação e empenho apenas enaltecem meu texto, minha admiração e carinho.

Ao meu querido leitor, os meus mais sinceros agradecimentos.



UM AMOR PARA PENÉLOPE

Belle Époque, livro 1

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

Formato físico

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

A VIDA FEZ de Penélope uma mulher forte e tenaz. No início do século XX,

o sonho de toda mulher é ter um bom casamento e filhos, exceto para Penélope. Prestes a completar 25 anos, Penélope apenas quer receber a herança deixada pelo pai, um inglês que a deixou no Brasil ainda menina, e abrir uma escola para moças em São Paulo. Prestes a realizar seu sonho, Penélope é chamada por sua madrinha Violeta para que acompanhe a jovem Flora nos eventos sociais do Rio de Janeiro. Sem poder negar um pedido de sua amada madrinha, Penélope parte para o Rio de Janeiro, onde é acolhida pela tradicional família Gusmão de Albuquerque.

Dona de uma beleza incomum e de uma inteligência irreverente, Penélope acaba por ser cortejada por vários cavalheiros, o que desperta ciúmes no solitário e responsável Felipe Gusmão de Albuquerque, o primogênito de Violeta. Viúvo e com uma filha pequena para educar, Felipe não esperava se apaixonar pela afilhada da mãe e fará de tudo para mantê-la distante de sua organizada e planejada vida. Felipe entende que Penélope não reúne as qualidades necessárias para ser a esposa de um rico banqueiro e chefe de uma das mais tradicionais famílias do Rio de Janeiro.

Atormentados pela forte atração que sentem um pelo outro, Penélope e Felipe sucumbirão ao desejo e um forte sentimento nascerá entre eles.



UMA PAIXÃO PARA FLORA

Belle Époque, livro 2

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

O SONHO DE Flora sempre foi fazer uma grande estreia na sociedade carioca. O que aconteceu tardiamente, apenas aos 17 anos, pois sua família, diferente das outras da época, deseja que Flora tenha um casamento por amor, sem interesses superficiais.

Em meio à confusão de pretendentes ao coração de Penélope, a filha de sua mãe, a caçula dos Gusmão de Albuquerque conhece Yuri Volkov, um imigrante russo que fez fortuna no Brasil ao se dedicar ao mundo do entretenimento. Yuri enxerga em Flora uma oportunidade de ser aceito pela nata social carioca e a seduz, forçando um casamento entre eles. Os planos do empresário não saem como o esperado e ele se vê apaixonado pela esposa, fazendo-o lutar para conseguir protegê-la de um passado marcado por atos ilícitos.

Atormentados pela forte paixão que sentem um pelo outro, Flora e Yuri terão que superar vários obstáculos para terem o merecido final feliz.



UMA NOITE PARA HELENA

Belle Époque, livro 3

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

HELENA É UMA comprometida enfermeira que trabalha para um renomado médico em São Paulo. Viúva há anos, dedicou sua vida à educação de sua irmã menor, a quem considera uma filha. Sua determinação em ser um bom exemplo para a irmã mais nova ameaça ruir quando Bento é colocado sob seus cuidados. Considerado um dos melhores partidos do Rio de Janeiro, e para fugir da fila interminável de pretendes, Bento havia cedido às pressões de seu irmão mais velho e se mudado para São Paulo, com o intuito de assumir o comando da filial do banco da família. Seriamente ferido em um duelo, Bento não esperava se apaixonar pela linda e destemida enfermeira. Ambos cedem ao desejo numa noite qualquer. Era para ser uma única noite, afinal, Helena era a mais velha dos dois e deveria ter mais juízo. Mas Bento não desistirá dela tão facilmente e dará início a um jogo de sedução, no qual o amor ditará o rumo dos acontecimentos.



UM CAVALHEIRO PARA LORENA

Belle Époque, livro 4

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

LORENA, UMA RICA herdeira, foi colocada num sanatório pelo seu tio e tutor inescrupuloso, devido ao seu temperamento forte e rebelde para a época. Com a morte do ancião, Danilo Magalhães, um advogado bem-sucedido, assume a tutela e a administração dos seus bens. Intrigado com o novo caso, Danilo toma a decisão de visitá-la e fica encantado com sua beleza e inteligência. Não querendo cometer uma injustiça, e desconfiado das reais intenções dos parentes de sua pupila, o advogado decide acolhê-la em sua casa, onde Lorena desabrocha para a vida, revelando-se uma jovem apaixonada pelos números e pelos grandes pensadores. Com ideias à frente de seu tempo e disposta a se tornar uma mulher de negócios, Lorena demonstra estar apta a gerir a Cervejaria que o pai lhe deixou como herança.

Seu espírito empreendedor e rebelde desperta sentimentos no solitário cavaleiro, que desacreditado ser capaz de amar novamente, encontra, nos braços de sua pupila, mais do que paixão e conforto. Uma união inusitada e improvável, na qual o amor terá que ser mais forte do que as intrigas e armadilhas que tentam afastá-los.



UM DUQUE PARA IRENE

Belle Époque, livro 5

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

FILHA DE UM barbeiro-cirurgião e irmã de uma enfermeira, o maior desejo de Irene é se formar médica. Em busca de seu sonho, Irene se mudou para o Rio de Janeiro com o objetivo de frequentar a Escola de Medicina, onde foi acolhida pela família do seu cunhado, os Gusmão de Albuquerque, e patrocinada por Lady Penélope. Sua determinação é ameaçada com a chegada do charmoso irmão de sua benfeitora. Willian McCrudden, o Duque de Cumberland, é um aristocrata inglês, cujo berço e influência o fazem um dos melhores partidos da Inglaterra. Altivo e comprometido com as tradições e com a linhagem da família, Willian não esperava se sentir atraído por uma jovem sem berço, cuja atividade favorita é irritá-lo, qualidades impróprias para uma futura duquesa. Pessoas de mundos e ideais diferentes que se veem apaixonados e sem saber o que fazer com o forte sentimento que os une.



UMA AVENTURA PARA ELOÍSE

Spin-off, série Belle Époque

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

EM 1922, O SONHO de Eloíse é se tornar uma Médica Veterinária e desbravar o mundo em busca de aventuras. Apaixonada por animais desde menina e convicta de que as mulheres podem e devem ser mais do que apenas esposas, Eloíse vê numa expedição científica para a Amazônia a chance de viver uma grande experiência e aperfeiçoar seus estudos na área das Ciências Naturais. Para tanto, precisará convencer seu pai a deixá-la se reunir aos Parker, um casal de cientistas norte-americanos. O que Eloíse não esperava, era se meter numa confusão com Adrian, o sobrinho dos Parker. Após um encontro inesperado, Eloíse e Adrian se veem às voltas com uma forte atração que ditará o rumo de suas vidas.

Uma Aventura para Eloíse é um *spin-off* da *Série Belle Époque*, ansiosamente aguardada pelas fãs da saga, que em formato de conto, narra parte da mocidade de Eloíse, a filha sapeca de Felipe Gusmão de Albuquerque e uma das personagens mais cativantes da Série.



UM MARIDO PARA LENITA

Spin-off, série Belle Époque

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

O SONHO DE Lenita é se casar com um homem honrado e viver feliz para sempre. Como é a caçula da família, o pai de Lenita exige que suas irmãs mais velhas se casem antes, rejeitando, assim, todos os candidatos à mão da jovem. Quando sequestrada, Lenita conhece Dimitri Petrova, um mafioso russo que foi enviado ao Brasil para convencer Yuri Volkov a retomar os negócios da Máfia Russa. Prática e cheia de vida, Lenita se apaixona pelo seu sequestrador em meio às confusões arranjadas por Flora, sua melhor amiga.

Um Marido para Lenita é o *spin-off* de *Uma Paixão para Flora*, o livro 2 da *Série Belle Époque*. Os acontecimentos deste conto são narrados pela destemida e determinada Lenita Moreira Sales, mais uma personagem fascinante da Saga.



UMA LUA DE MEL PARA JUDITE

Spin-off, série Belle Époque

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

JUDITE E SEAN casaram-se em uma cerimônia dos sonhos. Entretanto, depois de uma longa lua de mel na Europa, as coisas não saíram como o esperado. Assoberbado com o trabalho, Sean quase não tem tempo para a esposa. Judite, afoita por atenção, interpreta equivocadamente a falta de atenção do marido, ensejando a primeira briga do casal, que resulta em uma separação dolorosa para ambos, na qual o amor terá que ser o ingrediente essencial para juntá-los novamente.

Uma Lua de Mel para Judite é mais um *spin-off* de *Uma Paixão para Flora*, o livro 2 da *Série Belle Époque*, e narra os primeiros meses de casamento de Judite e Sean, um dos casais mais queridos da Série. Ela, uma italiana cheia de vida e ele, um irlandês inteligente e perspicaz. Duas almas que se encontram para viver o tão famoso “felizes para sempre”.



UM ROMANCE PARA BERENICE

Spin-off, série Belle Époque

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

BERENICE É A personificação da doçura e do bom comportamento. Uma donzela de princípios que apenas quer encontrar seu par perfeito e ser feliz para sempre. Dona de uma personalidade tranquila em meio a uma família conhecida pelo gênio forte, Berenice encontrará o amor onde menos esperava. Eliseu Padilha, um médico recém-formado e com um futuro brilhante, em visita aos tios no Rio de Janeiro, se encanta pela herdeira mais velha dos Gusmão de Albuquerque; e para tomá-la como esposa terá que provar que a merece, além de ser aprovado pela mais excêntrica família do Rio de Janeiro.

Um Romance para Berenice é o *spin-off* de *Uma Noite para Helena* e contará a história de Berenice e Eliseu, o casal simpático e apaixonado da Série, remetendo-nos aos anos anteriores ao primeiro livro.



UM NAMORADO PARA TELMA

Spin-off, série Belle Époque

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

TELMA, DIFERENTEMENTE DE outras moças de sua idade, não sonha mais em ser pedida em casamento ou mesmo em viver uma grande história de amor. Professora em um grupo escolar, alterna seus dias entre ensinar e ler novelas góticas. Sendo a mais nova de quatro irmãs, acostumou-se a ser a tia que está disponível para cuidar dos sobrinhos. O que Telma não esperava era reencontrar Thales, seu amor de infância que só tinha olhos para sua irmã mais velha. Thales Padilha voltou recentemente da Europa, formado em Direito e como um exímio boêmio apenas quer aproveitar os prazeres da vida e não pensa em se casar tão cedo. De um encontro inusitado, Telma e Thales implicam um com o outro e iniciam um jogo muito perigoso. Ele quer ajudá-la a arrumar um namorado, mas Telma tenta afastá-lo antes que acabe apaixonada e machucada.

Um Namorado para Telma é mais um *spin-off* de *Uma Noite para Helena*, o livro 3 da *Série Belle Époque* e conta a história de Thales Padilha, o primogênito peralta de Berenice e Eliseu.



UM HERÓI PARA LUCIANA

Spin-off, série Belle Époque

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

LUCIANA SEMPRE OUSOU sonhar e querer demais para uma dama de sua época, o que lhe trouxe problemas sem precedentes. Dona de uma mente curiosa e fértil em demasia, foi aprisionada por decisão de seus pais dentro de um asilo para donzelas desajustadas ao se recusar desposar um rico fazendeiro mineiro e desejar cursar a Faculdade de Direito. Em clausura, encontra conforto na amizade de Lorena Neumann, com quem divide a esperança de liberdade. Lorena consegue a proteção do jovem advogado Danilo Magalhães Filho, que se compromete a não afastar as duas amigas. Para tanto, Danilo pede auxílio para resolver a situação a Álvaro Junqueira, seu colega de longa data e um brilhante causídico, que fica encantado com a ávida mente e com a beleza de Luciana. Não demora muito para os dois jovens se envolverem sentimentalmente e um escândalo poderá comprometer a reputação da jovem, que se vê obrigada a fugir com Álvaro para o exterior.

Um Herói para Luciana é o *spin-off* de *Um Cavalheiro para Lorena* e contará a história de Luciana e Álvaro, o casal apaixonado e escandaloso da Série, remetendo-nos aos acontecimentos ocorridos no livro 4 sob o ponto de vista de Luciana, brindando-nos ainda com relatos emocionantes de sua fuga para se casar com seu grande amor.



UM ESCÂNDALO PARA CECÍLIA

Spin-off, série Belle Époque

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

CECÍLIA E MATTHEW cresceram como se fossem primos devido à proximidade de suas famílias: os Magalhães e os Gusmão de Albuquerque. Muito apegados um ao outro desde a infância, acabaram se afastando quando Matthew viajou à Inglaterra a fim de concluir seus estudos, já que lhe era uma oportunidade única de conviver com o lado inglês de sua família. Sentindo-se traída e abandonada por aquele a quem julgava amá-la, Cecília resolveu fechar seu coração para o amor e dedicou-se à carreira de bailarina, tornando-se uma das mais notáveis no corpo de balé do Teatro Municipal. Matthew regressa ao Brasil e, ao encontrar uma bela e inteligente mulher no lugar de sua tímida amiga, deixa-se levar pelo desejo, seduzindo-a para seus braços. Cecília não o rechaça e depois de uma noite de amor um grande escândalo ameaça pairar sobre suas famílias, forçando-os a encarar a verdade sobre seus próprios sentimentos.

Um *Escândalo para Cecília* é mais um *spin-off* de *Um Cavalheiro para Lorena*, o livro 4 da *Série Belle Époque* e conta a história de Cecília, a primogênita de Lorena e Danilo, e Matthew, um dos filhos mais velhos de

Penélope e Felipe.



UM INGLÊS PARA RITA

Spin-off, série Belle Époque

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

RITA É UMA jovem que não espera muito da vida, a não ser manter seu bom emprego e ser feliz ao lado da mãe, uma ex-escrava que foi acolhida pela família Volkov. Meiga e de coração puro, não contava se apaixonar por um inglês que representava tudo o que ela mais abominava em um homem. Oscar desembarcou no Brasil a contragosto para acompanhar o Duque de Cumberland, a quem servia como criado de quarto, única função que lhe restou depois de ser expulso do Exército Inglês por comportamento não digno de um cavalheiro. Em um encontro marcado pelo acaso, o jovem inglês fica encantado com a beleza de Rita, uma dama de pele da cor do caramelo e rosto delicado, que o seduz apenas com uma troca de olhares, fazendo-o reconsiderar as escolhas feitas até então.

Um Inglês para Rita é o *spin-off* de *Um Duque para Irene* e contará a história de Ritinha e Oscar, o casal que romperá as barreiras do preconceito para viver o mais genuíno dos amores da Série.



UM AMOR INESPERADO

Trilogia Amores Imperfeitos, 1
Prequel de Belle Époque

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

VIOLETA NUNCA ESPEROU muito de sua vida, talvez um casamento com um bom homem que lhe desse filhos e uma família feliz. Filha de um excêntrico fidalgo português, cresceu no Brasil na companhia de suas três irmãs mais velhas e do caçula, o único varão a quem sempre amou como filho. Imbuída das ideias abolicionistas do pai, acredita que a causa dos negros é o futuro da nação, o que a faz se envolver em projetos audaciosos para uma jovem dama de berço.

Fernão Benício é a esperança dos novos ventos que sopram cada vez mais desraigados entre os jovens brasileiros. Idealista, de mente ágil e empreendedor por vocação, fez a fortuna da família crescer ao se lançar no mercado de valores. Tido por muitos como revolucionário, milita em favor da liberdade e da igualdade. Um descrente no amor, não pretende se casar logo, inventando inúmeras desculpas para evitar o matrimônio.

Violeta e Fernão Benício irão provar que o amor pode nascer do inesperado. Um Amor Inesperado narra a trajetória de Violeta e Fernão Benício, os patriarcas da Família Gusmão de Albuquerque, cujos descendentes tiveram suas histórias

contadas por meio dos livros da Série Belle Époque.



QUANDO ELA CHEGOU

Trilogia *Ela*, 1

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

Disponível em formato físico

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

APAIXONADA POR ARQUITETURA e história, Camila Rossini sonhava se tornar uma arquiteta para trabalhar com restauração e conservação de prédios históricos. Jovem, linda, de personalidade forte e destemida, perfeccionista e detalhista ao extremo, Camila precisou assumir a presidência da construtora da família quando seu irmão mais velho sofreu um grave acidente de trânsito.

Empenhada em manter os negócios da família, Camila deixa de lado seus sonhos e passa a viver para a empresa durante anos. Depois de um longo noivado, é abandonada no altar, o que a leva a questionar as escolhas que fez na vida e a embarcar numa viagem para o exterior.

Ao retornar para o Brasil, Camila decide recomeçar sua vida e realizar seus antigos sonhos. Muda-se para o Rio de Janeiro e aceita o cargo de assistente do genioso e controlador Murilo Mendonça Castro de Alcântara, um arquiteto talentoso e um mulherengo incorrigível. Uma forte atração surgirá entre os dois, fazendo-os sucumbir a uma tórrida paixão, que poderá mudar o curso de suas

vidas para sempre.

Quando ela chegou é o primeiro livro da *Triologia Ela*, que narra os encontros de casais de mundos diferentes que descobrem no amor seu elo mais profundo.



ELA É MINHA

Trilogia *Ela*, 2

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

EM QUANDO ELA CHEGOU, o livro 1 da Trilogia Ela, conhecemos o charmoso e divertido arquiteto Eduardo Botelho Neves, o Edu. Abalado com o casamento de Murilo e Camila, a quem nutria uma paixão, Edu prefere se afastar dos amigos.

Depois de muita insistência, Edu aceita o convite de Murilo para uma confraternização em sua casa, onde conhece Maria Lúcia Oliveira de Souza, a Malu, uma cientista com doutorado em física nuclear, que retorna ao Brasil para resolver pendências de seu misterioso passado.

O que Edu não esperava era se ver às voltas com a cientista e apaixonar-se por ela. Porém, Malu não quer se relacionar com ninguém, dificultando e criando barreiras para que Edu se aproxime.

Edu, um conquistador nato e um sedutor experiente, não mede esforços para conquistar Malu, usando todas as suas habilidades para atraí-la para sua cama. Ele a quer muito e ela se deixa levar pelo prazer. A atração entre os dois passa a ser irresistível e uma perseguição entre eles se inicia, levando-os a descobrir e a experimentar sentimentos nunca antes vividos.

Ela é minha é o segundo livro da Trilogia Ela, que narra os encontros de

casais de mundos diferentes que descobrem no amor seu elo mais profundo.
Faz parte desta edição, como bônus especial, o conto Ela é Perfeita.



EU QUERO ELA

Trilogia *Ela*, 3

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

EM "EU QUERO ELA" é a vez de conhecermos o intelectual Leandro Navarro, um astrofísico introvertido que, arrependido de abandonar Camila no altar, inicia uma busca para encontrá-la e se desculpar pelo que havia feito com a esperança de reviver seu relacionamento.

O que Leandro não esperava era encontrá-la casada e com filhos. Não bastasse o ciúme doentio do marido de sua ex-noiva, Leandro ainda precisará vencer as barreiras impostas pela cunhada de Camila. Ana Margarida Mendonça Marcuzzi, uma jovem extrovertida e cheia de vida, não medirá esforços para proteger o casamento do irmão, lançando mão da sedução para manter o cientista afastado da cunhada.

Desse encontro inusitado surge uma forte atração. Esse sentimento faz com que criem um elo, onde desejo e paixão os conduzirá a descobrir o real significado da palavra amor.

"Eu quero ela" é o terceiro livro da "Trilogia Ela", que narra a estória de casais de mundos diferentes que encontram no amor seu elo mais profundo.

Faz parte desta edição, como bônus especial, o conto *Para sempre ela*.



SEMPRE FOI VOCÊ

Disponível em formato físico

[Compre aqui!](#)

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

DEPOIS DE UMA década e de escolhas erradas, Pedro reencontra a mulher de sua vida. Pedro e Melissa foram namorados na juventude, mas o destino os impediu de ficar juntos. Melissa casou-se com o melhor amigo de Pedro após ter fugido para o exterior. Pedro, por sua vez, casou-se com a irmã mais nova de Melissa. Com o retorno de Melissa ao Brasil, agora viúva, a paixão adormecida entre os dois renasce ainda mais forte.

Preso a um casamento fracassado, Pedro precisará lutar para reconquistar o amor e a confiança de Melissa. Em meio a segredos e intrigas familiares, poderá o amor ser capaz de vencer?



AO SR. L, COM AMOR

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

ATRAVÉS DE CARTAS não enviadas ao Senhor L., o amor idealizado da Senhorita S., conheceremos a transformação de uma menina tímida em uma mulher realizada e segura de suas escolhas. A primeira carta foi escrita no aniversário de 15 anos e, a partir de então, a cada 5 anos, a Senhorita S. escreveu uma nova carta, onde relatou os principais fatos, conquistas e sentimentos dos últimos anos de sua vida e as marcas que um amor não correspondido deixou em sua alma. A última e derradeira carta foi escrita, após um encontro dos dois, 20 anos depois da primeira carta. Na última carta, a senhorita S. despede-se definitivamente da menina que um dia foi e dá boas-vindas à mulher madura e feliz que se tornou.



VIDAS ENTRELAÇADAS

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

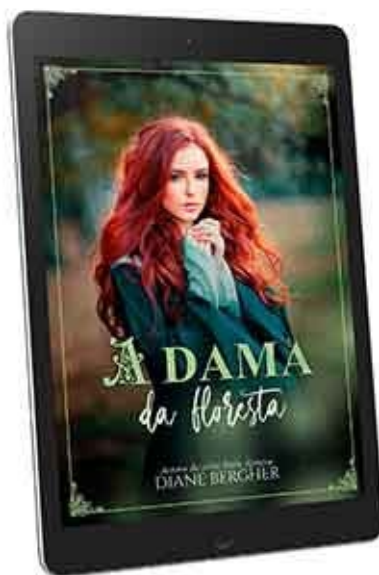
SINOPSE

FREDERICO E JOÃO PEDRO, dois irmãos que cometem o pecado de amar a mesma mulher. Olívia é essa mulher, uma jornalista talentosa e uma mãe solteira dedicada, que desde os 15 anos é atormentada por pesadelos.

O destino trama um reencontro decidido por suas almas há longa data, no qual um acerto de contas é imprescindível para o resgate dos pecados dos três. Paixão e desejo. Intrigas e amarguras. Ódio e amor. Vida e morte. Sentimentos que os macularam além da vida, entrelaçando-os numa ciranda interminável em busca da redenção.

Um enredo instigante, onde o passado interfere no presente de forma tão intensa que pode gerar consequências no futuro. Traumas e medos que marcam o presente de uma mulher, fazendo-a cometer os mesmos erros do passado.

Para corações fortes e apreciadores de um romance dramático, Vidas Entrelaçadas. Suspense, mistérios e um amor mais forte que tudo. Poderá, Olívia, superar as marcas do passado para, enfim, encontrar paz para sua alma atormentada?



A DAMA DA FLORESTA

Dinastia Brinne, livro 1

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

EILEEN CRESCEU ABRIGADA pela proteção da floresta, onde aprendeu a curar utilizando os vários tipos de plantas. Descendente de uma linhagem de curandeiras habilidosas, apenas quer fazer o bem e salvar vidas, seja tratando dos doentes ou trazendo vidas ao mundo. Ganha fama como parteira e é chamada para ajudar no nascimento da filha do Senhor das Terras de Lyndford e da floresta que tem por lar.

Lorde Aaron de Brienne, o novo Duque de Lyndford, atravessou o Canal da Mancha como aliado do Rei Guilherme em busca de prosperidade e riqueza. Foi recompensado com terras e com um título da nobreza, mas perde em pouco tempo a esposa e se vê encantado pela beleza da misteriosa Eileen.

Um encontro não previsto, um amor impressionante que nem os desencontros serão capazes de torná-lo menos forte, e que coloca à prova um juramento de lealdade e conquistas arduamente forjadas na dureza da lâmina de uma espada. Um segredo que ameaça vir à tona, sacrificando mais do que são capazes de suportar. Dois mundos em constante duelo e um amor que precisará romper as

barreiras do preconceito e a ganância dos homens.



O BEIJO DO SERTANEJO

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

FERNANDA É UMA advogada dedicada, apesar de frustrada com o que o destino lhe trouxe. Desejava ter se tornado uma delegada, mas se viu às voltas com a guarda dos filhos do irmão quando ficaram órfãos. Noiva de um juiz por mais tempo do que acredita ser o certo, conformou-se com sua vida entediante e sem graça. Christian Daniel é o sucesso da música sertaneja no momento. Lindo, atraente e talentoso, pode ter a mulher que deseja em sua cama e as dispensa no dia seguinte com toda a segurança que somente um astro pode fazer. Uma noite qualquer e uma confusão sem precedentes coloca Christian Daniel no caminho de Fernanda. Ela é designada pelo chefe para tirá-lo da prisão e ele se encanta pela mulher misteriosa e segura que é Fernanda. Despeitado por ter sido dispensado por Fernanda, Christian Daniel a persegue sem dó nem piedade, enredando-a para dentro de um jogo de sedução e luxúria do qual ambos podem sair chamuscados e apaixonados.



OUTRA VEZ O AMOR

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

DEPOIS DE ALCANÇAR o estrelato como uma das mais importantes bailarinas do Teatro Bolshoi, Betina é chamada pelo tio adoentado, a única pessoa que lhe deu carinho, a voltar para casa. Órfã de mãe e sem saber o paradeiro do pai, dependeu da generosidade dos parentes para sobreviver. Tímida e retraída, cresceu sem chamar a atenção de ninguém. Suas sapatilhas sempre lhe serviram como único consolo.

De volta a Toledo, descobre que sua vida não passou de um emaranhado de mentiras, cuja verdade a fará questionar suas escolhas. No meio de recordações dolorosas e feridas não cicatrizadas, reencontra Hugo, sua paixão da adolescência, agora um pediatra bem-sucedido, mas tão ou mais sedutor do que fora um dia e ainda mais bonito do que recordava.

Decidida a não deixar se afetar por Hugo, Betina tenta afastá-lo, sufocando o amor que sempre sentiu. Mas Hugo não está disposto a deixá-la partir sem saber a verdade que sempre guardou consigo.

Entre encontros e desencontros, Betina e Hugo se entregam à paixão e o desejo os conduz à descoberta do amor. Mas o destino não facilita, exigindo que decisões sejam tomadas para que os erros do passado não os afastem

novamente.

Leia também o projeto “*Coleção Damas do Romance*”.



Série Irmãos Gallagher

Caçada de Mestre, Flávia Padula – Livro 1 -> [Clique aqui!](#)

Jogada de Mestre, Silvana Barbosa – Livro 2 -> [Clique aqui!](#)

Escolha de Mestre, Diane Bergher – Livro 3 -> [Clique aqui!](#)

Sinopse

Burke Gallagher é um irlandês que partiu rumo aos Estados Unidos com apenas dez dólares no bolso e se tornou o dono da maior cervejaria do país, a Cervejaria Gallagher, ficando conhecido no mundo todo pelo excelente produto e por sua perspicácia nos negócios.

Preocupado com o futuro de seus três filhos, decide dar um basta nas suas vidas boas e lhes dá uma ordem: cada um teria que partir para o Oeste com apenas dez dólares no bolso e quem conseguisse ser mais bem-sucedido, no prazo de um ano, ficaria com a fábrica de cerveja. Os irmãos então partem dispostos a vencer o desafio e viverem suas próprias aventuras.

imagem

VINGANÇA & SEDUÇÃO

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

ESPERANDO SE VINGAR da desonra que se abateu sobre sua irmã, Ethan Sinclair, recentemente nomeado Duque de Ross, decide viajar para Londres, onde em uma aposta de cartas ganha o direito de tomar a irmã mais nova de seu inimigo como amante.

Lady Florence Boneville é a mais bela debutante da temporada londrina e se espanta com a audácia do irmão em apostar sua vida em um jogo de cartas. Temendo a ruína da família, aceita viajar com Sinclair até sua propriedade na Escócia, onde pagará pela dívida e enterrará para sempre os sonhos de ter sua própria família.

Mas as coisas não saem como o esperado e um forte sentimento os aproxima de modo a fazê-los reticentes quanto às suas obrigações. A beleza impetuosa de Florence parece encantar o jovem duque, enquanto ela se vê arrebatada pelo vigor de seu amante.

A paixão os arrebatava e o amor acontece, fazendo-os desejar bem mais do que uma temporada na companhia um do outro. Mas há segredos e ressentimentos maiores a serem superados, colocando à prova os sentimentos de ambos.



FOTO

DIANE BERGHER é gaúcha de nascimento. Adotou Florianópolis como o lugar para viver com o marido e filho. É advogada com duas especializações na área e formação em coaching e mentoring. Uma leitora compulsiva e escritora por vocação, acredita que sonhar acordada, fantasiar mundos e transformar realidades é a vocação da sua alma. *Quando Ela Chegou*, sua primeira obra, foi lançada na internet. Com um texto delicado e sensível, o romance conquistou o público feminino do site em que está hospedado.



Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

[Facebook](#) | [Instagram](#) | [Twitter](#)

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para futuros leitores. Obrigada!